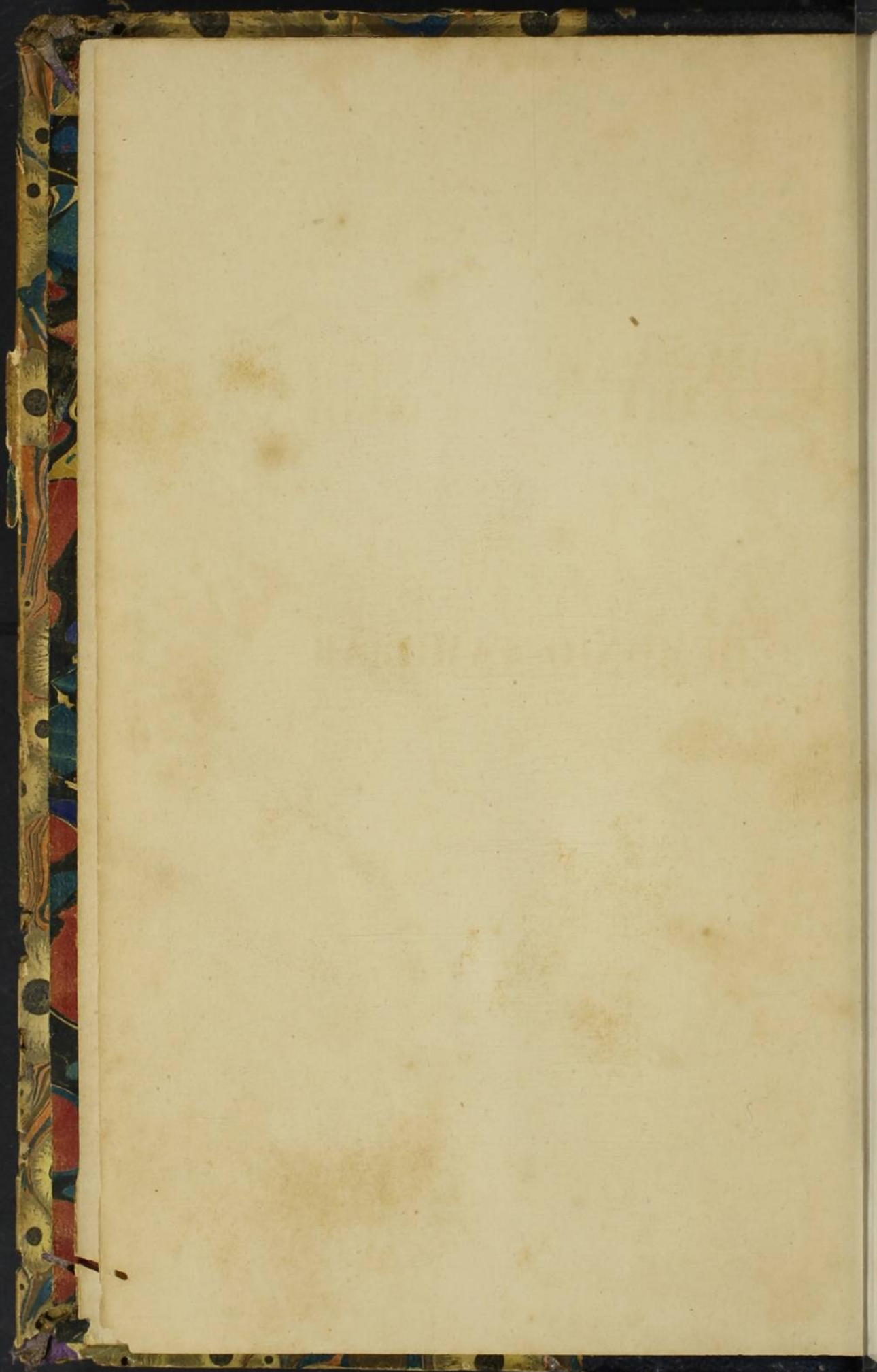


150



0

DEMONIO FAMILIAR

PARIZ. — IMP. DE SIMON RAÇON E COMP., RUA D'ERFURTH, 1.

J. DE ALENCAR

O

DEMONIO FAMILIAR

COMEDIA

EM QUATRO ACTOS

SEGUNDA EDICÇÃO

REVISTA PELO AUTOR

RIO DE JANEIRO

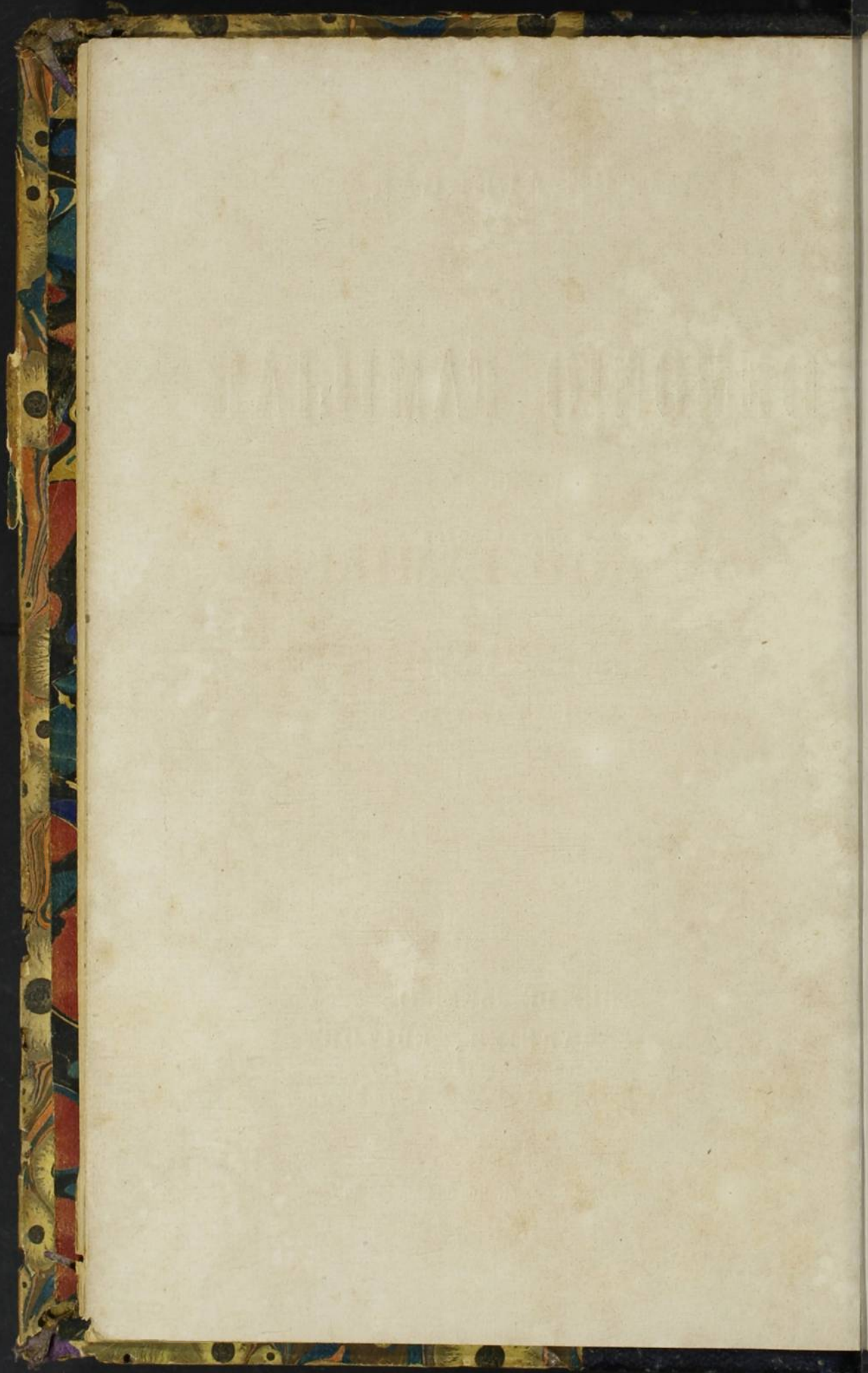
B. L. GARNIER, EDITOR

69, RUA DO OUVIDOR, 69

PARIZ. — GARNIER IRMÃOS, LIVREIROS, RUA DES SAINTS-PÈRES,

1864

Ficção reservados os direitos de propriedade



0.

DEMONIO FAMILIAR

COMEDIA

Representada no G. mnasio a 5 de dezembro de 1857.

DISTRIBUIÇÃO :

DR. EDUARDO.	OS SRs. P. JOAQUIM.
AZEVEDO.	PAIVA.
ALFREDO.	ALMEIDA.
VASCONCELLOS.	GRACA.
PEDRO.	MARTINS.
JORGE.	AS SRAS. E. NORONHA.
CARLOTINHA.	ADELAIDE.
HENRIQUETA.	VELLUTI.
D. MARIA.	J. NORONHA.

A scena é no Rio de Janeiro e de actualidade.

0

DEMONIO FAMILIAR

ACTO PRIMEIRO

Em casa de Eduardo. — Gabinete de estudo.

SCENA PRIMEIRA

CARLOTINHA, HENRIQUETA.

CARLOTINHA.

Mano, mano! (Voltando-se para a porta.) Não te disse? sahio!
(Acenado.) Vem, psio, vem!

HENRIQUETA.

Não : elle pôde zangar-se quando souber.

CARLOTINHA.

Quem vae contar-lhe? Demais, que tem isso? Os homens não dizem que as moças são curiosas?

HENRIQUETA.

Mas, Carlotinha, não é bonito uma moça entrar no quarto de um moço solteiro.

CARLOTINHA.

Sózinha, sim; mas com a irmã não faz mal.

HENRIQUETA.

Sempre faz.

CARLOTINHA.

Ora! Estavas morrendo de vontade.

HENRIQUETA.

Eu não; tu é que me chamaste.

CARLOTINHA.

Porque me fazias tantas perguntinhas, que logo percebi o que havia aqui dentro (no coração).

HENRIQUETA.

Carlotinha!...

CARLOTINHA.

Está bom; não te zangues.

HENRIQUETA.

Não; mas tens lembranças!

CARLOTINHA.

Que parecem esquecimentos, não é? Esquecia-me que não gostas que advinhem os teus segredos.

HENRIQUETA.

Não os tenho.

CARLOTINHA.

Anda lá!... Oh! meu Deos! Que desordem! Aquelle moleque não arranja o quarto do senhor; depois mano vem e fica massado.

HENRIQUETA.

Vamos nós arranja-lo?

CARLOTINHA.

Está dito; elle nunca teve criadas desta ordem.

HENRIQUETA, a meia voz.

Porque não quiz!

CARLOTINHA.

Que dizes?... Cá está uma gravata.

HENRIQUETA.

Um par de luvas.

CARLOTINHA.

As botinas em cima da cadeira.

HENRIQUETA

Os livros no chão.

CARLOTINHA.

Ah! Agora pode-se ver!

HENRIQUETA.

Não abrimos a janella?

CARLOTINHA.

É verdade. (Abre.)

HENRIQUETA.

Daqui vê-se a minha casa; olha!

CARLOTINHA.

Pois agora é que sabes? Nunca viste mano Eduardo nesta janella?

HENRIQUETA.

Não; nunca.

CARLOTINHA.

Falla a verdade, Henriqueta!

HENRIQUETA.

Já te disse que não : se vi, não me lembra. Ha tanto tempo que esta janella não se abre!

CARLOTINHA.

Bravo! Depois não digas que são lembranças minhas.

HENRIQUETA.

O que? O que disse eu?

CARLOTINHA.

Nada; trahiste o teu segredo, minha amiguinha. Se

tu sabes que esta janella não se abre, é porque todos os dias olhas para ella.

HENRIQUETA.

Pois não...

CARLOTINHA.

Para que procuras esconder uma cousa que teus olhos estão dizendo? Tu choras!... Porque? É pelo que eu disse? Perdôa, não fallo mais em semelhante cousa.

HENRIQUETA.

Sim; eu te peço, Carlotinha. Se soubesses o que eu soffro...

CARLOTINHA.

Como! Meu irmão é tão indigno de ti, Henriqueta, que te offendes com um simples gracejo a seu respeito?

HENRIQUETA.

Eu é que não sou digna delle; não mereço, nem mesmo por tua causa, uma palavra de amizade!

CARLOTINHA.

Que dizes! Mano Eduardo te trata mal?

HENRIQUETA.

Mal não; mas com indiferença, com uma frieza!... A's vezes nem me olha.

CARLOTINHA.

Mas antes, quando nos visitavas mais a miudo, e passavas dias comnosco, elle brincava tanto contigo!

HENRIQUETA.

Sim; porém um dia, tu não reparaste talvez; eu lembro-me... ainda me dóe! Um dia vim passar a tarde contigo, e durante todo o tempo que estive aqui, elle não me deu uma palavra.

CARLOTINHA.

Distracção! Não foi de proposito.

HENRIQUETA.

Oh! foi! Desde então essa janella nunca mais se abriu. Agora posso dizer-te tudo... Eu o via do meu quarto a todas as horas do dia; de manhã, apenas acordava, já elle estava; antes de jantar, quando elle chegava, eu o esperava; e á tarde, ao escurecer.

CARLOTINHA.

E nunca me disseste nada!

HENRIQUETA.

Tinha vergonha. Hoje mesmo se não advinhasses, se eu não me trahisse...

CARLOTINHA.

Deixa estar que hei de perguntar-lhe a razão disto.

HENRIQUETA.

Eu te supplico! Não lhe digas nada. Para que? Soffri dois mezes, soffri como tu não fazes idéa. Uns versos sobretudo que elle me mandou, fizeram-me chorar uma noite inteira.

CARLOTINHA.

Mas por isso mesmo! Não quero que elle te faça chorar. Hei de obriga-lo a ser para ti o mesmo que era.

HENRIQUETA.

Agora... É impossivel!

CARLOTINHA.

Porque?

HENRIQUETA.

Não tenho coragem de dizer; e entretanto vim hoje só para dar-te parte e para... despedir-me desta casa.

CARLOTINHA.

Vais fazer alguma viagem?

HENRIQUETA.

Não; mas vou... (Ouve-se subir a escada.)

CARLOTINHA.

É elle! É mano!

HENRIQUETA.

Ah! Meu Deos!

CARLOTINHA.

Depressa! Corre!...

SCENA II

EDUARDO, CARLOTINHA.

EDUARDO.

Pedro!... Moleque!... O bregeiro arda passeiando naturalmente! Pedro!

CARLOTINHA, entrando.

O que quer, mano? Pedro sahio.

EDUARDO.

Onde foi?

CARLOTINHA.

Não sei.

EDUARDO.

Porque o deixaste sahir?

CARLOTINHA.

Ora! Ha quem possa com aquelle seu moleque? É um azougue; nem á mamãe tem respeito.

EDUARDO.

Realmente é insupportavel; já não o posso aturar.

SCENA III

OS MESMOS, PEDRO.

PEDRO.

Senhor chamou?

EDUARDO.

Onde andava?

PEDRO.

Fui ali na loja da esquina.

EDUARDO.

Fazer o que? Quem lhe mandou lá?

CARLOTINHA.

Foi vadiar; é só o que elle faz.

PEDRO.

Não, nãhã; fui comprar soldadinho de chumbo.

EDUARDO.

Ah! O senhor ainda brinca com soldados de chumbo?... Corra, vá chamar-me um tilbury na praça; já, de um pulo.

PEDRO.

Sim, senhor.

SCENA IV

EDUARDO, CARLOTINHA.

CARLOTINHA.

Onde vai, mano?

EDUARDO.

Vou ao Cattete ver um doente; volto já.

CARLOTINHA.

Eu queria fallar-lhe.

EDUARDO.

Quando voltar, menina.

CARLOTINHA.

E porque não agora?

EDUARDO.

Tenho pressa; não posso esperar. Queres ir hoje ao Theatro Lyrico?

CARLOTINHA.

Não, não estou disposta.

EDUARDO.

Pois representa-se uma opera bonita. (Enche a carteira de charutos.) Canta a Charton. Ha muito tempo que não vamos ao theatro.

CARLOTINHA.

É verdade; mas quem nos acompanha é você, e seus trabalhos, sua vida occupada... Depois, mano, noto que anda triste.

EDUARDO.

Triste? Não; é meu genio; sou naturalmente secco; gosto pouco de divertimentos.

CARLOTINHA.

Mas houve um tempo em que não era assim; brincavamos, passavamos as noites a tocar piano e a conversar; você, Henriqueta, e eu. Lembra-se?

EDUARDO.

Se me lembro!... Estava formado ha pouco, não tinha clinica. Hoje falta-me o tempo para as distracções.

SCENA V

OS MESMOS, PEDRO.

PEDRO.

Está ahi o tilbury, sim, senhor; carro novo, cavalinho bom.

EDUARDO.

Agora veja se larga-se outra vez. Quero tudo isto arrumado, no seu lugar; não me toque nos meus livros; escove esta roupa. Respeite-me os charutos. Quem abriu aquella janella?

CARLOTINHA.

Fui eu, mano. Fiz mal?

EDUARDO.

Não gosto que esteja aberta; o vento leva-me os papéis. (A Pedro.) Fecha!

CARLOTINHA.

Você outr'ora gostava de passar as tardes ali fumando ou lendo.

EDUARDO.

Até logo, Carlotinha. Moleque, não saia.

CARLOTINHA.

Ouçá, mano!... Não quer vêr Henriqueta?

EDUARDO.

Ah!... Ha muito tempo não te visitava!

CARLOTINHA.

Por isso mesmo, venha fallar-lhe.

EDUARDO.

Não; já me demorei mais do que pretendia.

CARLOTINHA.

Escute!

SCENA VI

PEDRO, CARLOTINHA.

PEDRO.

Sr. moço Eduardo pensa que a gente tem perna de pãu e não precisa andar!

CARLOTINHA.

Fecha aquella porta!

PEDRO.

Então, nhanhã, Vm. não recebe aquelle bilhete, não?

CARLOTINHA.

Moleque! Tu estás muito atrevido!...

PEDRO.

Pois olhe, nhanhã; o moço é bonito; petimetre mesmo da moda!... Mais do que Sr. moço Eduardo. Xi!... Nem tem comparação!

CARLOTINHA.

Não o conheço!

PEDRO.

Pois elle conhece nhanhã; passa aqui todo o dia. Chapéu branco de castor, desse de aba revirada; chapéo fino; custa caro! Sobrecásaca assim meio-recortada, que tem um nome francez; calça justinha na perna; botã do Dias; bengalinha desse bicho, que se chama *unicorne*.

Se nhandã chegar na janella depois de almoço ha de ver elle passar, só gingando : Tchã, tchá, tchá... Umm!... Moço bonito mesmo!

CARLOTINHA.

Melhor para elle; não faltará moça a quem namore.

PEDRO.

Não falta, não; mas elle só gosta de nhandã. Quando passa, nhandã não vê; mas eu cá de baixo, estou só espreitando; vae olhando para traz, de pescocinho torto! Porém nhandã não faz caso d'elle!

CARLOTINHA.

É um desfructavel! Está sempre a torcer o bigode!

PEDRO.

É da moda, nhandã! Aquelle bigodinho, assim enroscado, onde nhandã vê, é um anzol; anda só pescando coração de moça.

CARLOTINHA.

Moleque, se tu me fallares mais em semelhante cousa, conto a teu senhor. Olha lá!

PEDRO,

Está bom, nhandã; não precisa se zangar. Eu digo ao moço que nhandã não gosta d'elle; que elle tem uma cara de frasquinho de cheiro...

CARLOTINHA.

Dize o que tu quizeres; com tanto que não me contes mais historias.

PEDRO.

Mas agora como ha de ser!... Elle me deo dez mil réis.

CARLOTINHA.

Para que?

PEDRO.

Para entregar bilhete a nhanhã. (Tira o bilhete.) Bilheteinho cheiroso; papel todo bordado!

CARLOTINHA.

Ah! se mano soubesse!

PEDRO.

Elle é amigo de Sr. moço Eduardo.

CARLOTINHA.

Nunca vem aqui!

PEDRO.

Oh! se vem; ainda hontem; por signal que me perguntou se já tinha entregado.

CARLOTINHA.

E tu que respondeste?

PEDRO.

Que nhanhã não queria receber.

CARLOTINHA.

E porque não restituiste a carta?

PEDRO.

Porque a carta veio com os dez mil réis... e eu gastei o dinheiro, nhanhã.

CARLOTINHA.

Ah! Pedro, sabes em que te metteste?

PEDRO.

Mas que tem que nhandã receba! É um moço mesmo na ordem!

CARLOTINHA.

Não!... não devo! (Chega-se á estante e escolhe um livro.)

PEDRO.

Nhandã não ha de ser freira!... (Mette a carta no bolso sem que ella o perceba.) Entregue está ella!

CARLOTINHA.

Que dizes?

PEDRO.

Nada, nhandã! Que Vm. é uma moça muito bonita; e Pedro um moleque muito sabido!

CARLOTINHA.

É melhor que arrumes o quarto de teu senhor, vadio!
(Carlotinha senta-se e lê.)

PEDRO.

Isto é um instante! Mas nhandã precisa casar! Com um moço rico como Sr. Alfredo, que ponha nhandã mesmo no tom, fazendo figurão. Nhandã ha de ter uma casa grande, grande, com jardim na frente, moleque de gesso no telhado; quatro carros na cocheira; duas parrelhas, e Pedro cocheiro de nhandã.

CARLOTINHA.

Mas tu não és meu; és de mano Eduardo.

PEDRO.

Não faz mal; nhandã fica rica, compra Pedro; manda fazer para elle sobrecasaca preta á ingleza: bota de canhão até aqui (marca o joelho); chapéo de castor; tope de sinhá, tope azul no hombro. E Pedro só, traz, zaz, zaz! E moleque da rua dizendo: « Eh! cocheiro de sinhá D. Carlotinha! »

CARLOTINHA.

Cuida no que tens que fazer, Pedro. Teu senhor não tarda.

PEDRO.

É já; não custa! Meio dia, nhandã vai passear na rua do Ouvidor, no braço de marido. Chapéosinho aqui na nuca; peitinho estufado; tundá arrastando só! Assim moça bonita! Quebrando debaixo da seda, e a saia fazendo xô, xô, xô! Moço, rapaz, deputado, tudo na casa do Desmarais de luneta no olho: « Oh! Que paixão!... » O outro já: « V. Ex. passa bem. » E aquelle homem que escreve no jornal tomando nota, para metter nhandã no folhetim!

CARLOTINHA.

Oh! meu Deos! Que moleque fallador! Não te callarás? (Lê.)

PEDRO.

Quando é de tarde carro na porta; parelha de caval-

los brancos, fogosos; Pedro na boléa, direitinho, chapéo de lado, só tenteando as redeas. Nhanhã entra; vestido toma o carro todo; corpinho reclinado embalçando: « Botafogo! » Pedro puchou as redeas; chicote estalou; tã, tã, tã; cavallo toc, toc, toc; carro trrr!... Gente toda na janella perguntando: « Quem é? Quem é? » — « D. Carlotinha!... » Bonito carro! Cocheiro bom!... E Pedro só deitando poeira nos olhos de bolieiro de aluguel.

CARLOTINHA.

Ora, mano não vem! Disse que voltava já!

PEDRO.

De noite, baile de estrondo, como baile do Sr. Barão de Merity; linha de carro na porta, até no fim da rua, e torce na outra; ministro, deputado, senador, homem do paço, só de farda bordada, com pão-de-rala no peito. Moça como formiga! Mas nhandã pisa tudo; brilhante reluzindo na testa como faisca; leque abanando; vestido cheio de renda. Tudo cahido só; com o olho de jacaré assim... E nhandã sem fazer caso.

CARLOTINHA, rindo.

Onde é que tu aprendeste todas essas historias, moleque? Estás adiantado!

PEDRO.

Pedro sabe tudo!... Dahi a pouco musica vom, vom, vom, tra-ra-lá, tra-ra-lá-ta; vem ministro, toma nhandã para dansar contradança; e nhandã só requebrando o corpo! (Arremeda a contradança.)

CARLOTINHA.

Ora senhor! Já se vio que capetinha!

SCENA VII

OS MESMOS, JORGE.

JORGE.

Mana Carlotinha, Henriqueta está lhe chamando para dizer-lhe adeos.

PEDRO.

Sinhã Henriqueta está ahi?

CARLOTINHA.

Ella já vai?

JORGE.

Já está deitando o chapéo.

CARLOTINHA.

É tão cedo ainda!

PEDRO.

Duas horas já deu ha muito tempo em S. Francisco de Paula.

CARLOTINHA, á janella.

Mano não voltará para jantar?...

PEDRO.

Não tarda ahi, nhanhã!

JORGE, na mesa.

Olha! que pintura bonita, Pedro!

PEDRO.

Comece, comece a remexer! Depois fica todo derretido. Foi moleque!...

CARLOTINHA.

Quando Eduardo voltar, vai me chamar; ouviste, Pedro?... Jorge, venha!

JORGE.

Já vou, Carlotinha!

CARLOTINHA.

Não toque nos papeis de Eduardo, elle não gosta.

SCENA VIII

PEDRO, JORGE.

PEDRO, querendo tomar o livro.

Ande, ande nhonhô; vá lá para dentro! Deixe o livro.

JORGE.

Se tu és capaz, vem tomar!

PEDRO.

Ora! É só querer!

JORGE.

Pois eu te mostrarei!

PEDRO.

Está arrumado ! Pedro, moleque capoeira, mesmo da malta, conta lá com menino de collegio ! Caia ! É só neste geito ; pé no queixo, testa na barriga !

JORGE.

Espera ; vou dizer a mamãe que tu estás te engraçando comigo !

PEDRO.

É só o que sabe fazer ; enredo da gente ! Nhonhô não vê que é de brincadeira. Olhe este livro ; tem pintura também ; mulher bonita mesmo ! (Abre o livro.)

JORGE.

Deixa ver ! Bravo !... Que bello ! (Tirando um papel.) Que é isto ?

PEDRO.

Um verso !... Oh ! Pedro vai levar á viuva !

JORGE.

Que viuva ?

PEDRO.

Essa que mora aqui adiante !

JORGE.

Para que ?

PEDRO.

Nhonhô não sabe ? Ella tem paixão forte por Sr. moço Eduardo ; quando vê elle passar, coração faz tuco, tuco, tuco ! Quer casar com doutor.

JORGE.

E mano vai casar com ella?

PEDRO.

Pois então! Mas não vá agora contar a todo o mundo?

JORGE.

E elle gosta daquella mulher tão feia? Antes fosse com D. Henriqueta!

PEDRO.

Menino não entende disto! Sinhá Henriqueta é moça bonita, mas é pobre! A viuva é rica, duzentos contos! Sr. moço casa com ella, e fica capitalista, com dinheiro grosso! Compra carro e faz Pedro cocheiro!... Lêa o verso, nhonhô.

JORGE.

Deixa-me; não estou para isto!

PEDRO.

Ah! se Pedro soubesse ler! (Sentando-se.) Fazia como doutor, sentado na poltrona, com o livro na mão e puchando só a fumacinha do havana. Por fallar em havana... (Ergue-se, vai á mesa e mette a mão na caixa dos charutos.) Com effeito! Sr. moço Eduardo está fumando muito! Uma caixa aberta hontem; neste geito acaba-me os charutos.

JORGE.

Ah! tu estás tirando os charutos de mano!

PEDRO.

Calle a boca, nhonhô Jorge! É para fumar quando nós formos passeiar lá na Gloria, de tarde.

JORGE.

Amanhã?

PEDRO.

Sim.

JORGE.

Eu vou pedir a mamãe?

PEDRO.

Espere; deite sobre-escripto neste verso. Roxo não; viuva não gosta desta côr; verde, côr de esperança!

JORGE.

Toma!

PEDRO.

Prompto!... Agora Pedro chega lá, deita na banquinha de costura, depois volta as costas fazendo que não vê! Ella fogo! (Finge que beija.) Lê, e guarda no seio, tal qual como se Sr. moço mandasse. O peor é se vai perguntar, como outro dia, porque Sr. moço não vai visitar ella; eu respondi que era para não dar que fallar; mas viuva não quer saber de nada; está morrendo por tomar banho na igreja para deixar vestido preto!

JORGE.

Então tu levas versos a ella sem mano mandar?

PEDRO.

Pedro sabe o que faz! Agora veja se vai contar!

JORGE.

Eu não! Que me importa isto!

SCENA IX

PEDRO, ALFREDO.

ALFREDO.

O Dr. Eduardo, não está?

PEDRO.

Não, senhor; sahio, Sr. Alfredo!

ALFREDO.

Então, já entregaste?

PEDRO.

Hoje mesmo!

ALFREDO.

A resposta?

PEDRO.

Logo; é preciso dar tempo; Vm. cuida que moça escreve a vapor! Pois não; primeiro passa um dia inteiro a ler a carta; depois outro dia a olhar assim para o ar com a mão no queixo; depois tem dôr de cabeça para

dormir acordada; por fim vai escrever e rasga um quaderno de papel.

ALFREDO.

Parece-me que tu me estás enganando; não entregaste a carta a D. Carlotinha, e para te desculpar me contas estas historias.

PEDRO.

Não sou capaz de enganar a meu senhor.

ALFREDO.

Pois bem; o que disse ella quando recebeo.

PEDRO.

Perguntou quem era Vm.

ALFREDO.

E tu que respondeste?

PEDRO.

Ora já se sabe, moço rico, bem parecido.

ALFREDO.

Quem te disse que eu era rico? Não quero passar pelo que não sou.

PEDRO.

Não tem nada; riqueza faz crescer amor.

ALFREDO.

Tambem sabes isto?... Mas depois, que fez ella da carta?

PEDRO.

Deitou no bolso. Fui eu que deitei; mas é o mesmo.

ALFREDO.

Como? Foste tu que deitaste...

PEDRO.

No bolso do vestido! Ella estava com vergonha. Sr. Alfredo não sabe moça como é, não?

ALFREDO.

Bem; olha que espero a resposta!

PEDRO.

Dê tempo ao tempo, que tudo se arranja.

SCENA X

OS MESMOS, CARLOTINHA.

CARLOTINHA, fóra.

Pedro!

PEDRO, puchando Alfredo para a porta.

É nhanhã!

ALFREDO.

Não faz mal!

PEDRO.

Este negocio assim não está bom, não!

ALFREDO.

Porque?

CARLOTINHA.

Moleque, tu tiveste o atrevimento... (Vendo Alfredo.) Ah!

ALFREDO.

Perdão, minha senhora; procurava o Dr. Eduardo.

CARLOTINHA.

Elle sahio... Eu vou chamar mamãe...

ALFREDO.

Não precisa, minha senhora; eu me retiro já; mas antes desejava ter a honra de...

PEDRO, baixo, puchando-lhe pela manga.

Não assuste a moça! Senão está tudo perdido.

ALFREDO.

E não hei de fazer a declaração do meu amor?

PEDRO.

Qual declaração! Já não se usa!

ALFREDO.

Então julgas que não devo fallar-lhe?

PEDRO.

Nem uma palavra. Mostre-se arrufado que é para ella responder. Moça é como carrapato, quanto mais a gente machuca, mais elle se agarra.

ALFREDO.

Ah! Ella não quer responder-me! (Comprimenta friamente.)

CARLOTINHA.

Não espera por mano?

ALFREDO.

Obrigado; não desejo encommo-la!

CARLOTINHA.

A mim!

SCENA XI

CARLOTINHA, PEDRO.

CARLOTINHA.

Nem sequer me olhou! E diz que gosta de mim! A primeira vez que me falla...

PEDRO.

O moço está queimado, hi!...

CARLOTINHA.

Ora, que me importa? O que te disse elle?

PEDRO.

Perguntou porque nhandã não queria responder á carta delle?

CARLOTINHA.

Ah! É sobre isto mesmo... Tu sabes o que vim fazer, Pedro?

PEDRO, rindo-sc.

Veio ver Sr. Alfredo!

CARLOTINHA.

Eu advinhava que elle estava aqui?... Vim te chamar porque mamãe quer te perguntar donde sahio esta carta que deitaste no meu bolso.

PEDRO.

Nhanhã foi dizer?... Pois não!... Esta Pedro não engole.

CARLOTINHA.

Chego na sala: vou metter a mão no bolso, encontro um papel; abro-o, é uma carta de namoro! Não sei como mamãe não percebeu!...

PEDRO.

Ah! Nhanhã abriu!... Então lêo.

CARLOTINHA.

Não li! É mentira!

PEDRO, com um muxoxo.

Mosca anda voando; tocou no mel, cahio dentro do prato. Nhanhã leu!

CARLOTINHA.

E que tinha que lesse?

PEDRO.

Se leu deve responder !

CARLOTINHA.

Faz-te de engraçado ! (Dando a carta.) Toma; não quero !

PEDRO.

Nhanhã faz isto a um moço delicado !

CARLOTINHA.

Sahio ; e nem se quer me olhou.

PEDRO.

Não sabe porque? Porque nhanhã não quiz responder á carta delle?

CARLOTINHA.

E o que hei de eu responder?

PEDRO.

Um palavreado, como nhanhã diz quando está no baile?

CARLOTINHA.

Mas elle escreveu em verso.

PEDRO.

Ah ! é verso ! E Vm. não sabe fazer verso?

CARLOTINHA.

Eu não ; nunca aprendi.

PEDRO.

É muito facil , eu ensino a nhanhã ; vejo Sr. moço

Eduardo fazer. Quando é esta cousa que se chama prosa, escreve-se o papel todo; quando é verso, é só no meio, aquellas carreirinhas. (Vai á mesa.) Olhe! olhe nhanhã!

CARLOTINHA.

Sabes que mais : a resposta que eu tenho de dar é esta : diz-lhe que, se deseja casar comigo, falle a mano.

PEDRO.

Ora, tudo está em receber a primeira; depois é carta para lá e carta para cá; a gente anda como correio de ministro.

CARLOTINHA.

Eu te mostrarei.

SCENA XII

PEDRO, EDUARDO e AZEVEDO.

EDUARDO.

Onde vai?

PEDRO.

Ja abrir a porta a meu senhor!

EDUARDO, para a escada.

Entra, Azevedo! Eis-aqui o meu aposento de rapaz solteiro; uma sala e uma alcova. É pequeno, porém basta-me!

AZEVEDO.

É um excellente *appartement*! Magnifico para um *garçon*... Este é o teu *valet de chambre*?

EDUARDO.

É verdade; um vadio de conta!

PEDRO, a Azevedo, em meia voz.

Hô!... Senhor está descompondo Pedro na lingua de francez.

EDUARDO.

Deste lado é o interior da casa; aqui tenho janellas para um pequeno jardim, e uma bella vista. Vivo completamente independente da familia. Tenho esta entrada separada. Por isso podes vir conversar quando quizeres sem a menor cerimonia; estaremos em perfeita liberdade escolastica.

AZEVEDO.

Obrigado; hei de apparecer. Ah! tens as tuas paisagens *signées* Lacroix? Mas não são legitimas; vi-as em Paris *chez Goupil*; fazem uma differença enorme.

EDUARDO.

Não ha duvida; mas não as comprei pelo nome; achei-as bonitas. Queres fumar?

AZEVEDO.

Acceito; esqueci o meu *porte-cigarres*. São excellentes os teus charutos. Onde os compras? No Desmarais?

EDUARDO.

Onde os encontro melhores. (Pedro accende uma vela.)

PEDRO, baixo.

Rapaz muito desfructavel, Sr. moço! Parece cabelle-reiro da rua do Ouvidor!

EDUARDO.

Cala-te!

AZEVEDO, accende o charuto.

Obrigado!... Eis o que se chama em Paris — *parfumer la causerie!*

SCENA XIII

EDUARDO, AZEVEDO.

EDUARDO.

Com que então vais te casar? Ora quem diria que aquelle Azevedo que eu conheci tão voluvel, tão apolo-gista do celibato...

AZEVEDO.

E ainda sou, meu amigo; dou-te de conselho que não te cases. O celibato é o verdadeiro estado!... Lembra-te que Christo foi *garçon!*

EDUARDO.

Sim; mas as tuas theorias não se conformão com esse exemplo de sublime castidade!

AZEVEDO.

Considera, meu caro, a differença que vai da divindade ao homem.

EDUARDO.

Mas emfim sempre te resolveste a casar?

AZEVEDO.

Certas razões!

EDUARDO.

Uma paixão?

AZEVEDO.

Qual! Sabes que sou incapaz de amar o quer que seja; algum tempo quiz convencer-me que o meu *eu* amava a minha *bête*; que era egoista; mas desenganei-me; faço tão pouco caso de mim, como do resto da raça humana.

EDUARDO.

Assim, não amas a tua noiva?

AZEVEDO.

Não, de certo.

EDUARDO.

É rica talvez; casas por conveniencia?

AZEVEDO.

Ora, meu amigo, um moço de trinta annos, que tem, como eu, uma fortuna independente, não precisa tentar a *chasse au mariage*. Com trezentos contos pôde-se viver.

EDUARDO.

E viver brilhantemente; porém não compreendo então o motivo...

AZEVEDO.

Eu te digo! Estou completamente *blasé*; estou gasto para essa vida de *flâneur* dos salões; Pariz me saciou; as grandes *lorettes* me embotarão o coração; *Mabille*, e *Château des Fleurs* embriagarão-me tantas vezes de prazer, que deixarão-me insensível. O amor hoje é para mim um copo de *Cliquot* que espuma no calice, mas já não me tolda o espirito!

EDUARDO.

E esperaste chegar a este estado para te casares?

AZEVEDO.

Justamente. Tiro disso duas conveniencias: a primeira é que um marido como eu está preparado para desempenhar perfeitamente o seu grave papel de carregador do mantelete, do leque ou do binoculo, e de apresentador dos apaixonados de sua mulher.

EDUARDO.

Com effeito! Admiro o sangue frio com que descreves a perspectiva do teu casamento.

AZEVEDO.

Chacun son tour, Eduardo; nada mais justo. A segunda conveniencia, e a principal, é que rico, independente, com alguma intelligencia, quanto basta para es-

perdiçar em uma conversa banal, resolvi entrar na carreira publica.

EDUARDO.

Serriamente?

AZEVEDO.

Já dei os primeiros passos; pretendo a diplomacia ou a administração.

EDUARDO.

E para isso precisas casar?

AZEVEDO.

De certo!... Uma mulher é indispensavel, e uma mulher bonita!... É o meio pelo qual um homem se distingue no *grand monde*!... Um circulo de adoradores cerca immediatamente a senhora elegante e espirituosa que fez a sua apparição nos salões de uma maneira deslumbrante! Os elogios, a admiração, a consideração social acompanhão na sua ascensão esse astro luminoso, cuja cauda é uma crinolina, e cujo brilho vem da casa do Valais ou da Berat, á custa de alguns contos de réis! Ora, como no matrimonio existe a communhão de corpo e de bens, os apaixonados da mulher tornão-se amigos do marido, e vice-versa; o triumpho que tem a belleza de uma, lança um reflexo sobre a posição do outro. E assim consegue-se tudo!

EDUARDO.

Tu gracejas, Azevedo; não é possivel que um homem accite dignamente esse papel. A mulher não é, nem

deve ser um objecto de ostentação que se traga como um alfinete de brilhante ou uma joia qualquer para chamar a attenção!

AZEVEDO.

Bravo! Fizeste a mais justa das comparações, meu amigo! Disseste com muito espirito; a mulher é uma joia, um traste de luxo... E nada mais!

EDUARDO.

Ora não acredito que falles seriamente!

AZEVEDO.

Podes não acreditar, mas isso não impede que a realidade seja essa. Estás ainda muito poeta, meu Eduardo, vai a Paris e volta! Eu fui criança no espirito e voltei com a razão de um velho de oitenta annos.

EDUARDO.

Mas com o coração pervertido!... Ouve, Azevedo. Estou convencido que ha um grande erro na maneira de viver actualmente. A sociedade, isto é, a vida exterior, tem-se desenvolvido tanto que ameaça destruir a familia, isto é, a vida intima. A mulher, o marido, os filhos, os irmãos, atirão-se nesse turbilhão dos prazeres, passam dos bailes aos theatros, dos jantares ás partidas; e quando nas horas de repouso se reúnem no interior de suas casas, são como estrangeiros que se encontram um momento sob a tolda do mesmo navio para se separarem logo. Não ha ahi a doce effusão dos sentimentos, nem o bem-estar do homem que respira n'uma atmospherá

pura e suave. O serão da familia desapareceu; são apenas alguns parentes que se juntão por habito, e que trazem para a vida domestica, um o tedio dos prazeres, o outro as recordações da noite antecedente, o outro o aborrecimento das vigalias!

AZEVEDO.

E que conclues desta tirada philosophico-sentimental?

EDUARDO.

Concluo que é por isso que se encontrão hoje tantos moços gastos como tu; tantas moças para quem a felicidade consiste em uma quadrilha; tantos maridos que correm atraz de uma sombra chamada consideração; e tantos pais illudidos que se arruinão para satisfazer o capricho de suas filhas, julgando que é esse o meio de dar-lhes a ventura!

AZEVEDO.

Realmente estás excentrico. Onde é que aprendeste estas theorias?

EDUARDO.

Na experiencia; tambem fui attrahido, tambem fui levado pela imaginação que me dourava esses prazeres ephemeros; e conheci que só havia nelles de real uma cousa.

AZEVEDO.

O que?

EDUARDO.

Uma lição; uma boa e util lição. Ensinarão-me a esti-

mar aquillo que eu antes não sabia apreciar; fizeram-me voltar ao seio da familia, á vida intima!

AZEVEDO.

Has de mudar. (Toma o chapéo e as luvas.)

EDUARDO.

Não creio!... Já te vais?

AZEVEDO.

Tenho que fazer; algumas massadas de homem que se despede da sua vida de *garçon*. Janto hoje com minha noiva; amanhã parto para minha fazenda, onde me demorarei alguns dias, e na volta terei o prazer de te anunciar com todas as formalidades do estylo, em *carton porcelaine*, sob a competente *enveloppe satinée et dorée sur tranche*, o meu casamento com a Sra. D. Henriqueta de Vasconcellos.

EDUARDO.

Henriqueta!... Ah! É com ella que te casas?

AZEVEDO.

Sim; de que te admiras?

EDUARDO.

Julguei que escolhesses melhor! É tão pobre!

AZEVEDO.

Mas é bonita e tem muito espirito. Ha de fazer furor quando a *Gudin* ageita-la á parisiense.

EDUARDO.

Dizem que é muito modesta.

AZEVEDO.

Toda a mulher é vaidosa, Eduardo; a modestia mesmo é uma especie de vaidade inventada pela pobreza para seu uso exclusivo!

EDUARDO.

Assim estás decidido?

AZEVEDO.

Mais que decidido! Estou noivo já. Adeos, aparece; andas muito raro.

SCENA XIV

EDUARDO, PEDRO.

PEDRO.

O jantar está na mesa.

EDUARDO.

Não me masses! Vai-te embora.

PEDRO.

Sr. não vem então?

EDUARDO.

Chega aqui. Tu sabias que D. Henriqueta estava para casar.

PEDRO.

Sabia, sim, senhor; rapariga della me contou.

EDUARDO.

E porque não vieste dizer-me?

PEDRO.

Porque Vm. me deu ordem que não fallasse mais no nome della.

EDUARDO.

É verdade.

SCENA XV

OS MESMOS, CARLOTINHA.

CARLOTINHA.

Demorou-se muito, mano, eu lhe esperei!... Agora vamos jantar!

EDUARDO.

Não; não tenho vontade; deixa-me.

PEDRO.

Sr. moço está triste porque sinhá Henriqueta vae casar!

EDUARDO.

Moleque!

CARLOTINHA.

Você sabia? Era della mesmo que eu queria fallar-lhe.

EDUARDO.

Sabia; o seu noivo acaba de sahir daqui.

CARLOTINHA.

Um Azevedo? não é?

EDUARDO.

Sim; um homem que, além de não ama-la, estima-a tanto como as suas botas envernizadas e os seus cavallos do Cabo!

CARLOTINHA.

Mas você não sabe a razão desse casamento?

EDUARDO.

Sei, Carlotinha; um amor pobre possui thesouros de sentimentos; mas não é moeda com que se comprem velludos e sedas!

CARLOTINHA.

Oh! mano, não seja injusto; ella me contou tudo!

EDUARDO.

Desejava saber o que te disse.

CARLOTINHA.

Logo; depois de jantar, no jardim. Venha, mamãe está nos esperando.

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO II

Em caza de Eduardo. — Jardim.

SCENA PRIMEIRA

EDUARDO, CARLOTINHA, D. MARIA

EDUARDO.

Lembras-te do que me prometteste?

CARLOTINHA.

Fallar-lhe de Henriqueta?... Lembro-me.

EDUARDO.

Que te disse ella?

CARLOTINHA.

Muita cousa! Mamãe não nos ouvirá?

EDUARDO.

Não; pódes fallar. Estou impaciente!

CARLOTINHA.

Ahi vem ella!

D. MARIA.

Ora Carlotinha; tu com as tuas flores tens tomado de tal maneira os canteiros que já não posso plantar uma hortaliça.

CARLOTINHA.

Porém, mamãe!... É tão bonito a gente ter uma flor, uma rosa para offerecer a uma amiga que nos vem visitar?

D. MARIA.

É verdade, minha filha; mas não te lembras que também gostas de dar-lhes uma fructa delicada... Assim os meus morangos estão morrendo, porque as tuas violetas não deixão...

CARLOTINHA.

É a flôr da minha paixão! As violetas! Que perfume!

D. MARIA.

E os meus morangos, que sabor! Não tenho mais um pé de alface ou de chicoria...

EDUARDO.

Não se agonie, minha mãe; eu mandarei fazer uma pequena divisão no quintal; deste lado Carlotinha terá

o seu jardim; do outro Vm. mandará preparar a sua horta.

D. MARIA.

Estimo muito, meu filho! É por vocês que eu tomo este trabalho.

EDUARDO.

E nós não o sabemos? Todo o nosso amor não paga esses pequenos cuidados, essas atenções delicadas de uma mãe que só vive para seus filhos.

D. MARIA.

O unico amor que não pede recompensa, Eduardo, é o amor de mãe; mas se eu a desejasse, que melhor podia ter do que o orgulho de ver-te em uma bonita posição, admirado pelos teus amigos, e estimado mesmo pelos que não te conhecem?

CARLOTINHA.

Não o deite a perder, mamãe; depois fica todo cheio de si!

EDUARDO.

Por ter uma irmã como tu, não é?

CARLOTINHA.

Não se trata de mim.

D. MARIA.

Vocês ficão? A tarde está bastante frescã!

EDUARDO.

Já vamos, minha mãe.

SCENA II

EDUARDO, CARLOTINHA.

CARLOTINHA.

Ora emfim! Podemos conversar, mano!

EDUARDO.

Sim! Estou ancioso por saber o que ella te disse? Com que fim veio ver-te! Naturalmente foi para dar-me mais uma prova de indifferença participando-te o seu casamento!

CARLOTINHA.

Foi para lhe ver uma ultima vez! Ah! você não se lembra então do que se passou! Falla de indifferença? É ella que se queixa da sua frieza, do seu desdem!

EDUARDO.

Ella queixa-se... E de mim!... Estava zombando?

CARLOTINHA.

Zomba-se com as lagrimas nos olhos, e com a voz cortada pelos soluços?

EDUARDO.

Que dizes? Ella chorava!...

CARLOTINHA.

Sobre o meu seio; e eu não sabia como a consolasse.

EDUARDO.

Não comprehendo!

CARLOTINHA.

Porque?

EDUARDO.

Eu te direi depois. Conta-me o que ella te disse.

CARLOTINHA.

Foi tanta cousa!... Sim; disse-me que todos os dias lhe via da casa della, de manhã e à tarde, na janella do seu quarto.

EDUARDO.

É verdade.

CARLOTINHA.

Mas que uma tarde vindo aqui, mano não lhe deu uma palavra.

EDUARDO.

E a razão disto não declarou?

CARLOTINHA.

Ella ignora!

EDUARDO.

Como!

CARLOTINHA.

Procurou recordar-se das suas menores acções para ver se poderia ter dado causa à sua mudança; e não

achou nada que devesse servir nem mesmo de pre-
texto.

EDUARDO.

Com effeito; o fingimento chega a esse ponto.

CARLOTINHA.

É injusto, mano; aquelle amor não se finge. Quando
ella me recitou os versos que você lhe mandou...

EDUARDO.

Eu... versos?

CARLOTINHA.

Sim; uns versos em que a chamava de namoradeira :
em que a ridicularisava.

EDUARDO.

Mas não ha tal; nunca lhe mandei versos.

CARLOTINHA.

Ella os recebeo de Pedro; eu os vi, escriptos por sua
letra.

EDUARDO.

Não é possível!

CARLOTINHA.

Ha nisto algum engano; deixe-me acabar; depois
verá.

EDUARDO.

Eu te esento.

CARLOTINHA.

Os seus versos...

EDUARDO.

Meus, não.

CARLOTINHA.

Pois bem, os versos causarão-lhe uma dôr mortal; conheceo que mano escarnecia della, e desde então passava as noites a chorar, e o dia a olhar entre as cortinas para ao menos ter o consolo de avista-lo de longe e de relance. Mas você conservava fechada a unica janella na qual ella podia ve-lo.

EDUARDO.

Não sabes porque? Um dia mandou-me dizer por Pedro que a minha curiosidade a incommodava. Desde então privei-me do prazer de olha-la...

CARLOTINHA.

É inexplicavel!... Mas como lhe dizia, passarão-se alguns mezes; ella perdeo a esperauça; seu pae tratou de casa-la; desde que não podia lhe pertencer, pouco lhe importava o homem a quem a destinavão. Consentio em tudo; mas antes de dar a sua promessa difinitiva, quiz ve-lo pela ultima vez...

EDUARDO.

Para que?

CARLOTINHA.

Para que?... O noivo foi hoje jantar em sua casa; ali

às tres horas devia decidir-se tudo... Pois bem, antes de dizer sim, ella veio; e jurou-me por sua mãe, que se encontrasse mano em casa, se mano a olhasse docemente, sem aquelle olhar severo de outr'ora...

EDUARDO.

Que faria?

CARLOTINHA.

Não se casaria; e viveria com essa unica esperança de que um dia mano comprehenderia o seu amor!

EDUARDO.

Assim, como não me encontrou...

CARLOTINHA.

Como você não quiz ve-la!

EDUARDO.

Eu não quiz?... É verdade!

CARLOTINHA.

Quando o chamei, ella nos esperava toda tremula.

EDUARDO.

Podia eu saber? Podia conceber semelhante cousa á vista do que se passou! (Reflectindo) Não; não acredito.

CARLOTINHA.

O que?

EDUARDO.

Que Pedro tenha maquinado semelhante cousa.

CARLOTINHA.

E eu acredito.

EDUARDO.

Vou saber disto! Porém dize-me! Depois?

CARLOTINHA.

Você sahio. Eu esperei muito tempo no seu quarto para ver se voltava. Tardou tanto, que por fim vi-me obrigada a desengana-la.

EDUARDO.

Então ella voltou?...

CARLOTINHA.

Com o coração partido...

EDUARDO.

E foi dar esse consentimento, que seu pae esperava; a esta hora é noiva de um homem que faz della um objecto de especulação. (Passeia.)

SCENA III

OS MESMOS, PEDRO.

PEDRO.

Sinhá velha está chamando nhanhã Carlotinha lá na sala.

CARLOTINHA.

Para que?

PEDRO.

Para ver moleque de realejo que está passando. (A meia voz.) Mentira só!

CARLOTINHA.

O que?

PEDRO.

Boneco de realejo que está dansando!

CARLOTINHA.

Ora, não estou para isso.

PEDRO.

Umm!... menina está reinando. Nhanhã não vae?

CARLOTINHA.

Que te importa? Chega aqui; quero saber uma cousa.

PEDRO.

O que é, nhanhã?

CARLOTINHA.

Mano, vamos perguntar-lhe?

EDUARDO.

Deixa estar; eu pergunto! (Afasta-se com ella.) Escuta; queria pedir-te um favor.

CARLOTINHA.

Falle, mano; precisa pedir?

EDUARDO.

Desejo fallar a Henriqueta. Podes fazer com que ella venha passar a noite contigo?

CARLOTINHA.

Vou escrever-lhe! Estou quasi certa de que ella vem!

EDUARDO.

Obrigado!

SCENA IV

EDUARDO, PEDRO.

EDUARDO.

Vem cá!

PEDRO.

Senhor!

EDUARDO.

Responde-me a verdade.

PEDRO.

Pedro não mente nunca.

EDUARDO.

Que versos são uns que entregaste a D. Henriqueta de minha parte?

PEDRO.

Forão versos que senhor escreveo...

EDUARDO.

Que eu escrevi?

PEDRO.

Sim, senhor.

EDUARDO.

A Henriqueta?

PEDRO.

Não, senhor?

EDUARDO.

A quem então?

PEDRO.

A' viuva.

EDUARDO.

Que viuva?

PEDRO.

Essa que mora aqui adiante; mulher rica; do grande tom.

EDUARDO, rindo.

Ah! lembro-me! E tu levaste esses versos à Henriqueta?

PEDRO.

Levei, sim, senhor.

EDUARDO.

Com que fim, Pedro?

PEDRO.

Sr. não se zanga; Pedro diz porque fez isso.

EDUARDO.

Falla logo de uma vez. Que remedio tenho eu senão vir-me do que me succede.

PEDRO.

Sinhá Henriqueta é pobre; pae anda muito por baixo; e senhor casando com ella não arranja nada! Moça gasta muito; todo o dia vestido novo; camarote no theatro para ver aquella mulher que morre cantando; carro de aluguel na porta; vae passear na rua do Ouvidor, quer comprar tudo que vê.

EDUARDO.

Ora, não sabia que tinha um moralista desta força em casa!

PEDRO.

Depois modista, costureira, homem da loja, cabelleiro, cambista, cocheiro, ourives, tudo mandando a conta; e senhor vexado: « Diz que não estou em casa » como faz aquelle homem que mora defronte!

EDUARDO.

Então foi para que eu não me casasse pobre que fizeste tudo isto? Que inventaste o recado que me deste em nome de Henriqueta?...

PEDRO.

Pedro tinha arranjado casamento bom; viuva rica; duzentos contos; quatro carros; duas parellhas; sala com tapete. Mas senhor estava enfeiticado por sinhá Henriqueta; e não queria saber de nada. Precisava trocar; Pedro troco

EDUARDO.

O que é que trocaste?

PEDRO.

Verso feio da viuva foi para sinhá Henriqueta; verso bonito de sinhá Henriqueta foi para a viuva.

EDUARDO.

De maneira que estou com um casamento arranjado com uma correspondencia amorosa e poetica; e tudo isto graças á tua habilidade?

PEDRO.

Negocio está prompto, sim senhor; é só querer. Pedro de vez em quando leva uma flor ou um verso que senhor deixa em cima da mesa. Já perguntou porque Vm. não vae visitar ella!

EDUARDO, rindo-se.

Eis um corretor de casamentos, que seria um achado precioso para certos individuos do meu conhecimento! Vou tratar de vender-te a algum delles para que possas aproveitar o teu genio industrioso.

PEDRO.

Oh! Não; Pedro quer servir a meu senhor! Vm. perdôa; foi para ver senhor rico!

EDUARDO.

E que lucras tu com isto? Sou eu tão pobre que te falte com aquillo de que precisas? Não te trato mais como um amigo do que como um escravo?

PEDRO.

Oh! trata muito bem; mas Pedro queria que senhor tivesse muito dinheiro e comprasse carro bem bonito para...

EDUARDO.

Para?... Dize!...

PEDRO.

Para Pedro ser cocheiro de senhor!

EDUARDO.

Então a razão unica de tudo isto é o desejo que tens de ser cocheiro?

PEDRO.

Sim, senhor!

EDUARDO, rindo-se.

Muito bem! Assim pouco te importava que eu ficasse mal com uma pessoa que estimava; que me casasse com uma velha ridicula, comtanto que governasses dous cavallos em um carro! Tens razão!... E eu ainda devo

dar-me por muito feliz, que fosse esse o motivo que te obrigasse a trahir a minha confiança.

SCENA V

PEDRO, CARLOTINHA.

CARLOTINHA.

Já escrevi! Ah! mano não está!... Pedro!...

PEDRO.

Nhanhã!

CARLOTINHA.

Que fazes tu ahi?

PEDRO.

Oh! Pedro não está bom hoje, não; senhor está zangado.

CARLOTINHA.

Porque? Por causa de Henriqueta?

PEDRO.

Sim; Pedro fez historia de negro; enganou senhor. Mas hoje mesmo tudo fica direito.

CARLOTINHA.

Que vais tu fazer? Melhor é que estejas socegado!

PEDRO.

Oh! Pedro sabe como ha de arranjar este negocio.

Nhanhã não se lembra, no theatro lyrico, uma peça que se representa, e que tem homem chamado Sr. Figaro, que canta assim :

Tra-la-la-la-la-la-la-la-tra!!
Sono un barbiere di qualità!
Fare la barba per carità!...

CARLOTINHA, rindo-se.

Ah! O Barbeiro de Sevilha!

PEDRO.

É isso mesmo. Esse barbeiro, Sr. Figaro, homem fino mesmo, faz tanta cousa que arranja casamento de sinhã Rosinha com nhônhô Lindoro. E velho doutor fica chupando no dedo, com aquelle frade D. Basilio!

CARLOTINHA.

Que queres tu dizer com isto?

PEDRO.

Pedro tem manha muita; mais que Sr. Figaro! Ha de arranjar casamento de Sr. moço Eduardo com sinhã Henriqueta. Nhanhã não sabe aquella aria que canta sujeito que falla grosso? (Cantando.) *La calunnia!*...

CARLOTINHA.

Deixa-te de prosas!

PEDRO.

Prosa, não; é verso! Verso italiano que se canta!

CARLOTINHA, rindo.

Tu tambem sabes italiano?

PEDRO.

Ora! Quando Sr. moço era estudante e mandava levar ramo de flor á dansarina do theatro, aquella que tem perna de engonço, Pedro fallava mesmo como patricio della : « *Un fiore, signorina!* »

CARLOTINHA.

Ah! mano mandava flores ás dansarinas! (A meia voz.)
E diz que amava a Henriqueta!

PEDRO.

Ora moço pôde gostar de tres moças ao mesmo tempo. Esse bicho que se chama amor, está nos olhos, nos ouvidos e no coração : moço gosta de mulher bonita só [para ver, de mulher de theatro só para ouvir cantar, e de mulher de casamento para pensar nella todo o dia!

CARLOTINHA.

Não sejas tolo! A gente só deve gostar de uma pessoa!
Aposto que o tal Sr. Alfredo é desses!

PEDRO.

Qual! Sr. Alfredo é só de nanhã; mas é preciso responder a elle.

CARLOTINHA.

Já não te disse a resposta; porque não deste?

PEDRO.

Homem não gosta dessa resposta de boca; diz que é mentira. Gosta de papelinho para guardar na carteira, lembrando-se de anjinho que escreveu.

CARLOTINHA.

Escrever, nunca; não tenho animo!...

PEDRO.

Pois, olhe : nhanhã tira duas violetas; põe uma nos cabellos, manda outra a elle! Isto de flor!... Umm!... Faz cocega no coração.

CARLOTINHA.

Deste modo... sim... eu podia...

PEDRO.

Então vá buscar a flor já! Pedro leva!

CARLOTINHA.

Não, não quero!

PEDRO.

Eu vou ver!

CARLOTINHA.

Não é preciso! Eu tenho!...

PEDRO.

Ah! nhanhã já tem!

CARLOTINHA.

Estão aqui. (No seio.)

PEDRO.

Melhor! Dê cá, nhanhã.

CARLOTINHA.

Mas olha!... Não!

PEDRO, tomando.

Hi!... Sr. Alfredo vae comer esta violeta de beijo só, quando souber que esteve no seio de nhanhã!

CARLOTINHA.

Dá-me! não quero!...

SCENA VI

CARLOTINHA, EDUARDO.

CARLOTINHA.

Meu Deos! Ah! mano.

EDUARDO.

Já sube tudo, uma malignidade de Pedro. É a consequencia de abrigarnos em nosso seio esses reptis venenosos, que quando menos esperamos nos mordem no coração! Mas emfim ainda se póde reparar. Escreveste a Henriqueta?

CARLOTINHA.

Sim; a resposta não deve tardar!

EDUARDO.

Tu és um anjo, Carlotinha!

CARLOTINHA.

Como se engana, mano!

EDUARDO.

Que queres dizer?

CARLOTINHA.

Nada! Eu devia lhe contar! Mas...

EDUARDO.

Tens alguma cousa a dizer-me? Porque não fallas?

CARLOTINHA.

Tenho medo!

EDUARDO.

De teu irmão! Não tens razão!

CARLOTINHA.

Mesmo por ser meu irmão, não gostará....

EDUARDO.

Mais um motivo. Um irmão, Carlotinha, é para sua irmã menos do que uma mãe, porém mais do que um pae; tem menos ternura do que uma, e inspira menos respeito do que o outro. Quando Deos o collocou na familia a par dessas almas puras e innocentes como a tua, deu-lhe uma missão bem delicada; ordenou-lhe que moderasse para sua irmã a excessiva austeridade de seu pae,

e a ternura muitas vezes exagerada de sua mãe; elle é homem e moço; conhece o mundo, porém também comprehende o coração de uma menina, que é sempre um mytho para os velhos já esquecidos de sua mocidade. Portanto a quem melhor pôdes contar um segredo do que a mim?

CARLOTINHA.

É verdade; suas palavras me decidem; você é meu irmão, e o chefe da nossa familia, desde que perdemos nosso pae. Devo dizer-lhe tudo; tem o direito de reprehender-me!

EDUARDO.

Commetteste alguma falta!

CARLOTINHA.

Creio que sim! Uma falta bem grave!

EDUARDO.

Minha irmã!... Acaso terás esquecido!...

CARLOTINHA.

Oh! se toma esse ar severo não terei animo de dizer-lhe!

EDUARDO, com esforço.

Estou calmo, mana, não vês. Falla!

CARLOTINHA.

Sim! Sim! É que me custa a dizer!... Não faz idéa!

EDUARDO.

Vamos! Coragem!

CARLOTINHA.

Conhece um moço, que ás vezes lhe vem procurar...
chama-se Alfredo!...

EDUARDO.

Que tem?...

CARLOTINHA.

Pois esse moço... ama-me, e...

EDUARDO.

E que fizeste?

CARLOTINHA, atirando-se ao peito de Eduardo.

Mandei-lhe uma flor!... mas uma só!

EDUARDO.

Ah! Assim é esta a falta que commetteste! A primeira
e a unica!

CARLOTINHA.

Não!... Devo dizer-lhe tudo! Li esta carta. Tome; ella
queima-me o seio.

EDUARDO, lendo.

Quem te entregou?

CARLOTINHA.

Pedro; deitou no meu bolso sem que o percebesse.

O DEMONIO FAMILIAR.

EDUARDO.

Oh! eu adivinhava!... E respondeste?

CARLOTINHA.

Pois a violeta foi a resposta! Não queria dar! Mas lembrei-me que assim como Henriqueta lhe amava, também eu podia ama-lo!...

EDUARDO.

Tens razão, minha irmã; commetteste uma falta; mas te arrependeste a tempo. Não te envergonhes disto; és moça e inexperiente; a culpa foi minha, e minha só.

CARLOTINHA.

Sua, mano! Como?

EDUARDO.

Eu te digo : acabas de dar-me uma prova do teu discernimento; o que vou dizer-te será uma lição. Os moços ainda os mais tímidos como eu, minha irmã, sentem quando entram na vida uma necessidade de gosar desses amores que durão alguns dias, e que passão deixando o desgosto n'alma! Eu fui fascinado pela mesma miragem; depois quiz esquecer Henriqueta, e procurei nos olhares e nos sorrisos das mulheres um balsamo para o que eu soffria. Illusão! o amor vivia; e nas minhas extravagancias o que eu esquecia é que tinha uma irmã innocente confiada á minha guarda. Imprudente, eu abrigava no seio de minha familia, no meu lar domestico, a testemunha e o mensageiro de minhas loucuras : alimen-

tava o verme que podia crestar a flor de tua alma. Sim, minha irmã! Tu commetteste uma falta; eu commetti um crime!

CARLOTINHA.

Não se accuse, mano; é severo de mais para uma cousa que ordinariamente fazem os moços na sua idade!

EDUARDO.

Porque não reflectem!... Se elles conhecessem o fel que encobrem essas rosas do prazer, deixa-las-hião murchar, sem sentir-lhes o perfume! Ha certos objectos tão sagrados que não se devem manchar nem mesmo com a sombra de um máo exemplo! A reputação de uma moça é um delles. O homem que tem uma familia está obrigado a respeitar em todas as mulheres a innocencia de sua irmã, a honra de sua esposa, e a virtude de sua mãe. Ninguem deve dar direito a que suas acções justifiquem uma suspeita ou uma calumnia.

CARLOTINHA.

Está bom; não vá agora ficar triste e pensativo por isso; já lhe disse tudo; já lhe dei a carta; prometto-lhe não pensar mais nelle. Duvida de mim?

EDUARDO.

Não. Agradeço a tua confiança; e acredita que saberei usar della. Já volto.

CARLOTINHA.

Que vae fazer?

EDUARDO.

Escrever uma carta; ou antes responder á que recebeste.

CARLOTINHA.

Como, Eduardo!...

EDUARDO.

Logo saberás.

CARLOTINHA.

Mas não se zangue com elle; sim!

EDUARDO.

Tranquillisa-te; elle te interessa, é um titulo para que eu o respeite.

SCENA VII

CARLOTINHA, HENRIQUETA.

HENRIQUETA, fóra.

Carlottinha!...

CARLOTINHA.

Henriqueta! — Ah! Eu te esperava!

HENRIQUETA.

E tinhas razão... Mas antes de tudo!... É verdade?...
O que me escreveste?...

CARLOTINHA.

Sim; elle te ama, e te amou sempre! Um engano, uma fatalidade...

HENRIQUETA.

Bem cruel!... Eu perdoaria de bom grado á sorte todas as minhas lagrimas, mas não lhe perdoo o fazer-me mulher de outro!

CARLOTINHA.

Então, está decidido!

HENRIQUETA.

Eu não te disse! Sou sua noiva! Meu pae deo-lhe a sua palavra. Elle me acompanha já com direito de senhor. Por sua causa estive quasi não vindo...

CARLOTINHA.

Como assim? Elle recusaria...

HENRIQUETA.

Não; mas meu pae convidou-o para acompanhar-nos; e eu lembrei-me que Eduardo soffreria tanto vendo-me junto desse homem, que um momento fiquei indecisa!

CARLOTINHA.

Porque? Elle sabe que tu não o amas.

HENRIQUETA.

Não importa!

CARLOTINHA.

Mas enfim vieste. Fizeste bem!

HENRIQUETA.

Não sei se fiz bem. Fui arrastada! Creio que aos pés do altar se elle me chamasse, eu ainda me voltaria para dizer-lhe, emquanto sou livre, que o amo, e que só amarei a elle!

SCENA VIII

OS MESMOS, VASCONCELLOS, D. MARIA, AZEVEDO.

VASCONCELLOS.

Onde está o nosso Doutor? Não ha mais quem o veja.

CARLOTINHA.

Subio ao seu quarto; já volta.

VASCONCELLOS.

Oh! D. Carlotinha! Como está?!... Apresento-lhe meu genro, o Sr. Azevedo. (A Azevedo.) É a mais intima amiga de Henriqueta.

AZEVEDO.

E eu mais intimo amigo de seu irmão! Ha portanto dois motivos bastante fortes para o meu respeito e consideração.

CARLOTINHA.

Muito obrigada! (A Henriqueta.) Vae te sentar; estás toda tremula!

HENRIQUETA, baixo.

E elle, porque não vem!

CARLOTINHA.

Não tarda! (Afastão-se.)

VASCONCELLOS, a D. Maria.

Parece-me um excellente moço; e estou certo que ha de fazer a felicidade de minha filha.

D. MARIA.

É o que desejo; tenho muita amizade à sua menina e estimo que seu marido reúna todas as qualidades.

VASCONCELLOS.

Para mim, se quer que lhe falle a verdade, só lhe noto um pequeno defeito.

D. MARIA.

Qual? É jogador?

VASCONCELLOS.

Não; o jogo já não é um defeito, segundo dizem; tornou-se um divertimento do bom tom. O que noto em meu genro, e que desejo corrigir-lhe, é o máo costume de fallar metade em francez e metade em portuguez, de modo que ninguem o póde entender!

D. MARIA.

Ah! Não observei ainda!

VASCONCELLOS.

É uma mania que elles trazem de Pariz, e que os

torna soffrivelmente ridiculos. Mas não se querem vencer!

AZEVEDO.

Tem um bello jardim, minha senhora; um verdadeiro *bosquet*. *Oh! c'est charmant!* Não perdoo porém a meu amigo Eduardo, não o ter aproveitado para fazer um *kiosque*. Ficaria magnifico!

VASCONCELLOS.

Então, entendeo?

D. MARIA.

Não; absolutamente nada!

VASCONCELLOS.

O mesmo me succede! Tanto que ás vezes ainda duvido que realmente elle me tenha pedido a mão de Henriqueta!

D. MARIA.

Ora! É de mais! (Sóbem.)

AZEVEDO, a Carlotinha.

Aqui passa V. Ex. naturalmente as tardes, conversando com as suas flores, em doce e suave *rêverie*!

CARLOTINHA.

Não tenho o costume de sonhar acordada; isso é bom para as naturezas poeticas.

AZEVEDO.

Les hommes sont poëtes; les femmes sont la poésie,

disse um distincto escriptor. Oh! eis a flôr classica da belleza.

CARLOTINHA.

A camelia?

AZEVEDO.

Sim, a camelia é hoje em Pariz mais do que uma simples flôr; é uma condecoração que a moda, verdadeira soberana, dá á mulher elegante.

CARLOTINHA.

Parece-me que uma senhora não precisa de outro distinctivo além de suas maneiras e de sua graça natural. Que dizes, Henriqueta?...

HENRIQUETA.

Tens razão, Carlotinha; não é o enfeite que faz a mulher; é a mulher que faz o enfeite; que lhe dá a expressão e o reflexo de sua belleza.

AZEVEDO.

Theorias!... *Fumées d'esprit!*... (A Carlotinha.) Mas, minha senhora, disse ha pouco que podia-se fazer deste jardim um paraíso!

CARLOTINHA.

Como? diga-me; quero executar perfeitamente o seu plano.

AZEVEDO.

Com muito gosto. Vou traçar-lhe em miniatura o jardim de minha casa, de nossa casa, D. Henriqueta.

CARLOTINHA, a Henriqueta.

Deixo-te só! (Dá o braço a Azevedo.)

AZEVEDO.

Aqui *un jet d'eau*. A' noite é de um effeito maravilhoso! Além de que espalha uma frescura! (Afastão-se.)

SCENA IX

OS MESMOS, HENRIQUETA, EDUARDO, VASCONCELLOS,
D. MARIA.

EDUARDO.

D. Henriqueta!

HENRIQUETA.

Ah!... Sr. Eduardo.

VASCONCELLOS.

Como está! Eu não passo bem das minhas enxaquecas!

D. MARIA.

É do tempo!

VASCONCELLOS.

Qual, D. Maria! Molestia de velho! Onde está elle?
(\ Eduardo.) Quero apresentar-lhe meu futuro genro.

EDUARDO.

Conheço-o; é um dos meus camaradas de collegio!

VASCONCELLOS.

Ah! Estimo muito. (A D. Maria.) Eu cá não tenho camaradas de collegio : mas tenho-os de fogo! Na guerra da Independencia...

AZEVEDO, voltando.

Acabo de dar um passeio pelos Campos Elisios!

CARLOTINHA.

Na imaginação!... É lisongeiro para mim!

EDUARDO.

Boa tarde, Azevedo!

HENRIQUETA, a Carlotinha.

Ah! nunca esperei!

CARLOTINHA.

O que?

HENRIQUETA.

Tu me illudiste!

AZEVEDO.

Participo te, meu caro, que tens uma irmã encantadora. Estou realmente fascinado. A sua conversa é uma *gerbe* de graça; uma *fusée* de ditos espirituosos!

EDUARDO.

Admira! Pois nunca foi a Pariz, nem está habituada a conversar com os moços elegantes!...

AZEVEDO.

É realmente *étonnant*!

VASCONCELLOS.

Ora, meu genro, se o Sr. continúa a fallar desta maneira, obriga-me a trazer no bolso daqui em diante um dictionario de Fonseca.

AZEVEDO.

Os estrangeiros tem razão! Estamos ainda muito atrasados no Brazil!

D. MARIA.

Entremos; é quasi noite!

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO III

Em casa de Eduardo. — Sala interior.

SCENA PRIMEIRA

EDUARDO, HENRIQUETA, CARLOTINHA, AZEVEDO,
VASCONCELLOS, D. MARIA, PEDRO, JORGE.

Toma-se chá. Na mesa do centro Carlotinha e Azevedo : á direita Vasconcellos e D. Maria : á esquerda Henriquetta : Eduardo passeia : Jorge n'uma banquinha á esquerda. Pedro serve.

CARLOTINHA.

Ora, Sr. Azevedo! Pois o senhor esteve em Pariz e não aprendeu a fazer chá?!...

AZEVEDO.

Pariz, minha senhora, não sabe tomar chá; é o privilegio de Londres.

D. MARIA, a Pedro.

Serve ao Sr. Vasconcellos.

PEDRO, baixo, a Jorge.

Eh! nhonhô! Hoje não fica pão no prato, velho jarreta limpa a bandeja.

VASCONCELLOS.

Excellentes fatias! É uma cousa que em sua casa sabem preparar.

CARLOTINHA.

Mano Eduardo, venha tomar chá

EDUARDO.

Não; depois.

PEDRO, baixo, a Carlotinha.

Nhanhã está enfeitçando o moço!

CARLOTINHA.

Henriqueta, não dizes nada! Estás tão callada!

HENRIQUETA.

Tu me deixaste sózinha.

CARLOTINHA.

Tens razão!... Ora, mano, deixe-se de passeiar e venha conversar com a gente.

AZEVEDO.

É verdade. Em que pensas, Eduardo? Na homeopathia ou n'alguma belleza *inconnue*?

EDUARDO.

Penso na theoria do casamento que me expozeste esta manhã; estou convertido às tuas idéas.

AZEVEDO.

Ah!... D. Carlotinha, não quer que a sirva?

CARLOTINHA, ergue-se, a Eduardo.

Vae te sentar junto de Henriqueta.

EDUARDO, baixo.

Não; si me sento junto della esqueço tudo. Tu me lembraste ha pouco que sou o chefe de uma familia.

CARLOTINHA.

Não lhe entendo.

EDUARDO. .

Daqui ha pouco entenderás.

D. MARIA.

Tens alguma cousa, meu filho?

EDUARDO.

Não, minha mãe; espero alguém que tarda.

CARLOTINHA, a Henriqueta.

Não te zangues!... (Beija-a na face.)

HENRIQUETA.

Não; já estou habituada.

PEDRO, servindo Henriqueta.

Sr. moço Eduardo gosta muito de sinhá Henriqueta.

HENRIQUETA.

Agora é que me dizes isto!

PEDRO.

Elle ha de casar com sinhá!

AZEVEDO.

D. Maria, sabe! Sua filha está zombando desapiedadamente de mim.

CARLOTINHA.

Não creia, mamãe.

D. MARIA.

De certo; não é possível, Sr. Azevedo!

VASCONCELLOS, a Pedro.

Deixa ver isto!

PEDRO, baixo.

Sr. Vasconcellos come como empigem!

VASCONCELLOS.

Heim!... (D. Maria senta-se.)

PEDRO.

Este pão está muito gostoso!

JORGE.

Vem cá, Pedro!

PEDRO, baixo.

Guarda nhonhô! Sinhá velha está só com olho revirado para ver se Pedro mette biscoito no bolso.

CARLOTINHA.

Ora, Sr. Azevedo, não gosto de cumprimentos. Todo esse tempo, Henriqueta, o teu noivo não fez outra cousa senão dirigir-me finezas. Previno-te para que não acredites nellas!

HENRIQUETA.

Estás tão alegre hoje, Carlotinha.

CARLOTINHA, baixo.

Isto quer dizer que estás triste! Tens razão! Fui egoista. Mas elle te ama!

HENRIQUETA.

Tu o dizes!

AZEVEDO, a Eduardo.

Realmente não pensava encontrar no Rio de Janeiro uma moça tão distincta como tua irmã. É uma verdadeira Parisiense.

CARLOTINHA.

Vamos para a salla! Venha, Sr. Azevedo. Mano...

SCENA II

VASCONCELLOS, PEDRO, D. MARIA, JORGE.

VASCONCELLOS.

É preciso tambem pensar em casar a Carlotinha, D. Maria; já é tempo!

D. MARIA.

Sim, está uma moça; mas, Sr. Vasconcellos, não me preocupu com isto. Ha certas mães que desejão ver-se logo livres de suas filhas, e que só tratão de casa-las; eu sou o contrario.

VASCONCELLOS.

Tem razão; tambem eu se não estivesse viuvo!... Mas isso de um homem não ter a sua dona de casa, é terrivel! Anda tudo às avessas.

D. MARIA.

Por isso não; Henriqueta é uma boa menina! Bem educada!...

VASCONCELLOS.

Sim, é uma moça do tom; porém não serve para aquillo que se chama uma dona de casa! Estas meninas de hoje aprendem muita cousa : francez, italiano, desenho e musica, mas não sabem fazer um bom doce de

ovos, um biscoito gostoso! Isto era bom para o nosso tempo, D. Maria!

D. MARIA.

Erão outros tempos, Sr. Vasconcellos; os usos devião ser differentes. Hoje as moças são educadas para a sala; antigamente erão para o interior da casa!

VASCONCELLOS.

Que é o seu verdadeiro elemento. Confesso que hoje que vou ficar só, se ainda encontrasse uma daquellas senhoras do meu tempo, mesmo viuva!...

D. MARIA.

Vamos ouvir as meninas tocarem piano!... Cà deve estar mais fresco!

Durante as scenas seguintes ouve-se por momentos o piano.

SCENA III

PEDRO, JORGE.

PEDRO.

Hô!... Taboa mesmo na bochecha! Sinhá velha não brinca! Ora, senhor! Homem daquella idade que não serve para mais nada, querendo casar! Para ter mulher que lhe tome pontos nas meias!

JORGE.

Vou me divertir com elle.

PEDRO.

Não; sinhá briga. Vá sentar-se lá junto de nhandã Carlotinha, e ouça o que Sr. Azevedo está dizendo a ella.

JORGE.

Para que?

PEDRO.

Para contar a Pedro depois.

JORGE.

Eu, não!

PEDRO.

Pois Pedro não leva nhonhô para passeiar na rua do Ouvidor.

JORGE.

Ora, eu já vi!

PEDRO.

Mas agora é que está bonita! Tem homem de páu vestido de casaca, com barba no queixo, em pé na porta da loja; e moça rodando como corropio na vidraça de cabelleireiro!

JORGE.

Está bom! Eu vou!

SCENA IV

PEDRO, VASCONCELLOS, JORGE.

VASCONCELLOS.

Não deixaria por aqui a minha caixa e o meu lenço?

PEDRO, a Jorge.

Um dia é capaz tambem de deixar o nariz!... Vintem é que não esquece nunca! Está grudado dentro do bolso!

JORGE.

Lá no sofá, Sr. Vasconcellos!

VASCONCELLOS.

Ah! cá está! Acabou-se-me o rapé! Chega aqui, Pedro!

PEDRO, a Jorge.

Já vem com massada! (Alto.) Sr. quer alguma cousa?

VASCONCELLOS.

Vai n'um pulo ali em casa, pede a Josefa que me encha esta caixa de rapé, e traze depressa.

PEDRO.

Sim, senhor; Pedro vae correndo.

VASCONCELLOS.

Olha; não te esqueças de dizer-lhe que eu sei a altura

em que deixei o bote. A's vezes gosta de tomar a sua pitada à minha custa.

PEDRO.

Mas, Sr. Vasconcellos...

VASCONCELLOS.

O que é? (Jorge sahe.)

PEDRO.

Nhonhô dá uns cobres para comprar... uma jaqueta.

VASCONCELLOS.

Ora que luxo!... Uma jaqueta com este calor?

PEDRO.

É para passeiar n'um domingo, dia de procissão!

VASCONCELLOS.

Pede a teu senhor!

PEDRO.

Qual!... Elle não dá!

VASCONCELLOS.

Bom costume este! Vocês fazem pagar caro o chá que se toma nestas casas! Mas eu não concorro para semelhante abuso!

PEDRO.

Ora! dez tostões; moedinha de prata! Chá no hotel custa mais caro!

VASCONCELLOS.

Sim; vae buscar o rapé e na volta fallaremos.

(Batem palmas.)

SCENA V

EDUARDO, ALFREDO.

ALFREDO.

Boa noite. Ah! Dr. Eduardo...

EDUARDO.

Sente-se, Sr. Alfredo; preciso fallar-lhe.

ALFREDO.

Peço-lhe desculpa de me ter demorado; mas quando levarão o seu bilhete não estava em casa; ha pouco é que o recebi e immediatamente...

EDUARDO.

Obrigado; o que vou dizer-lhe é para mim de grande interesse, e por isso espero que me ouça com attenção.

ALFREDO.

Estou às suas ordens.

EDUARDO.

Sr. Alfredo, minha irmã me pedio que lhe entregasse esta carta.

ALFREDO.

A minha!...

EDUARDO.

Sim. Quanto á resposta, é a mim que compete dá-la. É o direito de um irmão, não o contestará de certo.

ALFREDO.

Póde fazer o que entender. (Ergue-se.)

EDUARDO.

Queira sentar-se, senhor; creio que fallo a um homem de honra, que não deve envergonhar-se dos seus actos.

ALFREDO.

Eu o escuto!

EDUARDO.

Não pense que vou dirigir-lhe exprobações. Todo o homem tem o direito de amar uma mulher; o amor é um sentimento natural e espontaneo; por isso não estranho, ao contrario estimo, que minha irmã inspirasse uma affeição a uma pessoa cujo character aprecio.

ALFREDO.

Então não sei para que essa especie de interrogatorio!...

EDUARDO.

Interrogatorio? Ainda não lhe fiz uma só pergunta, e nem preciso fazer. Tenho unicamente um obsequio a pedir-lhe; e depois nos separaremos amigos ou simples conhecidos.

ALFREDO.

Póde fallar, Dr. Eduardo. Começo a comprehendê-lo; e sinto ter a principio interpretado mal as suas palavras.

EDUARDO.

Ainda bem! Eu sabia que nos havíamos de entender; posso ser franco. Um homem que ama realmente uma moça, Sr. Alfredo, não deve expo-la ao ridiculo e aos motejos dos indifferentes; não deve deixar que a sua affeição seja um thema para a malignidade dos vizinhos e dos curiosos.

ALFREDO.

É uma accusação immerecida! Não dei ainda motivos...

EDUARDO.

Estou convencido disso; e é justamente para que não os dê, e não siga o exemplo de tantos outros, que tomei a liberdade de escrever-lhe convidando-o a vir aqui esta noite. Quero apresenta-lo á minha familia.

ALFREDO.

Como? Apezar do que sabe? E do que se passou?...

EDUARDO.

Mesmo pelo que sei e pelo que se passou. Tenho a este respeito certas idéas; não sou desses homens que entendem que a reputação de uma mulher deve ir até o ponto de não ser amada. Mas é no seio de sua familia, ao lado de seu irmão, sob o olhar protector de sua mãe, que

uma moça deve receber o amor puro e casto daquelle que ella tiver escolhido.

ALFREDO.

Assim me permite...

EDUARDO.

Não permitto aquillo que é um direito de todos. Sómente lhe lembrarei uma cousa, e para isso não é necessario invocar a amisade; qualquer alma, ainda a mais indifferente, comprehenderá o alcance do que vou dizer.

ALFREDO.

Não sei o que quer lembrar-me, doutor; se é porém o respeito que me deve merecer sua irmã, é escusado.

EDUARDO.

Não; não é isso; nesse ponto confio no seu caracter, e confio sobre tudo em minha irmã. O que lhe peço é que antes de acceitar o offerecimento que lhe fiz, reflecta. Se a sua affeição é um capricho passageiro, não ha necessidade de vir buscar no seio da familia a flôr modesta que se occulta na sombra e que perfuma com a sua pureza a velhice de uma mãe, e os intimos gosos da vida domestica. O senhor é um moço distincto; pôde ser recebido em todos os salões. Ahi achará os protestos de um amor rapidamente esquecido; ahi no delirio da valsa, e no abandono do baile, pôde embriagar-se de prazer. E quando um dia sentir-se saciado, suas palavras não terão deixado n'um coração virgem o germen de uma

paixão que augmentará com o desprezo e o indifferen-
tismo.

ALFREDO.

A minha affeição, Dr. Eduardo, é seria e não se parece
com esses amores de um dia!

EDUARDO.

Bem; é o que desejava ouvir-lhe. (Vai á porta da sala, e faz
um acceno.)

SCENA VI

OS MESMOS, CARLOTINHA.

EDUARDO.

Vem, mana; quero apresentar-te um dos meus ami-
gos.

ALFREDO.

Minha senhora!... Estimo muito!...

CARLOTINHA.

Agradeço!... (A Eduardo, e á meia voz.) Mano!... Que quer
dizer isto?

EDUARDO.

Uma cousa muito simples! Desejo que vejas de perto
o homem que te interessa; conhecerás se elle é digno
de ti.

CARLOTINHA, com arrufo.

Não quero!... Não gosto delle!

EDUARDO.

Dir-lhe-has isto mesmo. Em todo o caso é um amigo de teu irmão! (A Alfredo.) Previno-lhe, Sr. Alfredo, que não usamos cerimoniaes!

ALFREDO.

Obrigado; quando se está entre amigos a intimidade é a mais respeitosa e a mais bella das etiquetas.

EDUARDO.

Muito bem dito!

(Pedro atravessa a scena, entra na sala com a caixa de rapé, volta, e vem apparecer na porta do lado opposto.)

D. MARIA.

Henriqueta te chama, Carlotinha.

CARLOTINHA.

Sim, mamãe! (Sahe.)

EDUARDO, a Alfredo.

É minha mãe! (A D. Maria.) Um dos meus amigos, o Sr. Alfredo, que vem pela primeira vez á nossa casa, e que, espero, continuará a frequenta-la.

ALFREDO.

Terei nisto o maior prazer. Eu estimava já, sem conhece-la, a sua familia.

D. MARIA.

Pois venha sempre que queira. Os amigos de Eduardo são aqui recebidos como filhos da casa!

ALFREDO.

Não mereço tanto; e a sua bondade, minha senhora, honra-me em extremo.

EDUARDO.

Vamos; estão aqui na sala algumas pessoas de nossa amizade, a quem desejo apresenta-lo.

ALFREDO.

Com muito gosto.

D. MARIA.

Eu já volto!

SCENA VII

PEDRO, CARLOTINHA.

CARLOTINHA.

Pedro, traz copos d'agua na sala.

PEDRO.

Ho! nhanhã!... Rato está dentro do queijo!

CARLOTINHA.

Não te entendo!

PEDRO.

Sr. Alfredo já sentado junto do piano, só alisando o bigodinho!

CARLOTINHA.

Que tem isso?

PEDRO.

Eh! .. Casamento está fervendo! Pedro vae mandar lavar camisa de prega para o dia do banquete.

CARLOTINHA.

Não andes dizendo estas cousas!

PEDRO.

Ora não faz mal! E Sr. Azevedo? Nanhã vio! Está cahido tambem, só arrastando a asa!

CARLOTINHA.

Pedro!...

SCENA VIII

D. MARIA, EDUARDO.

D. MARIA.

Onde vaes?

EDUARDO.

Vinha mesmo em sua procura, minha mãe.

D. MARIA.

Precisas fallar-me?

EDUARDO.

Quero dizer-lhe uma cousa que lhe interessa. Este moço, Alfredo...

D. MARIA.

O teu amigo!... que me apresentaste?

EDUARDO.

Ama Carlotinha!

D. MARIA.

Ah!... E ella sabe?

EDUARDO.

Sabe; e talvez já o ame!

D. MARIA.

Não é possível! Tua irmã!...

EDUARDO.

Sim, minha mãe; ella o ama, sem comprehender ainda o sentimento que começa a revelar-se.

D. MARIA.

E esse moço abriu-se contigo e pedio-te a mão de tua irmã?

EDUARDO.

Não, minha mãe; eu disse-lhe que sabia a affeição

que tinha á Carlotinha, e por isso queria apresenta-lo á minha familia.

D. MARIA.

E exigiste delle a promessa de casar-se com ella?

EDUARDO.

Não; não exigi promessa alguma.

D. MARIA.

Foi elle então que a fez espontaneamente?

EDUARDO.

Não podia fazer; porque não tratamos de semelhante cousa.

D. MARIA.

Mas, meu filho, não te entendo: tu chamas para o interior da familia um homem que faz a côrte á tua irmã, e nem se quer procuras saber as suas intenções!

EDUARDO.

As intenções de um homem, ainda o mais honrado, minha mãe, pertencem ao futuro, que faz dellas uma realidade ou uma mentira. Para que obrigar um moco honesto a mentir, e faltar a sua palavra?...

D. MARIA.

Assim tu julgas que é inutil pedir ou receber uma promessa?

EDUARDO.

Completamente inutil, quando a promessa não cons-

títue uma verdadeira obrigação social, e um direito legitimo.

D. MARIA.

Bem; neste caso não vejo que necessidade tinhas de aproximar de tua irmã, de trazeres para a tua casa um homem que pôde roubar o socego de tua familia.

EDUARDO.

A razão?... Foi mesmo para que elle soubesse respeitar o socego e a tranquillidade dessa familia em cujo seio é recebido.

D. MARIA.

Não te percebo!...

EDUARDO.

É preciso conhecer o coração humano, minha mãe, para saber quanto as pequeninas circumstancias influem sobre os grandes sentimentos. O amor sobretudo recebe a impressão de qualquer accidente, ainda o mais imperceptivel. O coração que ama de longe, que concentra o seu amor por não poder exprimi-lo, que vive separado pela distancia, irrita-se com os obstaculos, e procura vence-los para aproximar-se. Nessa luta da paixão cega todos os meios são bons; o affecto puro muitas vezes degenera em desejo insensato, e recorre a esses ardis de que um homem calmo se envergonharia; corrompe os nossos escravos, introduz a immoralidade no seio das familias, devassa o interior da nossa casa, que deve ser

sagrado como um templo; porque realmente é o templo da felicidade domestica.

D. MARIA.

Nisto tens razão, meu filho! É essa a causa de tantas desgraças que se dão na nossa sociedade, e com pessoas bem respeitaveis; mas qual o meio de evita-las?

EDUARDO.

O meio?... É simples; é aquelle que acabo de empregar; e que Vm. estranhou. Tire ao amor os obstaculos que o irritão, a distancia que o fascina, a contrariedade que o cega; e elle se tornará calmo e puro como a essencia de que dimana. Não ha necessidade de recorrer a meios occultos, quando se póde ver e fallar livremente; no meio de uma sala, no seio da intimidade, troca-se uma palavra de affecto, um sorriso, uma doce confidencia; mas, acredite-me, minha mãe, não se fazem as promessas e concessões perigosas que só arranca o sentimento da impossibilidade.

D. MARIA.

Mas suppõe que esse homem que parece ter na sociedade uma posição honesta, não é digno de tua irmã, e que portanto com este meio proteges uma união desigual?

EDUARDO.

Não tenho esse receio. Ninguém conhece melhor o homem que a ama, do que a propria mulher amada; mas para isso é preciso que o veja de perto, sem o falso bri-

lho, sem as côres enganadoras que a imaginação empresta aos objectos desconhecidos e mysteriosos. N'uma carta apaixonada, n'uma entrevista alta noite, um desses nossos elegantes do Rio de Janeiro pôde parecer-se com um heróe de romance aos olhos de uma menina inexperiente; n'uma sala, conversando, são, quando muito, moços espirituosos ou frívolos. Não ha heróes de casaca e luneta, minha mãe; nem scenas de drama sobre o eterno thema do calor que está fazendo.

D. MARIA, rindo.

Pensas bem, Eduardo!

EDUARDO.

Continue a educar o espirito da sua filha como tem feito até agora; e fique certa que, se Alfredo tivesse uma alma pequena e um máo character, Carlotinha descobriria primeiro com a segunda vista do amor, do que a senhora com toda a sua sollicitude, e eu com toda a minha experiencia.

D. MARIA.

Desculpa, Eduardo. Sou mulher, sou mãe, sei adorar meus filhos, viver para elles, mas não conheço o mundo como tu. Assustei-me vendo que um perigo ameaçava tua irmã; tuas palavras porém tranquillisarão-me completamente.

SCENA IX

OS MESMOS, CARLOTINHA, AZEVEDO.

AZEVEDO.

Póde-se fumar nesta sala?

EDUARDO.

Porque não? Vou mandar-lhe dar charutos.

CARLOTINHA, baixo.

Porque nos deixou, mano? Henriqueta está tão triste?

EDUARDO.

Tratava da tua felicidade.

D. MARIA.

Acha a nossa casa muito insipida, não é verdade, Sr. Azevedo?

AZEVEDO.

Ao contrario, minha senhora, muito agradavel; aqui póde-se estar perfeitamente *à son aise*.

EDUARDO, a Pedro, na porta.

Traz charutos.

SCENA X

AZEVEDO, EDUARDO.

AZEVEDO.

Realmente Henriqueta perde vista em uma sala; não tem aquelle espirito que brilha, aquella graça que seduz, aquella altivez misturada de uma certa *nonchalance*, que distingue a mulher elegante!

EDUARDO, rindo--e.

Como! Já estás arrependido?

AZEVEDO.

Não; não digo isto! É apenas uma comparação que acabo de fazer. Tua irmã Carlotinha é o contrario...

EDUARDO.

Sabes a razão disto?

AZEVEDO.

Não!...

EDUARDO.

É porque já vês Henriqueta com olhos de marido!

AZEVEDO.

Talvez!...

SCENA XI

AZEVEDO, PEDRO.

PEDRO.

Charutos, Sr. Azevedo; havanas de primeira qualidade, da casa de Wallerstein!

AZEVEDO.

Pelo que vejo já os experimentaste!

PEDRO.

Pedro não fuma, não senhor; isto é bom para moço rico, que passeia de tarde, vendo as moças.

AZEVEDO.

Então é preciso fumar para ver as moças?

PEDRO.

Oh! moça não gosta de rapaz que toma rapé, não; como esse velho Sr. Vasconcellos, que anda sempre pingando. Velho porco mesmo!...

AZEVEDO.

Mas tem uma filha bonita!

PEDRO.

Sinhá Henriqueta! noiva de senhor!...

AZEVEDO.

Tu já sabes?...

PEDRO.

Ora já está tudo cheio. Na rua do Ouvidor não se fal de outra cousa.

AZEVEDO.

Ah! quem espalharia? Apenas participei a alguns amigos...

PEDRO.

O velho foi logo dizer a todo o mundo. Vm. não sabe porque?

AZEVEDO.

Não; porque?

PEDRO.

Porque... Esse velho deve áquella gente toda da rua do Ouvidor; filha delle gasta muito; credor não quer mais ouvir historia e vae embrulhar o homem em papel sellado. Então para accommodar logista foi logo contar que estava para casar a filha com sujeito rico, que ha de cahir com os cobres!

AZEVEDO.

Isto é verdade, moleque?

PEDRO.

Caixeiro da loja me contou!

AZEVEDO.

Mas é infame!... Um tal procedimento!... Especular com a minha boa fé!

PEDRO.

Sr. Azevedo, não faz idéa! Esse velho, hi!... Tem feito cousas!...

AZEVEDO.

Vem cá; dize-me o que sabes, e dou-te uma molhadura.

PEDRO.

Pedro diz, sim senhor; mesmo que Vm. não dê nada. É um homem, que ninguem pôde aturar!... Falla mal de todo o mundo. Caloteiro como elle só! Rapê que toma é de meia cara. Na venda ninguem lhe fia nem um vintem de manteiga. Quando passa na rua, caixeiro, moleque, tudo zomba delle.

AZEVEDO.

Um sogro desta qualidade!... É uma vergonha! Vejo-me obrigado a ir viver na Europa!...

PEDRO.

Pedro já vem!... (Vai á porta e volta.) Filha delle, sinhá Henriqueta... Mas Sr. Azevedo vae casar com ella!...

AZEVEDO.

Que tem isso? Gosto de conhecer as pessoas com quem tenho de viver.

PEDRO.

Pois então, Pedro falla; mas não diga a ninguém.

AZEVEDO.

Pódes ficar descansado!

PEDRO.

Sr. Azevedo acha ella bonita?

AZEVEDO.

Acho; por isso é que me caso.

PEDRO.

Moça muda muito vista na sala!

AZEVEDO.

Que queres dizer?

PEDRO.

Modista faz milagre!

AZEVEDO.

Então ella não é bem feita de corpo?

PEDRO.

Corpo?... Não tem! Aquillo tudo que Sr. vê panno só! Vestido vem acolchoado da casa da Bragaldi; algodão aqui, algodão aqui, algodão aqui! Cinturinha faz suar rapariga della; uma aperta de lá, outra aperta de cá...

AZEVEDO.

Não acredito! Estás ahí a pregar-me mentiras.

PEDRO.

Mentira! Pedro vio com esses olhos. Um dia de baile ella foi tomar respiração; cordão quebrou; e rapariga, bum; lá estirada. Moça ficou desmaiada no sofá; preta deitando agua de Colonha na testa para voltar a si.

AZEVEDO.

E tu viste isto?

PEDRO.

Vio, sim senhor; Pedro tinha ido levar *bouquet* que nhandã Carlotinha mandava. Mas depois vio outra cousa... Umm!...

AZEVEDO.

O que foi? dize; não me occultes nada.

PEDRO.

Agua de Colonha cahio no rosto e desmanchou reboque branco!...

AZEVEDO.

Que diabo de historia é esta! Reboque branco?...

PEDRO.

Ora, senhor não sabe; este pó que mulher deita na cara com pincel. Sinhá Henriqueta tem rosto pintadinho, como ovo de peru; para não apparecer caia com pó de arroz e essa mistura que cabelleireiro vende.

AZEVEDO.

Que mulher, meu Deos! Como um homem vive illudido neste mundo! Aquella candura...

PEDRO.

Moça bonita é nhanhã Carlotinha! Essa sim! Não tem cá' pannos, nem pós! Pézinho de menina; cinturinha bem feitinha; não carece apertar! Sapatinho della parece brinquedo de boneca. Cabello muito; não precisa de crescente. Não é como a outra!

AZEVEDO.

Então D. Henriqueta tem o pé grande?

PEDRO, fazendo o gesto.

Isto só! Palmo e meio!... As vezes nhanhã Carlotinha e as amigas zombão deveras! Mas não pergunte a ella, não? Sinhá velha fica massada.

AZEVEDO.

Não; não me importo com isto; mas vem cá; dize-me, nhanhã Carlotinha não gosta de moço nenhum!

PEDRO.

Qual! Zomba delles todos. Esse rapaz, Sr. Alfredo, anda se engraçando, mas perde seu tempo. Homem serio assim como Sr. Azevedo, é que agrada a ella.

AZEVEDO.

Então pensas que...

PEDRO.

Pedro não pensa nada! Vio só quando se tomava chá, rizosinho faceiro... segredinho baixo...

AZEVEDO, desvanecido.

Não quer dizer nada!... Moças!...

SCENA XII

OS MESMOS, ALFREDO.

ALFREDO, na porta da sala, a Eduardo.

Não se incommode. Boa noite!...

PEDRO, baixo.

Então, Sr. Alfredo!...

ALFREDO.

Deixa-me.

PEDRO, baixo.

Está todo emproado!... Como não precisa mais...

AZEVEDO, dando fogo a Alfredo.

Pedro, amanhã vai á minha casa ; tenho uns livros para mandar a Eduardo.

PEDRO.

Sim, senhor. A que horas?

AZEVEDO.

Depois de almoço.

SCENA XIII

ALFREDO, AZEVEDO.

ALFREDO.

É raro encontra-lo agora, Sr. Azevedo. Já não apparece nos bailes, nos theatros.

AZEVEDO.

Estou me habituando á existencia monotona da familia.

ALFREDO.

Monotona?

AZEVEDO.

Sim. Um piano que toca, duas ou tres moças que fallão de modas; alguns velhos que dissertão sobre a carestia dos generos alimenticios e a diminuição do peso do pão; eis um verdadeiro *tableau* de familia no Rio de Janeiro. Se fosse pintor faria um primeiro *prix au Conservatoire des Arts*.

ALFREDO.

E havia de ser um bello quadro, estou certo; mais bello sem duvida do que uma scena de salão.

AZEVEDO.

Ora, meu caro, no salão tudo é vida; enquanto que

aqui, se não fosse essa menina que realmente é espi-
rituosa, D. Carlotinha, que fariamos, se não dormir e abrir
a boca.

ALFREDO.

É verdade; aqui dorme-se, porém sonha-se com a fe-
licidade; no salão vive-se, mas a vida é uma bem triste
realidade. Em vez de um piano ha uma rabeça; as moças
não fallão de modas, mas fallão de bailes; os velhos não
dissertão sobre a carestia, mas occupão-se com a politiea.
Que diz deste quadro, Sr. Azevedo; não acha que tam-
bem vale a pena de ser desenhado por um habil artista,
para a nossa « Academia de Bellas Artes? »

AZEVEDO.

A nossa « Academia de Bellas Artes? » Pois temos isto
aqui no Rio?

ALFREDO.

Ignorava?

AZEVEDO.

Uma caricatura naturalmente... Não ha arte em nosso
paiz!

ALFREDO.

A arte existe, Sr. Azevedo; o que não existe é o amor
della.

AZEVEDO.

Sim, faltão os artistas.

ALFREDO.

Faltão os homens que os comprehendão; e sobrão aquelles que só acreditão e estimão o que vem do estrangeiro.

AZEVEDO, com de-dem.

Já foi a Paris, Sr. Alfredo?

ALFREDO.

Não, senhor; desejo, e ao mesmo tempo receio ir.

AZEVEDO.

Por que razão?

ALFREDO.

Porque tenho medo de na volta desprezar o meu paiz, em vez de amar nelle o que ha de bom, e procurar corrigir o que é máo.

AZEVEDO.

Pois aconselho-lhe que vá quanto antes! Vamos ver estas senhoras!

ALFREDO.

Passe bem.

SCENA XIV

OS MESMOS, CARLOTINHA, HENRIQUETA.

CARLOTINHA, a Henriqueta.

Já tão cedo? Que horas são, Sr. Azevedo?

ALFREDO.

Nove e meia.

AZEVEDO.

Quasi dez. Como passa rapidamente o tempo aqui!

(Entra na sala.)

CARLOTINHA.

Então! Demora-te mais algum tempo. Sim?

HENRIQUETA, baixo.

Para que?... Elle nem me falla!

ALFREDO.

Minhas senhoras! Boa noite, D. Carlottinha.

CARLOTINHA.

Adeos, Sr. Alfredo. Mamãe já lhe disse que a nossa casa está sempre aberta para receber os amigos.

ALFREDO.

Se eu não temesse abusar...

CARLOTINHA, estendendo-lhe a mão.

Até amanhã!

ALFREDO.

Boa noite! (Sabe.)

SCENA XV

CARLOTINHA, HENRIQUETA.

CARLOTINHA.

Olha, Henriqueta! Tu não tens razão! Eduardo te ama; elle já te disse. Se hoje não tem fallado contigo é porque teu pae... teu noivo.... não sei a razão! Mas deixa-te dessas desconfianças.

HENRIQUETA.

Entretanto depois de dois mezes, elle devia achar um momento para ao menos dizer-me uma palavra que me dêsse esperança; porque, Carlottinha, se esse casamento era uma desgraça para mim, agora que tu dizes que elle me ama, tornou-se um martyrio! Não sei o que faça?... Quero confessar a meu pae!... E tenho medo!... Já deu sua palavra!...

CARLOTINHA.

A tua felicidade vale mais do que todas as palavras deste mundo.

HENRIQUETA.

Tu não sabes...

CARLOTINHA.

Ah! Aqui está Eduardo!

SCENA XVI

AS MESMAS, EDUARDO.

EDUARDO.

Emfim, posso fallar-lhe. D. Henriqueta?...

CARLOTINHA.

Ella já te accusava.

EDUARDO.

A mim!

HENRIQUETA.

Eu não; disse apenas...

CARLOTINHA.

Disse apenas que tu ainda não tinhas achado um momento para dar-lhe uma palavra... de amor!

HENRIQUETA.

De amizade! Foi o que eu disse.

CARLOTINHA.

E tem razão; mas quando souber o motivo me desculpará.

HENRIQUETA.

Ainda outro motivo!

EDUARDO.

Sim; mas desta vez não é um engano; é um dever.

HENRIQUETA.

Ah! uma promessa talvez...

CARLOTINHA.

Que lembrança!...

EDUARDO.

Disse um dever; um dever bem grave; mas que tem um rostinho muito risonho; olhe. (Amimando a face de Carlottinha.)

HENRIQUETA.

Carlottinha!...

CARLOTINHA.

Ah! quer-se desculpar comigo! Pois vou-me embora!

HENRIQUETA, sorrindo.

Vem cá!

EDUARDO.

Deixe; ficaremos sós.

SCENA XVII

EDUARDO, HENRIQUETA.

EDUARDO.

Henriqueta, me perdôa?

HENRIQUETA.

Perdoar-lhe!... Eu é que devia ter adivinhado!...

EDUARDO.

E eu não devia ter compreendido que entre duas almas que se estimão não é preciso um intermediario? O amor que passa pelos estranhos perde a sua pureza... Carlotinha já lhe disse o que aconteceu?...

HENRIQUETA.

Sim; ella me contou tudo; mas pareceu-me que me tinha enganado. Duvidei...

EDUARDO.

Como?... Duvidou de mim!...

HENRIQUETA.

Durante toda esta noite, não é a primeira vez que nos fallamos, e entretanto devíamos ter tanto que dizer-nos... Um tão longo silencio.

EDUARDO.

Não lhe dei já a razão?... Antes do meu amor a felici-

dade de minha irmã. É um pequeno segredo que ella lhe contará, se já não lhe contou. Precisava tranquillisar o meu espirito; porque não desejo misturar uma inquietação, um máo pensamento, ás primeiras expansões do nosso amor!

HENRIQUETA.

Ah! Carlotinha tambem ama! Ainda não me confiou seu segredo!... Ella ao menos tem um irmão que lê em sua alma; ha de ser feliz.

EDUARDO.

E nós não o seremos?

HENRIQUETA.

Quem sabe!

EDUARDO.

Este casamento é impossivel.

HENRIQUETA.

Porque?

EDUARDO.

Porque vou confessar tudo a seu pae, e elle não sacrificará sua filha a uma palavra dada.

HENRIQUETA.

E se recusar?

EDUARDO.

Então respeitaremos sua vontade.

HENRIQUETA.

Sim, elle é pae, mas...

EDUARDO.

Mas o amor é soberano; não é isso, Henriqueta?

HENRIQUETA.

E não se... vende!

EDUARDO.

Que diz?... Ah! comprehendo!

HENRIQUETA.

Não, Eduardo; não comprehenda; não procure comprehender! Foi uma idéa louca que me passou pelo espirito; não sei nada!... Uma filha pôde accusar seu pae?

EDUARDO.

·Não; mas pôde confiar a um amigo uma queixa de outro amigo.

HENRIQUETA.

Pois bem; eu lhe digo. Meu pae deve a esse homem; e julgou que não podia recusar-lhe a minha mão, apesar das minhas instancias. Lutei um mez inteiro, Eduardo, mas lutei só; e uma mulher é sempre fraca, sobretudo quando se exige della um sacrificio!

EDUARDO.

Tem razão; se lutassemos juntos, talvez...

HENRIQUETA.

Oh! então eu defenderia a nossa felicidade; mas lutar para conservar apenas uma triste esperança!

SCENA XVIII

OS MESMOS, VASCONCELLOS, AZEVEDO, D. MARIA.

VASCONCELLOS.

Vamos, menina! É tarde.

HENRIQUETA.

Sim, meu pae. (A meia voz.) Adeos, Eduardo! Até...

EDUARDO.

Até sempre, Henriqueta!

HENRIQUETA.

Carlottinha, meu chapéo?

CARLOTINHA.

Toma! Estás mais contentezinha?

HENRIQUETA.

Maliciosa!... (Sobem.)

AZEVEDO.

Meu sogro, dispense-me acompanhá-lo. Um homem não deve andar agarrado á sua *fiancée*. É *mauvais genre*.

VASCONCELLOS.

Não se incommode. D. Maria, boa noite! Doutor!...
(Sobem.)

EDUARDO.

Uma palavra, Azevedo.

AZEVEDO.

A's tuas ordens.

EDUARDO.

Quanto te deve o Sr. Vasconcellos?

AZEVEDO.

Uma bagatella! Dez contos de réis.

EDUARDO.

Ah!

AZEVEDO.

Porque perguntas?

EDUARDO.

Porque desejava saber quanto custa uma mulher em
primeira mão.

AZEVEDO, rindo.

Vraiment!

FIM DO TERCEIRO ACTO.

ACTO IV

Em casa de Eduardo. — Sala de visitas.

SCENA PRIMEIRA

EDUARDO, HENRIQUETA, CARLOTINHA, PEDRO.

Carlottinha na janella : Pedro sacudindo os tapetes.

CARLOTINHA, baixo, a Pedro.

Não passará ainda hoje?

PEDRO.

Não sei, nhandã.

CARLOTINHA.

Estará doente?... Zangado comigo?... Porque?...

PEDRO.

Não se importe mais com elle! Ha tanto moço bonito!
Sr. Azevedo...

Pedro vae collocar o tapete e sahe.

SCENA II

EDUARDO, HENRIQUETA, CARLOTINHA.

EDUARDO.

Quando eu lhe digo que espere, Henriqueta, é porque estou convencido de que ha um meio de desfazer esse casamento sem a menor humilhação para seu pae.

HENRIQUETA.

E esse meio qual é?

EDUARDO.

Não lhe posso dizer; é meu segredo.

HENRIQUETA.

Ah! tem segredos para mim?

EDUARDO.

É injusta fazendo-me essa exprobação, Henriqueta. Se não lhe fallo francamente, é porque não desejo que partilhe, ainda mesmo em pensamento, os desgostos, as contrariedades que eu ha um mez tenho soffrido para conseguir esse meio de que lhe fallei.

HENRIQUETA.

Mas, Eduardo, uma parte dessas contrariedades me pertence, e por dois titulos : porque trata-se de mim, e porque nos... estimamos!

EDUARDO.

Porque nos amamos : é verdade! Mas nessa partilha igual que fazem duas almas irmãs da sua dôr e do seu prazer, ha a differença das forças. A' mulher cabe a parte do consolo, ou da ternura; ao homem a parte da coragem e do trabalho.

HENRIQUETA.

Então eu não tenho o direito de fazer tambem alguma cousa para a nossa felicidade?

EDUARDO.

Não disse isto! Faz muito!

HENRIQUETA.

Como? Se toma para si tudo e não me quer deixar nem mesmo a metade dos cuidados?

EDUARDO.

E quem me dá a força para proseguir e a fé para trabalhar? Não são esses momentos que todos os dias passamos juntos aqui ou em sua casa?

HENRIQUETA.

Assim, não me quer dizer qual é essa esperança?

EDUARDO.

Não desejo affligi-la com idéas mesquinhas. Os homens inventarão certas cousas, como os algarismos, o dinheiro, e o calculo, que não devem preoccupar o espirito das senhoras.

HENRIQUETA.

Porque? Somos nós tão fracas de intelligencia?...

EDUARDO.

Não é por isso; é porque tirão-lhes o perfume e a poesia.

HENRIQUETA.

Isso é muito bonito, mas não me diz o que desejo saber.

EDUARDO.

O que?

HENRIQUETA.

O meio porque ha de fazer o meu casamento.

EDUARDO.

Ainda insiste; pois bem, hoje mesmo lhe direi.

HENRIQUETA.

Sim?

EDUARDO.

Talvez daqui a uma hora.

CARLOTINHA.

Mano, ahí entrou uma pessoa, que julgo procura por você.

EDUARDO.

Ha de ser naturalmente o negociante que espero.

SCENA III

OS MESMOS, PEDRO.

PEDRO.

Está ahí o homem que escreveo aquella carta; quer fallar a senhor.

EDUARDO.

Manda-o entrar para o meu gabinete.

PEDRO, baixo, a Carlotinha.

Nhanhã Carlotinha está triste!... Hi!...

EDUARDO.

Até logo, Henriqueta.

HENRIQUETA.

Já! Que vae fazer?

EDUARDO.

Concluir um pequeno negocio e ao mesmo tempo rea-

lisar um pensamento que me foi inspirado pelo nosso amor.

HENRIQUETA.

Como?...

EDUARDO.

Quero solemnizar a nossa felicidade, Henriqueta, exercendo um dos mais bellos direitos que tem o homem na nossa sociedade.

HENRIQUETA.

Qual?

EDUARDO.

O direito de dar a liberdade!

HENRIQUETA.

Não entendo.

EDUARDO.

Dir-lhe-hei tudo logo.

HENRIQUETA.

Volte; sim?

EDUARDO.

Demorar-me-hei apenas o tempo de assignar um papel e escrever algumas linhas.

SCENA IV

HENRIQUETA, CARLOTINHA

HENRIQUETA.

Sabes, Carlotinha; tenho uma queixa de ti.

CARLOTINHA.

De mim? Que te fiz eu, mã?

HENRIQUETA.

Ha um mez espero que tu me contes uma cousa, e ainda não me disseste uma palavra.

CARLOTINHA.

De que? Não sei!

HENRIQUETA.

Do teu segredo; não te confiei o meu?

CARLOTINHA.

Ah! Quem te disse?

HENRIQUETA.

Eduardo.

CARLOTINHA.

Não acredites; elle estava gracejando.

HENRIQUETA.

Não; tu amas, Carlotinha, e nunca me fallas dos teus sonhos, de tuas esperanças. Não sou eu mais tua amiga?

CARLOTINHA.

Pois duvidas?

HENRIQUETA.

Se fosses, não me occultarias o que sentes.

CARLOTINHA.

Não te zangues; eu te contarei tudo; mas custa tanto a fallar dessas cousas.

HENRIQUETA.

Com aquelles que nos comprehendem é um prazer bem doce.

CARLOTINHA.

Olha; o meu segredo... Porém não sei como hei de começar isto.

HENRIQUETA.

Começa pelo nome; como elle se chama?

CARLOTINHA, confusa.

Alfredo.

HENRIQUETA.

Este moço que teu mano nos apresentou?

CARLOTINHA.

Sim; todas as manhãs, faça bom ou máo tempo, passa

por aqui ao meio dia; quasi nem olha para esta janella, donde eu o espero escondida entre as cortinas; ninguem nos vê, mas nós nos vemos.

HENRIQUETA.

Depois?

CARLOTINHA.

A' noite vem visitar-nos, como tu sabes; todo o tempo conversa com mamãe, ou com mano, enquanto tu e eu brincamos no piano. A' hora do chá sentamo-nos juntos; elle diz que me vio de manhã, eu respondo que estava distrahida e não o vi. A's vezes...

HENRIQUETA.

Acaba; não tenhas vergonha. Eu tambem amo.

CARLOTINHA.

Pois sim. A's vezes nossas mãos se encontram sem querer; elle fica pallido, e eu corro toda tremula para junto de ti. Dahi a pouco são dez horas, todos se retirão: então chego á janella e sigo-o com os olhos até que desaparece no fim da rua.

HENRIQUETA.

E é este todo o teu segredo?

CARLOTINHA.

Tudo

HENRIQUETA.

Parece-se com o meu; ver-se de longe, trocar um olhar, amar em silencio. Ha só uma differença.

CARLOTINHA.

Qual?

HENRIQUETA.

Tu és feliz porque és livre, enquanto eu...

CARLOTINHA.

Tu és correspondida, Henriqueta; mano Eduardo te ama!

HENRIQUETA.

E Alfredo não te ama?

CARLOTINHA.

Não sei; tenho medo; ha quatro dias que não o vejo. Levo a contar as horas!

HENRIQUETA.

Donde procede esta mudança? Fizeste-lhe alguma cousa?

CARLOTINHA.

Eu?... Si procuro adivinhar os seus pensamentos!

HENRIQUETA.

Entretanto, deve haver um motivo...

CARLOTINHA.

Tenho querido me recordar, e só acho este. No domingo veio passar a manhã aqui; eu o deixei um momento para te escrever, e voltei logo. Quando chamei Pedro para levar-te a carta, elle levantou-se de repente, despedio-se de

mamãe, cumprimentou-me friamente, e desde então não o tenho visto. Ficou zangado comigo por ter sahido um momento de junto delle.

HENRIQUETA.

Não faças caso, isto passa; hoje mesmo elle virá arrependido pedir-te perdão. Mas, a proposito da carta que me escreveste domingo, eu trouxe-a mesmo para brigar contigo, travessa! (Tira a carta.)

CARLOTINHA.

Porque? Pela sobrescripta.

HENRIQUETA.

Essa é uma das razões; para que escreveste *Madame Azevedo*? Não sabes que essa idéa me mortifica?

CARLOTINHA.

Desculpa; foi um gracejo.

HENRIQUETA.

Além disso, não tinhas outra pessoa por quem mandar a carta, senão elle?

CARLOTINHA.

Elle quem? O Azevedo?

HENRIQUETA.

Sim; foi elle que m'a entregou.

CARLOTINHA.

Mas não é possível; eu mandei-a por Pedro; e recom-

mendei-lhe que não a mostrasse a ninguém, mesmo por causa da sobrescripta!...

HENRIQUETA.

Não compreendo então como foi parar nas mãos desse homem. Tive um desgosto... e um medo! Tu fallavas de Eduardo!

CARLOTINHA.

Espera; vou perguntar a Pedro que quer dizer isto!
(Na porta.) Pedro!...

HENRIQUETA.

Deixa; não vale a pena.

CARLOTINHA.

Não; é muito mal feito.

SCENA V

OS MESMOS, PEDRO.

PEDRO.

Nhanhã chamou?

CARLOTINHA.

Quero saber como é que a carta que eu lhe dei para Henriqueta foi parar em mão do Sr. Azevedo.

PEDRO.

Elle me encontrou na rua, e tomou para entregar.

CARLOTINHA.

Não te disse que não queria que ninguém visse a sobrescripta.

PEDRO.

Elle é noivo de sinhá Henriqueta: não faz mal.

HENRIQUETA.

Está bom; não pensemos mais nisto.

CARLOTINHA.

Não quero que outra vez succeda o mesmo. (A Pedro.)
Entendeste?

PEDRO.

Sim, nanhã. Pedro sabe o que faz! (Batem palmas.)

CARLOTINHA.

Que quer dizer?

SCENA VI

HENRIQUETA, CARLOTINHA, AZEVEDO, PEDRO, no fundo.

HENRIQUETA.

Ha de ser elle.

CARLOTINHA.

Alfredo! Ah! Se fosse...

HENRIQUETA.

Queres apostar?

CARLOTINHA.

Ora, é o Azevedo. Eu logo vi!

AZEVEDO.

Como passou, D. Carlotinha? D. Henriqueta!

CARLOTINHA.

O senhor parece que adivinha, Sr. Azevedo?

AZEVEDO.

Porque?! Por encontra-la hoje tão bella? Está realmente *éblouissante!*

CARLOTINHA.

Faça-se de esquerdo! A minha belleza serve de pretexto para elogiar a de Henriqueta!

AZEVEDO.

A senhora quer dizer o contrario...

CARLOTINHA.

Quero dizer que o senhor adivinhou quem estava aqui hoje.

AZEVEDO.

Quem?... Não vejo ninguem.

CARLOTINHA.

Nem a sua noiva? Era esta palavra que o senhor queria ouvir!

AZEVEDO.

Sim, era esta palavra que eu desejava ouvir dos seus labios.

CARLOTINHA, baixo, a Henriqueta.

Que fatuo! (Alto.) Vem, Henriqueta; vamos chamar mãe para fallar ao Sr. Azevedo.

AZEVEDO.

Então, deixa-me só?

HENRIQUETA.

Oh! um homem como o senhor pôde ficar só? Pariz inteiro lhe fará companhia!

CARLOTINHA.

Supponha que está no *Boulevard dos Italianos*.

AZEVEDO.

Não. Mas conversarei com esta flor; ella me dirá em perfumes, o que os labios que a bafejãrão recusão dizer em palavras.

CARLOTINHA.

Como está poetico! Aquillo é contigo, Henriqueta.

HENRIQUETA.

Comigo não! É com quem lhe mandou a violeta! Vamos!...

CARLOTINHA.

Pois, Sr. Azevedo, nós o deixamos no seu colloquio amoroso.

SCENA VII

AZEVEDO, PEDRO.

AZEVEDO.

Foge-me!...

PEDRO.

Como vae paixão por nhandã Carlotinha, Sr. Azevedo? Flor já está na dansa!

AZEVEDO.

Queria mesmo te fallar a este respeito! Não entendo tua senhora. Tu dizes que ella gosta de mim *et pourtant...*

PEDRO.

Parlez-vous français, monsieur?

AZEVEDO.

Ella faz que não me comprehende! Trata-me com indifferença...

PEDRO.

Fodera não! O senhor vae se casar.

AZEVEDO.

Ah! tu pensas que é esta a razão!

PEDRO.

Nhanhã mesmo me disse! Moça solteira não pôde receber côrte de homem que é ncivo de outra mulher. É feio, e faz cocega dentro do coração; cocega que se chama ciume!

AZEVEDO.

Então é o meu casamento que impede!... E nem me lembrava de semelhante cousa! Com effeito, Henriqueta é sua amiga; ella julga talvez que a amo...

PEDRO.

Mas isto não quer dizer nada. Ella gosta de Vm.; gosta muito! Hontem quando mandou essa violeta que o senhor tem na casaca, beijou primeiro.

AZEVEDO.

E foi ella mesmo quem se lembrou de mandar-me?

PEDRO.

Ella mesmo; sem que eu pedisse nada!

AZEVEDO.

Bem; eu sei o que me resta a fazer.

PEDRO.

Já vae? Não espera por sinhá velha?

AZEVEDO.

Não; eu já volto. É preciso tomar uma resolução : *il le faut!*

PEDRO.

Monsieur está pensando!

AZEVEDO.

Diz a D. Carlotinha... Não; não lhe digas nada! Eu quero ser o primeiro a annunciar-lhe.

SCENA VIII

PEDRO, JORGE.

PEDRO.

Oh! já voltou do collegio. Agora mesmo deo meio dia!

JORGE.

Tive licença para sahir mais cedo.

PEDRO.

Nhonhô já sabe novidade?

JORGE.

Que novidade?

PEDRO.

Novidade grande! Sr. moço Eduardo vae casar com
nhanhã Henriqueta.

JORGE.

Ah!... E o noivo della?

PEDRO.

Sr. Azevedo? Casa com nhanhã Carlotinha.

JORGE.

Mara?... E Sr. Alfredo?

PEDRO.

Fica logrado. Para rematar a festa, velho Vasconcellos
casa com sinhá velha.

JORGE.

É mentira!

PEDRO.

Ha de ver!

JORGE.

Então tudo se casa?

PEDRO.

Tudo, tudo. Nhonhô tambem carece ver uma menina-
zinha bonita... Mas Vm. ainda não sabe namorar!

JORGE.

Eu não!

PEDRO.

Pois precisa aprender, que já está franguinho. Pedro ensina.

JORGE.

E tu sabes?

PEDRO, rindo-se.

Ora!... Nhonhô pede dinheiro a mamãe e compra luneta.

JORGE.

Para que?

PEDRO.

Sem isto não se namora. Quando nhonhô tiver luneta, prende no canto do olho, e deita para a moça. Ella começa logo a se remexer, e a ficar côr de pimentinha malagueta. Então rapaz fino volta as costas, assim como quem não faz caso; e moça só espiando elle. Dahi ha pouco, fogo, luneta segunda vez; ella volta a cara para o outro lado, mas está vendo tudo! Nhonhô deixa passar um momento, fogo; luneta terceira vez; ahi moça não resiste mais, cahe por força, com o olho requebrado só; namoro está ferrado. Rapaz torce o bigodinho... Mas Vm. ainda não tem bigode!...

JORGE.

Olha! não tarda nascer!

PEDRO.

Qual! Está liso como um frasco!

JORGE, ouvindo entrar.

Quem é?

PEDRO.

Velho tabaquista!

JORGE.

Que vae casar com mamãe.

PEDRO.

Psio! Não diga nada, não!

SCENA IX

PEDRO, VASCONCELLOS, JORGE.

VASCONCELLOS.

Unde está esta gente! Henriqueta fica para jantar?

PEDRO.

Sim, senhor; nhanhã Carlotinha não quer deixar ella ir.

JORGE, sahindo.

Eu vou chama-la!

VASCONCELLOS.

Não precisa. (A Pedro.) Diz-lhe que á tarde virei busca-la.

PEDRO.

Vm. vai para casa?

VASCONCELLOS.

Não; porque perguntas?

PEDRO.

Porque Sr. Azevedo sahio daqui agora mesmo para ir fallar a Vm.

VASCONCELLOS.

Sobre que? Alguma cousa de novo?

PEDRO.

Negocio importante. Pedro não sabe; mas elle parecia muito zangado.

VASCONCELLOS.

Ora, que me importão as suas zangas.

PEDRO.

Senhor não deve mesmo se importar; esse Sr. Azevedo tem uma lingua .. Sabe o que elle disse?

VASCONCELLOS.

Nem quero saber.

PEDRO.

Disse a Sr. moço Eduardo, a casa estava cheia de gente, disse que Sr. Vasconcellos é um... nome muito ruim!

VASCONCELLOS.

Um que, moleque?

PEDRO.

Um pinga!

VASCONCELLOS.

Heim! . . Não é possível!

PEDRO.

Ora! Aquelle moço não tem respeito a Sr. velho. (Faz uma careta.)

VASCONCELLOS.

Pois hei de ensinar-lhe a ter.

PEDRO.

Precisa mesmo, para não andar enchendo a boca de que comprou filha de senhor com seu dinheiro delle.

VASCONCELLOS.

Comprou minha filha! Ah! Miseravel! (Batem palmas.)

PEDRO.

Pòde entrar.

SCENA X

OS MESMOS, ALFREDO.

PEDRO, a Alfredo.

Vm. espere; vou chamar Sr. moço Eduardo.

ALFREDO.

Sim, dize-lhe que desejo fallar-lhe com instancia.

VASCONCELLOS, a Pedro.

Ha muito tempo que elle sahio?

PEDRO.

Sr. Azevedo?... Agora mesmo.

VASCONCELLOS.

Vou á sua procura. Preciso de uma explicação.

SCENA XI

PEDRO, ALFREDO.

PEDRO.

O velho vai deitando azeite ás cânadas! Noivo da filha virou de rumo; e agora só quer casar com nbanhã Carlotinha.

ALFREDO.

Oh! elle pôde desejar todas as mulheres; é rico!

PEDRO.

Não sei tambem essas moças... tem cabecinha de vento; um dia gosta de um, outro dia gosta de outro. Nhandã que esperava todo o dia para ver Sr. Alfredo passar, nem se lembra mais; escreveo aquella carta a Sr. Azevedo!

ALFREDO:

Se não fosse essa carta, eu ainda duvidava!...

PEDRO.

Vm. bem vio no domingo, ella me dar á sua vista, e eu entregar na rua a elle, a Sr. Azevedo.

ALFREDO.

Sim; e foi preciso ver seu nome escripto!... Quem diria que tanta innocencia e tanta timidez erão o disfarce de uma alma pervertida! Meu Deos! onde se encontrará nesses tempos a innocencia, se no seio de uma familia honesta ella murcha e não vinga!

PEDRO.

Ora, Sr. Alfredo, tem tanta moça bonita! Pôde escolher.

ALFREDO.

Vai prevenir a Eduardo!

SCENA XII

OS MESMOS, CARLOTINHA, HENRIQUETA.

CARLOTINHA.

Ah! elle está ahí!...

HENRIQUETA.

Não te disse? Já volto.

CARLOTINHA.

Queres deixar-me só com elle! Não; eu te peço.

PEDRO, a Alfredo.

Nhanhã! Como ella está alegre!

ALFREDO.

É por elle! (Comprimenta.)

CARLOTINHA, a Henriqueta.

Nem me falla! Que ar serio!

HENRIQUETA.

É talvez por minha causa.

CARLOTINHA.

Não; fica.

PEDRO, a Carlotinha.

Agora é que nhanhã deve ensina-lo; e não fazer caso d'elle! (Sabe.)

CARLOTINHA, a Henriqueta.

Nem me olha!

HENRIQUETA.

Com effeito, elle tem alguma cousa que o mortifica.

CARLOTINHA.

Se eu lhe fallasse!...

HENRIQUETA.

É verdade; diz-lhe uma palavra.

CARLOTINHA.

Oh! não tenho animo!

HENRIQUETA, a Carlotinha.

Espera; com elle eu sou mais animosa do que tu. Vou fallar-lhe.

CARLOTINHA.

Mas não lhe digas nada a meu respeito.

HENRIQUETA.

Não. Então, Sr. Alfredo, tem ido estas noites ao theatro.

ALFREDO.

É verdade, minha senhora, para distrahir-me.

CARLOTINHA, a Henriqueta.

Distrahi-me... De pensar em mim!

HENRIQUETA.

O theatro é mais divertido do que as nossas noites aqui em casa de Carlotinha, ou na minha. Não é verdade?

ALFREDO.

Não, minha senhora; mas no theatro se está no meio de indifferentes; e portanto não ha receio de que se incommode com a sua presença áquellas pessoas que se estima.

CARLOTINHA, a Henriqueta.

Com que ar diz elle isto! Tu comprehendes?

HENRIQUETA.

Mas, Sr. Alfredo, me parece que isto não se refere a nós, que nunca demos demonstrações...

ALFREDO.

A senhora não, D. Henriqueta.

CARLOTINHA.

É a mim então... (Silencio de Alfredo.)

HENRIQUETA.

Mas explique-se, Sr. Alfredo; eu creio que ha nisto algum equivoco.

ALFREDO.

Ha certas cousas que se sentem, D. Henriqueta; mas que não se dizem. Quando nos habituamos a venerar um

objecto por muito tempo, podemos odia-lo um dia, porém o respeitamos sempre!

CARLOTINHA.

Mas ninguem tem direito de condemnar sem ouvir aquelles a quem accusa.

HENRIQUETA.

De certo; muitas vezes uma palavra mal interpretada...

ALFREDO.

Não é uma palavra, D. Henriqueta, é uma carta!

CARLOTINHA.

Que significa isto? Tu entendes, Henriqueta?

HENRIQUETA.

Não, minha amiga; mas o Sr. Alfredo vae nos esclarecer esse enigma.

ALFREDO.

Perdão, minhas senhoras; ahi vem Eduardo, e eu tenho de fallar-lhe sobre um objecto que não admite demora. (Sóbe.)

CARLOTINHA.

Oh! é cruel! Tu soffrias como eu estou soffrendo, Henriqueta!

HENRIQUETA.

Tu soffres ha alguns instantes, eu soffri dois mezes! E era o despreso!

CARLOTINHA.

E isto o que é?

HENRIQUETA.

Vem; depois Eduardo nos contará.

CARLOTINHA.

Sim, vamos! Preciso chorar!

SCENA XIII

EDUARDO, ALFREDO.

EDUARDO.

Estamos sós, Alfredo. Sente-se, e diga-me que negocio é esse tão grave! Um medico está habituado a ver rostos bem tristes; mas o seu inquieta-me.

ALFREDO.

É que realmente aquillo de que pretendo fallar-lhe me penalisa em extremo; e se não considerasse um dever vir eu proprio communica-lo, preferiria servir-me de uma carta.

EDUARDO.

E fez bem; dois amigos entendem-se melhor conversando; uma carta é um papel frio, sobre o qual se achão as palavras, mas não a voz, a physionomia, e o coração da pessoa que falla.

ALFREDO.

Outra razão ainda : uma carta é uma prova material que fica, e pôde extraviar-se; o que vou dizer-lhe não deve ser sabido senão pelo senhor; eu mesmo devo esquece-lo.

EDUARDO.

Vamos; falle sem o menor receio.

ALFREDO.

Ha um mez, Eduardo, recebi uma prova de confiança da sua parte, que me penhorou em extremo; sabendo que eu amava sua irmã, sem exigir de mim uma promessa, apresentou-me á sua familia e abriu-me o interior da sua casa.

EDUARDO.

E dei um passo bem acertado, porque fiz de um simples conhecido um amigo; e tenho tido occasiões de apreciar o seu character.

ALFREDO.

É bondade sua. Eu amava sua irmã; era um amor serio, e que só esperava uma animação da parte della, para pedir o consentimento de sua familia. Pareceo-me que era acceto; obtive autorisação de meu pae, e vim um dia com a intenção de pedir-lhe a mão de D. Carlottinha. Fui talvez apressado; mas eu queria quanto antes dar-lhe uma prova de que a sua confiança não tinha sido mal correspondida.

EDUARDO.

Nunca tive esse receio. Mas dizia que veio...

ALFREDO.

Deixe-me continuar. Chegamos ao ponto delicado e falta-me a coragem para confessar-lhe...

EDUARDO.

Não sei o que pretende dizer; mas, meu amigo, reflecta que, quando se trata de uma senhora, as reticências são sempre uma injúria. A verdade nua, qualquer que ella seja; em objectos de honra, a duvida é uma offensa.

ALFREDO.

Perdão; não se trata de honra; é uma simples questão de sentimento. Eu enganei-me, Eduardo. Julgava que sua irmã acceitava o meu amor, e a minha vaidade me illudia. Então entendi que se não me era permittido dar a prova que eu desejava de minha afeição, devia ao menos, ao retirar-me de sua casa, explicar-lhe os motivos que a isso me obrigavão. Perco uma bem doce esperança; mas quero conservar uma estima que prézo.

EDUARDO.

Obrigado, Alfredo: o seu procedimento honra-o. Mas deixe que lhe diga: se ha um engano da sua parte, é talvez na interpretação dos sentimentos de minha irmã.

ALFREDO.

Ella ama a outro, Eduardo.

EDUARDO.

Tem certeza disso?

ALFREDO.

Tenho uma convicção profunda.

EDUARDO.

Póde ser uma convicção falsa.

ALFREDO.

Não me obrigue a apresentar-lhe as provas.

EDUARDO.

São essas provas que eu peço! Tenho direito a ellas...

ALFREDO.

Porque? Não offendem o character de D. Carlotinha.

EDUARDO.

Mas revelão seus sentimentos, que eu devo conhecer como seu irmão.

SCENA XIV

OS MESMOS, CARLOTINHA, HENRIQUETA.

CARLOTINHA.

E que eu exijo que se pater tõem, porque não me envergonhão, Eduardo!

EDUARDO.

Tu nos ouvias, Carlotinha!

CARLOTINHA.

Sim, mano; tratava-se de mim; fiz mal?

EDUARDO.

Não, minha irmã; eu mesmo te chamaria se não quizesse poupar-te um pequeno desgosto. Mas já que aqui estás, fica; Alfredo parece que tem algumas queixas de nós; julgarás se elle é injusto.

HENRIQUETA, á meia voz, a Eduardo.

Elle está illudido! Carlotinha o ama!

EDUARDO.

Eu sabia! (continuação a conversar.)

CARLOTINHA.

O Sr. Alfredo diz que tem provas de que amo outro homem... Reclamo essas provas.

ALFREDO.

Não é possível, D. Carlotinha! Na minha boca serião uma exprobração ridicula e offensiva. Guardo-as comigo; e respeito os sentimentos que não sube inspirar.

CARLOTINHA.

O senhor não m'as quer dar?... Pois bem, serei eu que provarei o contrario!... Eis a prova... (Estendendo-lhe a mão.)

ALFREDO.

Ah!... (Tomando a mão.) Mas essa mão não póde ser minha!

CARLOTINHA.

Porque?

ALFREDO.

Porque escreveo a outro e lhe pertence!

CARLOTINHA.

Meu Deos! Mano, Henriqueta!...

EDUARDO.

Que tens?

CARLOTINHA.

Elle diz que eu amo a outro, que lhe escrevi!... Quando a elle...

ALFREDO.

Não devia dize-lo; mas foi o amor offendido, e não a razão, que fallou.

EDUARDO.

Sei que é incapaz de tornar-se écho de uma calunnia; para dizer o que acabo de ouvir é preciso que tenha certeza do que affirma. A quem escreveo minha irmã, Alfredo?

ALFREDO.

Perdão!... Não devo!

EDUARDO.

Exijo!...

ALFREDO.

Ao Sr. Azevedo!

HENRIQUETA.

É impossível!

CARLOTINHA.

Elle acredita!...

EDUARDO.

O senhor vio essa carta?

ALFREDO.

Vi essa carta sahir da mão que a escreveo e ser entregue áquelle a quem era destinada! (1 umor de passos.)

EDUARDO.

Silencio, senhor!

SCENA XV

OS MESMOS, AZEVEDO.

AZEVEDO, a Eduardo.

Cher ami! (A meia voz.) Acabo de ter uma scena bastante animada, *échauffante* mesmo!

EDUARDO.

Por que motivo?

AZEVEDO.

Eu lhe digo. (Afã-tão-se.) Rompi o meu casamento com Henriqueta; e acabo de participa-lo ao Sr. Vasconcellos.

EDUARDO.

Ah! . . E que razão teve para proceder assim?

AZEVEDO.

Muitas; seria longo enumera-las. Aquelle velho é um miseravel, e sua filha uma namoradeira!...

EDUARDO.

Sr. Azevedo, esquece que falla de amigos de nossa casa.

AZEVEDO.

Perdão; mas não podia deixar que esses dois especuladores abusassem por mais tempo da minha boa fé.

EDUARDO.

Se continúa desta maneira, sou obrigado a pedir-lhe que se calle.

AZEVEDO.

Bom; não me leve a mal este desabafo. O facto é que o casamento está completamente desfeito, e que eu posso dizer como Francisco I: — *Tout est perdu hors l'honneur.*

EDUARDO.

E a divida de dez contos?

AZEVEDO.

Elle a pagará; não lhe deixarei um momento de socego! Permitta que comprimente sua irmã.

ALFREDO.

Não devo ficar, Eduardo; sinto que não terei o sangue frio necessario para dominar-me.

EDUARDO.

Espere, meu amigo.

CARLOTINHA.

Sim; eu lhe peço, fique.

ALFREDO.

Para que? Para ser testemunha...

CARLOTINHA.

Para ser testemunha de minha innocencia!

HENRIQUETA.

Que vaes fazer?

CARLOTINHA.

Appellar para a consciencia de um homem que eu julgo honesto.

EDUARDO.

Minha irmã! Deixa-me esse penoso dever! Tu és uma moça...

CARLOTINHA.

Não, Eduardo; para elle eu sou criminosa; é justo que me defenda.

AZEVEDO.

Estou completamente *embêté!*

CARLOTINHA.

Sr. Azevedo, peço-lhe que declare se algum dia recebeu uma carta minha!

AZEVEDO.

Comment!... Uma carta sua?... Nunca!...

ALFREDO, a meia voz.

O senhor mente!

CARLOTINHA, a Henriqueta.

Ainda duvida!

AZEVEDO, a Eduardo.

Não estou na casa de um amigo?

EDUARDO.

Sim; e o insulto é feito a mim!

ALFREDO.

Perdão, Eduardo! Não sei o que faço; o meu espirito se perde!

AZEVEDO.

Falta-lhe o *savoir-vivre*!

CARLOTINHA.

Assim o senhor dá a sua palavra de honra! Não recebeu essa carta?...

AZEVEDO.

Se eu a tivesse recebido ha muito teria vindo apresentar-lhe o pedido respeitoso de um amor profundo; e não esperaria por esse momento.

CARLOTINHA.

O senhor ama-me então?

AZEVEDO.

É verdade!

CARLOTINHA.

Pois eu... eu o desprezo!

ALFREDO.

Ah!

EDUARDO

Minha irmã!...

AZEVEDO.

O desprezo é o direito das senhoras e dos soberanos.

HENRIQUETA.

Mas então eu sou livre? A minha promessa...

AZEVEDO.

Já foi restituída a seu pae!

HENRIQUETA.

Obrigada, meu Deos!

SCENA XVI

OS MESMOS, D. MARIA.

D. MARIA.

Que se passa aqui, senhores?

EDUARDO.

Ah! minha mãe! A nossa casa está sendo o theatro de uma scena bem triste!

D. MARIA.

Mas porque? Aconteceo alguma cousa? Carlotinha, que tens?

CARLOTINHA.

Nada, mamãe.

D. MARIA.

Todos tão frios, tão reservados!... Que quer dizer isto, Eduardo?

SCENA XVII

OS MESMOS, VASCONCELLOS, PEDRO.

PEDRO.

Barulho grande, Sr. Vasconcellos!

VASCONCELLOS.

Deixe-me! Estou furioso!

HENRIQUETA.

Meu pae, é verdade?

D. MARIA.

O senhor está tão perturbado!

VASCONCELLOS.

Se a senhora soubesse o que acabo de ouvir! Os maiores insultos!

AZEVEDO.

Verdades bem duras, mas não insultos, senhor! Não é meu costume.

VASCONCELLOS.

Ah! o senhor está aqui?

EDUARDO.

Sr. Vasconcellos!...

VASCONCELLOS.

Oh! não faz idéa do que este homem disse de mim. E se fosse só de mim! Calumniou, injuriou atrocmente a minha filha!...

EDUARDO.

Como, Sr. Azevedo?

AZEVEDO.

Pergunte-lhe o que ouvi delle!

PEDRO, a Alfredo.

Intriga está fervendo só! Hoje sim! Acaba-se tudo!

VASCONCELLOS.

E o que me dóe ainda mais, D. Maria, é que todas essas injurias de que o senhor se fez echo, sahem de sua casa!

PEDRO, a Carlotinha.

Mentira!

EDUARDO.

De nossa casa, Sr. Vasconcellos?

HENRIQUETA.

Eu não creio, meu amigo.

VASCONCELLOS.

Tu não crês, porque não as ouviste, minha filha; se não havias de ver que só amigos fingidos podião servir-se da intimidade para, á sombra della, urdirem semelhantes calumnias!

D. MARIA.

Nunca pensei, meu Deos, passar por semelhante vergonha!...

EDUARDO.

E eu, minha mãe, eu que sou responsavel por todos esses escandalos!

AZEVEDO.

C'est ennuyeux, ça!

VASCONCELLOS.

Vamos, minha filha; deixemos para sempre esta casa onde nunca devíamos ter entrado!

HENRIQUETA.

Eduardo!...

EDUARDO.

Adeos, Henriqueta!

HENRIQUETA.

Carlottinha!...

CARLOTTINHA.

Ama-me! tu ao menos não me farás chorar!

ALFREDO.

Sou eu que a faço chorar, D. Carlotinha?

VASCONCELLOS.

Vem, vem, Henriqueta! Não estamos bem neste lugar!

ALFREDO.

É verdade, soffre-se muito aqui.

AZEVEDO.

Com effeito, *il fait chaud*.

EDUARDO.

A honra e a felicidade! Tudo perdido!

D. MARIA, chorando.

E tua mãe, meu filho!

PEDRO.

E Pedro, senhor!

VASCONCELLOS.

Oh! está quem podia confirmar o que eu disse.

AZEVEDO.

Justamente!

EDUARDO.

Ah!... Escutem-me, senhores; depois me julgarão.
É a nossa sociedade brasileira a causa unica de tudo
quanto se acaba de passar.

ALFREDO.

Como?

VASCONCELLOS.

Que quer dizer?

AZEVEDO.

Tem razão; começo a entender!

EDUARDO.

Os antigos acreditavão que toda a casa era habitada por um demonio familiar, do qual dependia o socego e a tranquillidade das pessoas que nella vivião. Nós, os Brasileiros, realisamos infelizmente esta crença; temos no nosso lar domestico esse demonio familiar. Quantas vezes não partilha comnosco as caricias de nossas mães, os folguedos de nossos irmãos, e uma parte das affeições da familia! Mas vem um dia, como hoje, em que elle na sua ignorancia ou na sua malicia perturba a paz domestica; e faz do amor, da amizade, da reputação, de todos esses objectos santos, um jogo de creança. Este demonio familiar de nossas casas, que todos conhecemos, ei-lo.

AZEVEDO.

É uma grande verdade.

VASCONCELLOS.

Tem toda a razão; a elle é que ouvi!...

ALFREDO.

Sim, não ha duvida.

CARLOTINHA.

Eu advinhava!...

D. MARIA.

Como? Foste tu?...

PEDRO.

Pedro confessa, sim senhora.

D. MARIA.

Mas para que?...

PEDRO.

Para desmanchar o casamento de Sr. Azevedo...

AZEVEDO.

Que tal!

VASCONCELLOS.

E para isso inventaste tudo o que me disseste?

PEDRO.

E o que disse a Sr. Azevedo; nhanhã Carlotinha nunca se importou com elle.

AZEVEDO.

Assim, a flor?...

PEDRO

Mentira tudo.

ALFREDO.

E a carta?

PEDRO.

Nhanhã mandava a sinhá Henriqueta.

HENRIQUETA.

Então é esta!

ALFREDO.

Mas a sobrescripta?

HENRIQUETA.

Uma brincadeira!

ALFREDO.

Perdão, D. Carlotinha!

CARLOTINHA.

Não! O que eu soffri! . .

EDUARDO.

Porque, minha irmã? Todos devemos perdoar-nos mutuamente; todos somos culpados por havermos acreditado ou consentido no facto primeiro que é a causa de tudo isto. O unico innocente é aquelle que não tem imputação, e que fez apenas uma travessura de creança levado pelo instincto da amizade. Eu o corrijo, fazendo

do automato um homem; restituo-o á sociedade, porém expulso-o do seio de minha familia e fecho-lhe para sempre a porta de minha casa. (A Pedro.) Toma; é a tua carta de liberdade; ella será a tua punição de hoje em diante, porque as tuas faltas recahirão unicamente sobre ti; porque a moral e a lei te pedirão uma conta severa de tuas acções. Livre, sentirás a necessidade do trabalho honesto, e apreciarás os nobres sentimentos que hoje não comprehendes. (Pedro beija-lhe a mão.)

D. MARIA.

Muito bem, meu filho! Advinhaste o meu pensamento!

AZEVEDO.

Mas agora, por simples curiosidade, diz-me, *gamin*, que interesse tinhas em desfazer o meu casamento?

PEDRO.

Sr. moço Eduardo gosta de siuhá Henriqueta!

AZEVEDO.

Ah!... *bah!*...

EDUARDO.

Sim, meu amigo. Eu amo Henriqueta e para mim esse casamento seria uma desgraça; para o senhor era uma pequena questão de gosto, e para seu pae um compromisso de honra. Hoje mesmo pretendia solver essa obrigação. Aqui está uma ordem sobre o Souto; o Sr. Vasconcellos nada lhe deve.

VASCONCELLOS.

Como? Fico então seu devedor?

EDUARDO.

Essa divida é o dote de sua filha.

HENRIQUETA.

Oh! que nobre coração!

EDUARDO.

Quem m'ó deu?

HENRIQUETA.

Sou eu que sinto orgulho em lhe pertencer, Eduardo.

D. MARIA.

Mas, meu filho, dispões assim da tua pequena fortuna.
O que te resta?

EDUARDO.

Minha mãe, uma esposa e uma irmã. A pobreza, o
trabalho e a felicidade.

ALFREDO.

Esqueceo um irmão, Eduardo.

EDUARDO.

Tem razão!

AZEVEDO.

E um amigo *quand mème!*

EDUARDO.

Obrigado!

VASCONCELLOS.

A' vista disto, D. Maria, vou tratar de pôr a Josefa nos cobres!

AZEVEDO.

Decididamente volto a Pariz, meus senhores!

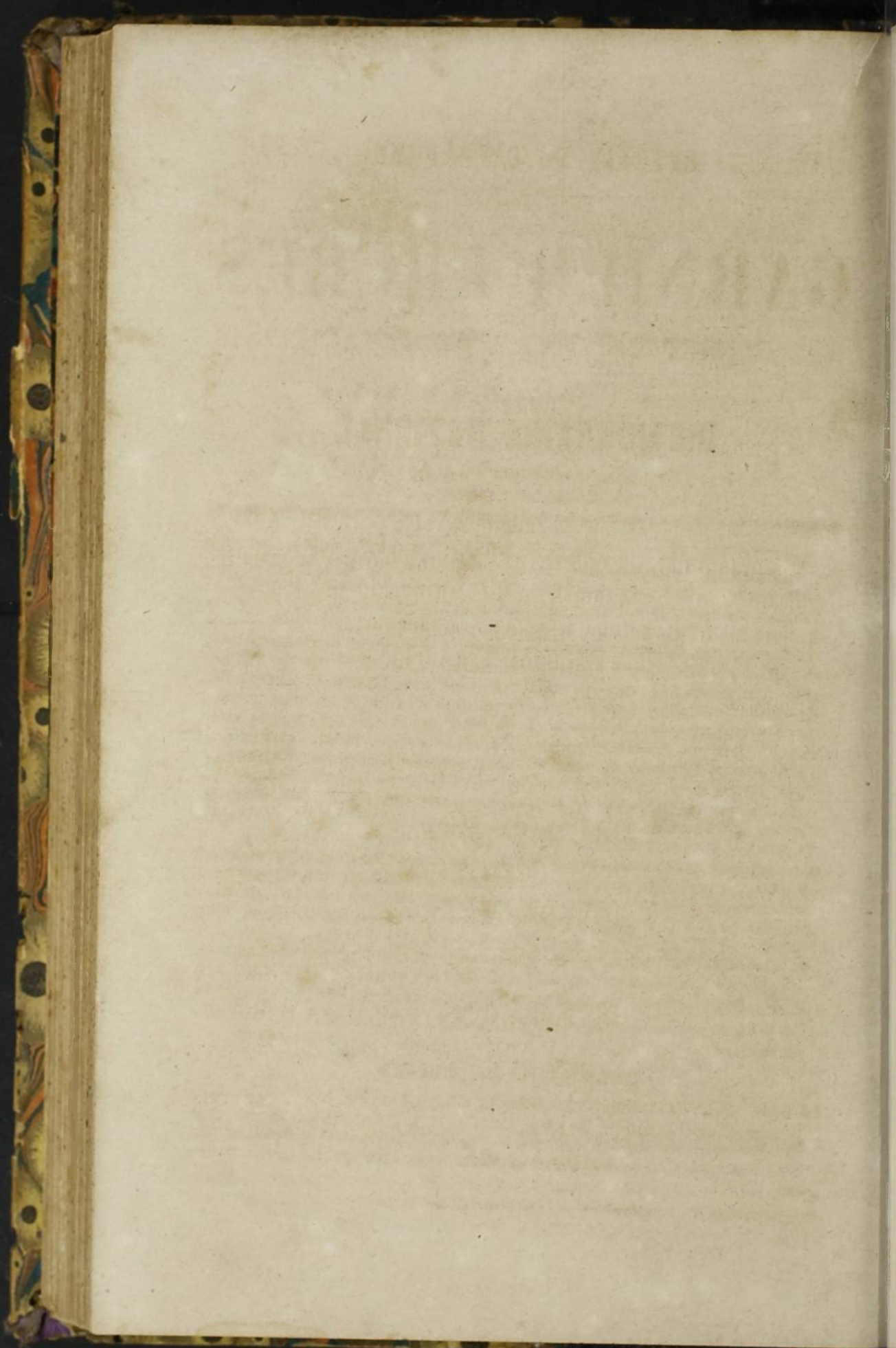
PEDRO.

Pedro vae ser cocheiro em casa de Major!

EDUARDO.

E agora, meus amigos, façamos votos para que o demonio familiar das nossas casas desapareça um dia, deixando o nosso lar domestico protegido por Deos, e por esses anjos tutelares, que sob as formas de mães, de esposas, e de irmãs vellarão sobre a felicidade de nossos filhos!..

FIM.



EXTRAIT DU CATALOGUE

DE LA LIBRAIRIE

GARNIER FRÈRES

6. rue des Saints-Pères et Palais-Royal, 215

DICTIONNAIRE NATIONAL

OUVRAGE ENTIÈREMENT TERMINÉ

MONUMENT ÉLEVÉ A LA GLOIRE DE LA LANGUE ET DES LETTRES FRANÇAISES

Ce grand Dictionnaire classique de la Langue française contient, pour la première fois, outre les mots mis en circulation par la presse, et qui sont devenus une des propriétés de la parole, les noms de tous les Peuples anciens, modernes; de tous les Souverains de chaque Etat; des Institutions politiques; des Assemblées délibérantes; des Ordres monastiques, militaires; des Sectes religieuses, politiques, philosophiques; des grands Evénements historiques: Guerres, Batailles, Sièges, Journées mémorables, Conspirations, Traités de paix, Conciles; des Titres, Dignités, Fonctions, des Hommes ou Femmes célèbres en tout genre; des Personnages historiques de tous les pays et de tous les temps: Saints, Martyrs, Savants, Artistes, Ecrivains; des Divinités, Héros et Personnages fabuleux de tous les peuples; des Religions et Cultes divers, Fêtes, Jeux, Cérémonies publiques, Mystères, enfin la Nomenclature de tous les Chefs-lieux, Arrondissements, Cantons, Villes, Fleuves, Rivières, Montagnes de la France et de l'Etranger; avec les Etymologies grecques, latines, arabes, celtiques, germaniques, etc., etc.

Cet ouvrage classique est rédigé sur un plan entièrement neuf, plus exact et plus complet que tous les dictionnaires qui existent, et dans lequel toutes les définitions, toutes les acceptions des mots et les nuances infinies qu'ils ont reçues sont justifiées par plus de quinze cent mille exemples extraits de tous les écrivains moralistes et poètes philosophes et historiens, etc., etc. Par M. BESCHERELLE aîné, principal auteur de la *Grammaire nationale*. 2 magnifiques vol. in-4 de plus de 5,000 pages, à 4 col., imprimés en caractères neufs et très-lisibles, sur papier grand raisin, glacé, contenant la matière de plus de 500 volumes in-8. 50 fr.

Demi-reliure chagrin. 60 fr.

GRAMMAIRE NATIONALE

Ou Grammaire de Voltaire, de Racine, de Bossuet, de Fénelon, de J. J. Rousseau, de Bernardin de Saint-Pierre, de Chateaubriand, de Casimir Delavigne, et de tous les écrivains les plus distingués de la France; par MM. BESCHERELLE FRÈRES et LITAISS DE CAUX. 1 fort vol. grand in-8, 12 fr. net. 10 fr.

Complément indispensable du DICTIONNAIRE NATIONAL.

DICTIONNAIRE USUEL DE TOUS LES VERBES FRANÇAIS

Tant réguliers qu'irréguliers, entièrement conjugués, par BESCHERELLE frères. 2 vol. in-8 à 2 colonnes. 12 fr.

Ce livre est indispensable à tous les écrivains et à toutes les personnes qui s'occupent de la langue française, car le verbe est le mot qui, dans le discours, joue le plus grand rôle; il entre dans toutes les propositions, pour être le lien de nos pensées et y répandre la clarté et la vie; aussi les Latins lui avaient donné le nom de *verbum* pour exprimer qu'il est le mot nécessaire, le mot par excellence. La conjugaison des verbes est sans contredit ce qu'il y a de plus difficile dans notre langue, puisqu'on y compte plus de trois cents verbes irréguliers. A l'aide de ce dictionnaire, tous les doutes sont levés, toutes les difficultés vaincues.

LE VÉRITABLE MANUEL DES CONJUGAISONS

Ou Dictionnaire des 8,000 verbes, par BESCHERELLE frères. Troisième édition. 1 vol. in-18. 3 fr. 75

GRAND DICTIONNAIRE ESPAGNOL-FRANÇAIS ET FRANÇAIS-ESPAGNOL

Avec la prononciation dans les deux langues, plus exact et plus complet que tous ceux qui ont paru jusqu'à ce jour, rédigé d'après les matériaux réunis par D. VICENTE SALVA, et les meilleurs dictionnaires anciens et modernes, par F. DE P. NORIEGA et GUIM. 1 fort vol. grand in-8 jésus d'environ 1,600 pages à 5 colonnes. 18 fr.

PETIT DICTIONNAIRE NATIONAL

Contenant la définition très-claire et très-exacte de tous les mots de la langue usuelle; l'explication la plus simple des termes scientifiques et techniques; la prononciation figurée dans tous les cas douteux ou difficiles, etc., à l'usage de la jeunesse, des maisons d'éducation qui ont besoin de renseignements prompts et précis sur la langue française; par BESCHERELLE aîné, auteur du *Grand Dictionnaire national*, etc. 1 fort volume in-32 jésus de plus de 600 pages. 2 fr. 25

NOUVEAU DICTIONNAIRE ANGLAIS-FRANÇAIS ET FRANÇAIS-ANGLAIS

Contenant tout le vocabulaire de la langue usuelle, et donnant la prononciation figurée de tous les mots anglais et celle des mots français dans les cas douteux ou difficiles, par CLIFTON. 1 beau volume grand in-32 de 1,000 pages environ. 4 fr. 50

NOUVEAU DICTIONNAIRE ALLEMAND-FRANÇAIS ET FRANÇAIS-ALLEMAND

Du langage littéraire, scientifique et usuel; contenant à leur ordre alphabétique tous les mots usités et nouveaux de ces deux idiomes; les noms propres de personnes, de pays, de villes, etc.; la solution des difficultés que présentent la prononciation, la grammaire et les idiotismes; et suivi d'un tableau de verbes irréguliers, par K. ROTTECK (de Berlin). 1 fort vol. grand in-32 jésus (édition galvanoplastique). 4 fr. 50

NOUVEAU DICTIONNAIRE DE POCHE FRANÇAIS-ESPAGNOL ET ESPAGNOL-FRANÇAIS

Avec la prononciation dans les deux langues, rédigé d'après les matériaux réunis, par D. VICENTE SALVA, et les meilleurs dictionnaires parus jusqu'à ce jour, 1 fort vol. gr. in-32. format dit Cazin d'environ 1,100 pag. 5 fr.

GRAND DICTIONNAIRE ITALIEN-FRANÇAIS ET FRANÇAIS-ITALIEN

Par BARRERI, continué et terminé par BASTI et CERATI. 2 gros vol. in-4,
contenant 2,500 pages, 45 fr.; net. 25 fr.

LE NOUVEAU MAÎTRE ITALIEN

Abrégé de la Grammaire des Grammaires italiennes, simplifié et mis à la
portée de tous les commençants, divisé par leçons, avec des thèmes
gradués pour s'exercer à parler dès les premières leçons et s'habituer
aux inversions italiennes, par J. PH. BARRERI, auteur du *Grand Diction-
naire italien-français*. 1 fort vol. in-8, 6 fr.; net. 4 fr.

DICTIONNAIRE USUEL DE GÉOGRAPHIE MODERNE

Contenant : les articles les plus nécessaires de la géographie ancienne,
ce qu'il y a de plus important dans la géographie historique du moyen
âge, le résumé de la statistique générale des grands États et des villes
les plus importantes du globe, par M. D. DE RIENZI. Nouvelle édition.
1 fort vol. in-8, à 2 col., orné de 9 cartes col. 8 fr.

DICTIONNAIRE GÉOGRAPHIQUE, STATISTIQUE ET POSTAL DES COMMUNES DE FRANCE

Dédié au commerce, à l'industrie et à toutes les administrations publiques,
par M. A. PEIGNÉ, auteur du *Dictionnaire portatif de la langue française*
et de plusieurs ouvrages d'instruction; avec la carte des postes. Cet
ouvrage, par la multiplicité et l'exactitude des renseignements qu'il
tourne, est indispensable à tout commerçant, voyageur, industriel et
employé d'administration, dont il est le *vade mecum*. 5 fr.

GUIDES POLYGLOTTES, MANUELS DE LA CONVERSATION ET DU STYLE ÉPISTOLAIRE

A l'usage des voyageurs et de la jeunesse des écoles, par MM. CLIFTON
VITALI, CORONA, BUSTAMENTE, EBELING, CAROLINO DUARTE. Grand in-32, for-
mat dit Cazin, papier satiné, élégamment cartonnés. Le vol. 2 fr.
Jolie reliure toile. 50 c. le vol. en plus.

Français-Anglais. 1 vol. in-32.
Français-Italien. 1 vol. in-32.
Français-Allemand. 1 vol. in-32.
Français-Espagnol. 1 vol. in-32.
Français-Portugais. 1 vol. in-32.
Espagnol-Français. 1 vol. in-32.
English-French. 1 vol. in-32.

English-Portuguese. 1 vol. in-32
Español-Inglés. 1 vol. in-32.
Anglais-Allemand. 1 vol. in-32.
Español-Italiano. 1 vol. in-32.
Portuguez-Francez. 1 vol. in-32
Portuguez-Ingléz. 1 vol. in-32.

**GUIDE EN SIX LANGUES. — Français-anglais-allemand-italien-
espagnol-portugais.** 1 fort vol. in-16 de 550 pages. Prix. 5 fr.

Nous appelons d'une manière toute spéciale l'attention sur nos *Guides poly-
glottes*. Le soin intelligent et scrupuleux qui en a dirigé l'exécution leur assure
parmi les livres de ce genre, une incontestable supériorité. Le texte original a
été fait et préparé, avec beaucoup d'adresse et d'habileté, par un maître de con-
férence à l'École normale supérieure. Les besoins de la conversation usuelle y
ont très-heureusement prévus. Les dialogues, au lieu de se traîner dans l'or-
nière des banalités ennuyeuses, ont un à-propos, une vivacité, un sel, qui amu-
sent et réveillent le lecteur. L'auteur a eu l'art de joindre l'agréable à l'utile.

GÉOGRAPHIE UNIVERSELLE

Par MALTE-BRUN, description de toutes les parties du monde sur un nouveau plan, d'après les grandes divisions du globe; précédée de l'histoire de la Géographie chez les peuples anciens et modernes, et d'une Théorie générale de la Géographie mathématique, physique et politique. Sixième édition, revue, corrigée et augmentée, mise dans un nouvel ordre et enrichie de toutes les nouvelles découvertes, par J. J. N. Hrot. 6 beaux vol. grand in-8, enrichis de 41 gravures sur acier. . . . 60 fr.

Avec un superbe atlas entièrement établi à neuf. 1 vol. in-folio, composé de 72 magnifiques cartes coloriées, dont 14 doubles. 80 fr.

On se plaignait généralement de la sécheresse de la géographie, lorsque, après quinze années de lectures et d'études, Malte-Brun conçut la pensée de renfermer dans une suite de discours historiques l'ensemble de la géographie ancienne et moderne, de manière à laisser, dans l'esprit d'un lecteur attentif, l'image vivante de la terre entière, avec toutes ses contrées diverses, et avec les lieux mémorables qu'elles renferment et les peuples qui les ont habités ou qui les habitent encore.

Il s'est dit : « La géographie n'est-elle pas la sœur et l'émule de l'histoire? Si l'une a le pouvoir de ressusciter les générations passées, l'autre ne saurait-elle fixer, dans une image mobile, les tableaux vivants de l'histoire en retraçant à la pensée cet éternel théâtre de nos courtes misères? cette vaste scène, jonchée des débris de tant d'empires, et cette immuable nature, toujours occupée à réparer, par ses bienfaits, les ravages de nos discordes? Et cette description du globe n'est-elle pas intimement liée à l'étude de l'homme, à celle des mœurs et des institutions? n'offre-t-elle pas à toutes les sciences politiques des enseignements précieux? aux diverses branches de l'histoire naturelle, un complément nécessaire? à la littérature elle-même, un vaste trésor de sentiments et d'images? »

DICTIONNAIRE DE LA CONVERSATION ET DE LA LECTURE

52 vol. grand in-8 de 500 pages à 2 col., contenant la matière de plus de 300 vol. 208 fr

Œuvre éminemment littéraire et scientifique, produit de l'association de toutes les illustrations de l'époque, sans acception de partis ou d'opinions, le *Dictionnaire de la Conversation* a depuis longtemps sa place marquée dans la bibliothèque de tout homme de goût, qui aime à retrouver formulées en préceptes généraux ses idées déjà arrêtées sur l'histoire, les arts et les sciences.

SUPPLÉMENT AU

DICTIONNAIRE DE LA CONVERSATION ET DE LA LECTURE

Rédigé par tous les écrivains dont les noms figurent dans cet ouvrage, et publié sous la direction du même rédacteur en chef. 16 vol. gr. in-8 de 500 pages, conformes aux 52 vol. publiés de 1832 à 1839. . . . 80 fr.

Le *Supplément*, aujourd'hui TERMINÉ se compose de seize volumes formant les tomes LIII à LXVIII de cette Encyclopédie si populaire.

Ce *Supplément* a réparé toutes les erreurs, toutes les omissions qui avaient échappé dans le travail si rapide de la rédaction des 52 premiers volumes. Tous les renvois que le lecteur cherchait vainement dans l'ouvrage principal se trouvent traités dans le *Supplément*, quelques articles jugés insuffisants ont été refaits.

Qui ne sait l'immense succès du *Dictionnaire de la Conversation*? Plus de 19,000 exemplaires des tomes I à LII ont été vendus; mais, aujourd'hui, les seuls exemplaires qui conservent toute leur valeur primitive sont ceux qui possèdent le *Supplément*, en d'autres termes, les tomes LIII à LXVIII.

Comme les seize volumes supplémentaires n'ont été tirés qu'à 5,000, ils ne tarderont pas à être épuisés.

Nous nous bornerons à prévenir les possesseurs des tomes I à LII qu'avant peu de temps il nous sera impossible de compléter leurs exemplaires et de leur fournir les tomes LIII à LXVIII; car ils s'épuisent plus rapidement que nous ne l'avions pensé.

Prix des seize vol. du *Supplément* (tomes LIII à LXVIII), 80 fr.; le v. 5 fr.

COURS COMPLET D'AGRICULTURE

Du Nouveau Dictionnaire d'agriculture théorique et pratique, d'économie rurale et de médecine vétérinaire; sur le plan de l'ancien Dictionnaire de l'abbé ROSNIER.

Par M. le baron de MOROGUES, ex-pair de France, membre de l'Institut, de la Société nat. et cent. d'agriculture;
M. MIRBEL, de l'Académie des sciences, professeur de culture au Jardin des Plantes, etc;

Par M. le vicomte HÉRICART DE THURY, président de la Société nationale d'agriculture;
M. PAYEN, de la Société nationale d'agriculture, professeur de chimie industrielle et agricole;
M. MATHIEU DE DOMBASLE, etc.

Ce cours a eu pour base le travail composé par les membres de l'ancienne section d'agriculture de l'Institut : MM. DE SISMONDI, BOSC, THOULIN, CHAPTAL, TESSIER, DESFONTAINES, DE CANDOILLE, FRANÇOIS DE NEUFCHATEAU, PARMENTIER, LA ROCHEFOUCAULD, MOREL DE VINDÉ, HUZARD père et fils, APPERT, VILMORIN, BRONGNIART, LENOIR, NOISETTE, etc. etc. 4^e édition, revue et corrigée. Broché en 20 vol. grand in-8. à 2 colonnes, avec environ 4,000 sujets gravés, relatifs à la grande et à la petite culture, à l'économie rurale et domestique, etc. Complet, 112 fr. 50; net. 90 fr.

DICTIONNAIRE D'HIPPIATRIQUE ET D'ÉQUITATION

Ouvrage où se trouvent réunies toutes les connaissances équestres et hippiques, par F. CARDINI, lieutenant-colonel en retraite. 2 vol. grand in-8. ornés de 70 figures. Deuxième édit., corrigée et considérablement augmentée. 20 fr.; net 15 fr.

OUVRAGES RELIGIEUX

ÉLEVATIONS A DIEU SUR TOUS LES MYSTÈRES DE LA RELIGION CHRÉTIENNE

Par BOSSUET. 1 vol. grand in-8, même format que les *Méditations sur l'Évangile*, orné de 10 magnifiques gravures anglaises sur acier, d'après LE GUIDE, POUSSIN, VANDERWERF, MARATTE, COPLEY, MELVILLE, etc. . . 16 fr.

MÉDITATIONS SUR L'ÉVANGILE

Par BOSSUET, revues sur les manuscrits originaux et les éditions les plus correctes, et illustrées de 14 magnifiques gravures sur acier, d'après RAPHAEL, RUBENS, POUSSIN, REMBRANDT, CARRACHE, LÉONARD DE VINCI, etc. 1 vol. grand in-8 jésus. 18 fr.

Cette superbe réimpression des chefs-d'œuvre de Bossuet, imprimée avec le plus grand soin par Simon Raçon, est destinée à prendre place parmi les plus beaux livres de l'époque.

LES SAINTS ÉVANGILES

Par l'abbé DASSANCE, selon saint Matthieu, saint Marc, saint Luc et saint Jean. 2 splendides vol. grand in-8, illustrés de 12 gravures sur acier. et ornés de vues. Edition CURMER. Brochés, 48 fr.; net. 30 fr.

LES ÉVANGILES

Par F. LAMENNAIS, Traduction nouvelle, avec des notes et des réflexions. Deuxième édition, illustrée de 10 gravures sur acier, d'après GIGOLI, LE GUIDE, MURILLO, OVERBECK, RAPHAEL, RUBENS, etc. 1 vol. in-8 cavalier vélin, 10 fr.; net. 8 fr.

LES VIES DES SAINTS

Pour tous les jours de l'année, nouvellement écrites par une réunion d'ecclésiastiques et d'écrivains catholiques, classées pour chaque jour de l'année par ordre de dates, d'après les martyrologes et GODESCARD; illustrées d'environ 1.800 gravures. L'ouvrage complet forme 4 beaux vol. grand in-8; chaque vol. se compose d'un trimestre et forme un tout complet. 10 fr. le vol. Complet. 40 fr.

Les *Vies des Saints* avaient déjà obtenu l'approbation des archevêques de Paris, de Cambrai, de Tours, de Bourges, de Reims, de Sens, de Bordeaux, etc., etc.

IMITATION DE JÉSUS-CHRIST

Traduite par l'abbé DASSANCE, avec approbation de Monseigneur l'archevêque de Paris. Edition CURMER, avec encadrements variés, frontispice or et couleur, et 10 gravures sur acier. 1 vol. grand in-8. 20 fr.

Reliure chagrin, tranche dorée. 12 fr.
— demi-chagrin, tranche dorée, plats toile. 5 50

LES FEMMES DE LA BIBLE

Par M. l'abbé G. DARBOY. Collection de portraits des femmes remarquables de l'Ancien et du Nouveau Testament (gravés par les meilleurs artistes, d'après les dessins de G. STAAL), avec textes explicatifs rappelant les principaux événements du peuple de Dieu, et renfermant des appréciations sur les caractères des Femmes célèbres de ce peuple. 2 vol. grand in-8 jésus. Le vol. 20 fr.

LES SAINTES FEMMES

Par M. l'abbé DARBOY. Collection de portraits, gravés sur acier, des femmes remarquables de l'Église; ouvrage approuvé par Monseigneur l'archevêque de Paris. 1 vol. grand in-8 jésus. 20 fr.

LE CHRIST, LES APOTRES ET LES PROPHÈTES

Par l'abbé DARBOY. Collection de portraits de l'Écriture sainte les plus remarquables, gravés par les meilleurs artistes. 1 volume grand in-8 jésus. 20 fr.

LA VIERGE

Histoire de la Mère de Dieu et de son culte, par l'abbé ORSINI. Nouvelle édition, illustrée de gravures sur acier et de sujets dans le texte. 2 beaux vol. grand in-8 jésus. 24 fr.

SAINT VINCENT DE PAUL

Histoire de sa vie, par l'abbé ORSINI. 1 magnifique vol. grand in-8 jésus, illustré de 10 splendides gravures sur acier, tirées sur chine avant la lettre, d'après KARL GIRARDET, LELOIR, MEISSONNIER, STAAL, etc., gravées par nos meilleurs artistes. 12 fr.

PRIX DE LA RELIURE DES SEPT VOLUMES CI-DESSUS

Reliure toile mosaïque, plaque spéciale, tranche dorée. 6 fr.
Reliure demi-chagrin, tranche dorée. 6

LA SAINTE BIBLE

L'Ancien et le Nouveau Testament complets; traduction nouvelle par GOSNODÉ. 5 vol. grand in-8 à 2 colonnes, illustrés de 8 magnifiques gravures anglaises et de 350 gravures sur bois. 24 fr.

Demi-rel. chagrin, plats toile doré sur tranche, 5 vol. rel. en 2. 6 fr. le vol.

HISTOIRE ECCLÉSIASTIQUE

Par l'abbé FLEURY, augmentée de 4 livres (les livres CI, CII, CIII et CIV) publiés pour la première fois d'après un manuscrit appartenant à la Bibliothèque impériale, avec une table générale des matières. Paris, 1856. 6 vol. gr. in-8 jésus, à 2 col.; au lieu de 60 fr., net. . . 50 fr.

ŒUVRES COMPLÈTES DE CHATEAUBRIAND

Nouvelle édition, précédée d'une étude littéraire sur CHATEAUBRIAND par M. SAINTE-BEUVE, de l'Académie française. 12 vol. in-8, papier cavalier vélin, orné d'un beau portrait de Chateaubriand. Chaque vol. . . 5 fr.

Notre édition réunit à la fois les avantages d'un prix modéré, d'une excellente typographie et d'une correction faite d'après les meilleurs textes. Elle sera enrichie d'une étude très-complète sur Chateaubriand par M. Sainte-Beuve, et de notes inédites extrêmement curieuses.

Nous avons eu soin de faire faire des titres particuliers et des couvertures spéciales pour chaque volume formant un tout complet.

EN VENTE

LEGÉNIE DU CHRISTIANISME.
1 vol.

LES MARTYRS. 1 vol.

**L'ITINÉRAIRE DE PARIS A
JERUSALEM.** 1 vol.

**ATALA, RENÉ, LE DERNIER
ABENCERRAGE, LES NAT-
CHEZ, POÉSIES.** 1 vol.

**VOYAGE EN AMÉRIQUE, EN
ITALIE ET EN SUISSE.** vol.

Chaque volume, avec 3, 4 ou 5 gravures, se vend séparément. 6 fr.

Demi-reliure, plats toile, doré sur tranche. 5 fr.

MAGNIFIQUE COLLECTION DE GRAVURES

Comme ornement et complément de notre édition, nous publions une splendide collection composée d'environ 40 gravures, dessinées par STAAL, etc., exécutées spécialement pour cette édition, et avec le plus grand soin, par MM. F. DELANNOY, A. THIBAUT, OUTHWAITE, MASSARD, etc., d'après les dessins originaux de G. STAAL, RACINET, etc. Rien n'a été négligé pour rendre ces gravures dignes des *Œuvres de Chateaubriand*, 12 livr. composées de chacune 3 ou 4 grav. Chaque livraison 1 fr.

HISTOIRE DE FRANCE

Par ANQUETIL, avec continuation jusqu'à nos jours par BAUDE, l'un des principaux auteurs du *Million de Faits* et de *Patria*. 8 vol. grand in-8, imprimés à 2 col., illustrés de 120 gravures environ, renfermant la collection complète des portraits des rois, 50 fr.; net. 40 fr.

HISTOIRE DE FRANCE D'ANQUETIL

Continuée depuis la Révolution de 1789 par LÉONARD GALLOIS. Edition ornée de 50 gravures en taille-douce. 5 vol. grand in-8 jésus à 2 colonnes, contenant la matière de 40 vol. in-8 ordinaires. 62 fr. 50; net. 40 fr.
Demi-reliure, dos chagrin, le vol. 5 fr. 50

ABRÉGÉ CHRONOLOGIQUE DE L'HISTOIRE DE FRANCE

Par le président HÉNIAULT, continué par MICHAUD. 1 vol. grand in-8 illustré de gravures sur acier. 12 fr.
Demi-reliure, chagrin. 5 fr. 50
— avec les plats toile, tr. doré. 6 fr. ✓

HISTOIRE DE LA RÉVOLUTION FRANÇAISE

Par M. LOUIS BLANC, auteur de l'*Histoire de Dix ans*. Chaque volume se vend séparément. 5 fr

Le dixième volume est en vente.

CAMPAGNE DE PIÉMONT ET DE LOMBARDIE

Par AMÉDÉE DE CESENA. 1 vol. grand in-18 j sus. 20 fr

L'histoire de cette campagne est une histoire éminemment populaire, qui doit éveiller un intérêt universel. Les éditeurs n'ont rien négligé pour que cet ouvrage joignit au mérite de l'à-propos tous les avantages d'une exécution sérieuse, et devint un livre, non pas seulement de circonstance et d'un intérêt éphémère, mais digne de tenir une place honorable dans les bibliothèques. — Au point de vue littéraire et politique, le nom de l'auteur est à la fois une promesse et une garantie. Les incidents de la campagne sont retracés dans ce livre avec une verve et un entrain qui donnent beaucoup de charme au récit. L'ouvrage est orné des portraits de l'Empereur, de l'Impératrice et de Victor-Emmanuel, admirablement gravés sur acier par Delannoy, d'après Winterhalter, de plans et de cartes, de types militaires des trois armées et de planches sur acier représentant les batailles de *Magenta* et de *Solférino* et la *Rentrée des Troupes à Paris*. Le livre renferme aussi la liste complète et nominale des décorés et des médaillés de l'armée d'Italie, et, par cela même, devient pour eux un titre de famille.

GALERIES HISTORIQUES DE VERSAILLES

Ce grand et important ouvrage a été entrepris aux frais de la liste civile du roi Louis-Philippe, et rédigé d'après ses instructions. Il renferme la description de 1,200 tableaux; des notices historiques sur plus de 676 écussons armoriés de la salle des Croisades, et des aperçus biographiques sur presque tous les personnages célèbres depuis les temps les plus reculés de la monarchie française. Cet ouvrage, véritable histoire de France, illustrée par les maîtres les plus célèbres en peinture et en sculpture, et destiné à être donné en cadeau à tous les hommes éminents de notre époque, n'a jamais été mis en vente. 10 vol. in-8 imprimés en caractères neufs sur beau papier, avec un magnifique album in-4 contenant 100 gravures. 80 fr.

VERSAILLES ANCIEN ET MODERNE

Par le comte ALEXANDRE DE LA BORDE. Paris, Gavard 1842 1 vol. grand in-8 jésus vélin; au lieu de 50 fr., net. 12 fr. 50

Ce volume, de 916 pages de texte, est orné de plus de 800 gravures sur acier et sur bois.

SOUVENIRS D'UN AVEUGLE

Voyage autour du monde, par J. ARAGO, sixième édition, revue, augmentée, enrichie de notes scientifiques, par F. ARAGO, de l'Institut. 2 vol. grand in-8 raisin, illustrés de 23 planches et portraits à part, et de 110 vignettes dans le texte, 20 fr.; net. 15 fr.

Reliure toile, tranche dorée, le volume. 5 fr. 50

Reliure demi-chagrin, plats en toile, tr. dorée, les 2 vol. en un. 4 50

ABRÉGÉ METHODIQUE DE LA SCIENCE DES ARMOIRIES

Suivi d'un glossaire des attributs héraldiques, d'un traité élémentaire des ordres modernes de la chevalerie, et de notions sur l'origine des noms de famille et des classes nobles, les anoblissements, les preuves et les titres de noblesse, les usurpations et la législation nobiliaire, etc., par M. MAIGNE, 1 vol. grand in-18 jésus, orné d'environ 500 vignettes dans le texte, gravées par M. DUBRENOY. 6 fr.

DICTIONNAIRE DE LA NOBLESSE ET DU BLASON

Par JOUFFROY D'ESCHAVANNES, hérauldiste, historiographe, secrétaire-archiviste de la Société orientale de Paris. 1 vol. grand in-8, ill. de 2 pl. de Blason col. et d'un grand nombre de grav. 15 fr.; net. . . 10 fr.

ORDRES DE CHEVALERIE ET MARQUES D'HONNEUR

Histoire, costume et décoration, par M. WALEN, chevalier de plusieurs ordres. Ouvrage publié sur les documents officiels, avec un supplément renfermant toutes les nouvelles décorations jusqu'à ce jour, et les costumes des principaux ordres. Superbe volume grand in-8, illustré de 110 planches coloriées à l'aquarelle. Au lieu de 75 fr., net. . . 40 fr.

COSTUMES DU MOYEN AGE

D'après les monuments, les peintures et les monuments contemporains, et pris en grande partie parmi les monuments de la célèbre bibliothèque des ducs de Bourgogne; précédés d'une dissertation sur les mœurs, les usages de cette époque. 2 magnifiques volumes illustrés de 150 gravures soigneusement coloriées à l'aquarelle. 90 fr.; net. . . . 45 fr.

L'ITALIE CONFÉDÉRÉE

Histoire politique, militaire et pittoresque de la campagne de 1859, par AMÉDÉE DE CESENA. 4 vol. grand in-8 jésus, illustrés de gravures sur acier, de types militaires des différents corps des armées française, sarde et autrichienne, dessinés par CH. VERNIER; des plans de Vérone, de Mantoue et de Venise, etc., et d'une carte du nord de l'Italie indiquant les limites actuelles du royaume de Sardaigne et des États de la confédération, dressés par VUILLEMIN. Prix de chaque volume. . . . 6 fr.

L'histoire de cette campagne est une histoire éminemment populaire, qui doit éveiller un intérêt universel.

Les éditeurs n'ont rien négligé pour que cet ouvrage joignît au mérite de l'actualité la plus palpitante tous les avantages d'une exécution sérieuse, et devint un livre, non pas seulement de circonstance et d'un intérêt éphémère, mais digne de tenir une place honorable dans les bibliothèques. — Le livre renferme aussi la liste complète et nominale des décorés et des médaillés de l'armée d'Italie, et, par cela même, devient pour eux un titre de famille.

MÉMORIAL DE SAINTE-HÉLÈNE

Par feu le comte de LAS CASES, nouvelle édition revue avec soin, augmentée du *Mémorial de la Belle-Poule*, par M. EMMANUEL DE LAS CASES, 2 vol. grand in-8, avec portraits, vignettes nouvelles, gravés sur acier, par BLANCHARD. Dessins de PAUQUET, FRÈRE ET DAUBIGNY. 24 fr.; net. . . 14 fr.

HISTOIRE UNIVERSELLE

Par le comte DE SÉGUR, de l'Académie française; contenant l'histoire des Égyptiens, des Assyriens, des Mèdes, des Perses, des Juifs, de la Grèce, de la Sicile, de Carthage et de tous les peuples de l'antiquité, l'histoire romaine et l'histoire du Bas-Empire. 9^e édit., ornée de 50 grav. sur acier, d'après les grands maîtres. 3 vol. grand in-8. . . . 57 fr. 50

On peut acheter séparément chaque volume, qui forme un tout complet :

Histoire ancienne, contenant l'histoire des Égyptiens, des Assyriens, des Mèdes, des Perses, des Grecs, des Carthaginois, des Juifs. 1 vol. 12 fr. 50

Histoire romaine, contenant l'histoire de l'empire romain, depuis la fondation de Rome jusqu'à Constantin. 1 vol. 12 fr. 50

Histoire du Bas-Empire, depuis Constantin jusqu'à la fin du second empire grec. 12 fr. 50

L'*Histoire universelle* de Ségur est devenue, pour la jeunesse, un livre classique. Le nombre des éditions qui se sont succédé en atteste le mérite et le succès.

HISTOIRE DES DUCS DE BOURGOGNE

Par M. DE BARANTE, membre de l'Académie française. Septième édition. 12 vol. in-8, caractères neufs, imprimés sur papier vélin satiné des Vosges, ornés de 104 grav. et d'un grand nombre de cartes. Prix, le vol. 5 fr.

La place de cet ouvrage est marquée dans toutes les bibliothèques. Il joint au mérite et à l'exactitude historique une grande vérité de couleur et un grand charme de narration.

HISTOIRE DES RÉPUBLIQUES ITALIENNES DU MOYEN AGE

Par SIMONDE DE SISMONDI. Nouvelle édition, ornée de gravures sur acier. 10 vol. in-8, 50 fr.; net. 40 fr.

HISTOIRE D'ITALIE

Depuis les premiers temps jusqu'à nos jours, par le docteur HENRI LEO et BOTTA, traduite de l'italien et enrichie de notes très-curieuses par M. DOCHEZ. 5 vol. grand in-8; au lieu de 45 fr., net. 15 fr.

HISTOIRE DE PORTUGAL

Par HENRI SCHEFER, traduite par HENRI SOULANGE-BODIN. 1 vol. grand in-8; au lieu de 15 fr., net. 5 fr.

HISTOIRE D'ESPAGNE

Depuis les temps les plus reculés jusqu'à nos jours, d'après les meilleurs auteurs, par CH. PAQUIS et DOCHEZ. 2 vol. grand in-8; au lieu de 30 fr., net. 10 fr.

HISTOIRE DES CAUSES DE LA RÉVOLUTION FRANÇAISE

Par A. GRANIER DE CASSAGNAC. 4 vol. in-8. 20 fr.

LAMARTINE

Histoire de la Révolution de 1848. Nouvelle édition, complètement revue par l'auteur. 2 volumes in-8, papier cavalier vélin. 12 fr.

MÊME OUVRAGE. 2 vol. grand in-18 jésus, le vol. 3 fr 50

RAPHAËL

Pages de la vingtième année, par LAMARTINE. Deuxième édition. 1 vol. in-8 cavalier vélin. 5 fr.

HISTOIRE DE RUSSIE

Par A. DE LAMARTINE. Paris, PERROTIN, 1856. 2 vol. in-8, 10 fr.; net. 5 fr.

M. de Lamartine a voulu compléter son Histoire de l'empire ottoman par une Histoire de la Russie. — Ces deux volumes sont indispensables aux nombreux possesseurs de l'histoire de la Turquie.

HISTOIRE DE LA PEINTURE EN ITALIE

Depuis la Renaissance des beaux-arts jusque vers la fin du dix-huitième siècle, par LANZI; traduite de l'italien sur la troisième édition, sous les yeux de plusieurs professeurs, par madame A. DIEUDÉ. Paris, DUFART, 1824. 5 vol. in-8; au lieu de 35 fr. 18 fr.

Cette traduction est la seule complète qui ait été publiée de l'ouvrage de Lanzi. Cet ouvrage est indispensable aux artistes et à tous ceux qui ont le goût des beaux-arts.

VOYAGE DANS L'INDE

Par le prince A. SOLTYKOFF; illustré de lithographies à deux teintes, par DERUDDER, etc., d'après les dessins de l'auteur. 1 vol. gr. in-8 jés. 20 fr.
Reliure t. mosaïque, riche plaque spéciale, genre indien, tr. dor., le vol. 6 fr.

VOYAGE EN PERSE

Par le même; illustré, d'après les dessins de l'auteur, de magnifiques lithographies par TRAYER, etc. 1 vol. gr. in-8 jésus. 40 fr.
Reliure toile mosaïque, riche plaque spéciale, genre indien, tr. dorée, 6 fr.

ŒUVRES COMPLÈTES DE BUFFON

Avec la nomenclature linnéenne et la classification de Cuvier. Édition nouvelle, revue sur l'édition in-4 de l'Imprimerie impériale, annotée par M. FLOURENS, membre de l'Académie française, etc., etc.

Les *Œuvres complètes de Buffon* forment 12 v. grand in-8 jésus, illustrés de 162 planches, 800 sujets coloriés, gravés sur acier, d'après les dessins originaux de M. VICTOR ADAM. Imprimés en caractères neufs, sur papier pâte vélin, par la typographie J. CLAVE. 120 fr.

M. le ministre de l'instruction publique a souscrit, pour les bibliothèques, à cette magnifique publication (aujourd'hui complètement achevée), reconnue par les hommes les plus compétents comme une édition modèle des œuvres du grand naturaliste. Le nom et le travail de M. Flourens la recommandent d'une façon toute particulière, et lui donnent un cachet spécial.

Pour satisfaire à de nombreuses demandes nous avons ouvert une souscription par demi-volumes du prix de 5 fr.

Les souscripteurs peuvent retirer, dès à présent, les 24 demi-volumes.

LEÇONS ÉLÉMENTAIRES D'HISTOIRE NATURELLE

Traité de CONCHYLIOLOGIE, précédé d'un aperçu sur toute la zoologie, à l'usage des étudiants et des gens du monde, par M. CHENU, conservateur du Musée d'histoire naturelle de M. DELESSERT. 1 vol. in-8, orné de 1,000 vignettes sur cuivre et sur bois, dans le texte, et d'un atlas de 12 planches en taille-douce coloriées. Prix, broché, 15 fr.; net. 8 fr.

Atlas en planches noires, broché, 12 fr.; net. 5 fr.

LE MUSÉUM D'HISTOIRE NATURELLE

Histoire de la fondation et des développements successifs de l'établissement, biographie des hommes célèbres qui y ont contribué par leur enseignement ou par leurs découvertes; description des galeries, du jardin, des serres et de la ménagerie, par PAUL-ANTOINE CAP. Paris, CURMER. 1 magnifique volume très-grand in-8 jésus sur papier superfine 15 magnifiques planches coloriées à l'aquarelle, 20 grandes planches gravées sur acier, une grande quantité de bois gravés, illustrations par AD. FÉART, FREEMANN, PAUQUET, etc. Au lieu de 21 fr., net. 16 fr.

HISTOIRE NATURELLE DES MAMMIFÈRES

Classés méthodiquement, avec l'indication de leurs mœurs et de leurs rapports avec les Arts, le Commerce et l'Agriculture, par PAUL GERVAIS, illustrations par MM. WERNER, FREEMANN, OUDART, DELAHAYE, DE BAR et autres éminents artistes; gravures par MM. ANNEDOUCHE, QUARTLEY, GOSMAN BRUNIER, HILDEBRAND, GAUCHARD, SARGENT et l'élite des graveurs français et étrangers. Paris, CURMER, 1855. 2 magnifiques vol. très-grand in-8 jésus; au lieu de 25 fr., le vol. net. 16 fr.

Ces volumes contiennent 58 planches gravées sur acier et coloriées entièrement inédites, et environ 120 gravures sur bois séparées du texte, imprimées à deux teintes; un nombre considérable de gravures sur bois, inédites.

L'AFRIQUE FRANÇAISE, L'EMPIRE DU MAROC ET LES DÉSERTS DU SAHARA

Edition illustrée d'un grand nombre de gravures sur acier, noires et coloriées, par CHRISTIAN. 1 volume grand in-8 jésus. 15 fr.

CASIMIR DELAVIGNE

ŒUVRES COMPLÈTES, comprenant le THÉÂTRE, les MESSÉNIENNES et les CHANTS SUR L'ITALIE. Nouvelle édition, illustrée de 12 belles vignettes gravées sur acier d'après A. JOHANNOT. 1 beau vol. gr. in-8 jésus. 1855. . . 12 fr. 50

ŒUVRES DE P. ET TH. CORNEILLE

Précédées de la vie de P. Corneille, par FONTENELLE, et des discours sur la poésie dramatique. Nouvelle édition ornée de gravures sur acier. Un beau volume grand in-8. 12 fr. 50

ŒUVRES DE J. RACINE

Avec un essai sur la vie et les ouvrages de J. Racine, par LOUIS RACINE; ornées de 15 vignettes, d'après GÉRARD, GIRODET, DESENNE, etc. 1 beau vol. grand in-8 jésus. 12 fr. 50

ŒUVRES COMPLÈTES DE BOILEAU

Avec une notice et notes de tous les commentateurs, illustrées de 7 gravures sur acier, nouvelle édition. 1 vol. grand in-8. . . . 12 fr. 50

MOLIÈRE

Œuvres complètes, précédées d'une notice sur la vie et les ouvrages de Molière, par SAINTE-BEUVE, illustrées de 800 dessins, par TONY JOHANNOT. Nouvelle édition. 1 vol. gr. in-8, jésus, imprimé par PLON frères. . . 20 fr.

Reliure demi-chagrin, pour chacun des cinq ouvrages, le vol. 5 fr. 50
Même reliure, plats en toile, tranche dorée. 6 fr. »

COURS ÉLÉMENTAIRE D'HISTOIRE NATURELLE

A l'usage des Lycées et des maisons d'éducation, rédigé conformément au programme de l'Université. Le cours comprend :

Zoologie, par M. MILNE-EDWARDS, membre de l'Institut, professeur au Jardin des Plantes.

Botanique, par M. A. DE JUSSIEU, de l'Institut, professeur au Jardin des Plantes.

Minéralogie et Géologie, par M. F. S. BERDANT, de l'Institut, inspecteur général des études. 3 forts vol. in-12 ornés de plus de 2,000 figures intercalées dans le texte.

Chaque volume se vend séparément. Broché. 6 fr.

Cartonné à l'anglaise. 7 fr.

La GÉOLOGIE seule. Brochée. 4 fr.

Ouvrage adopté par l'Université et approuvé par Mgr l'archevêque de Paris.

NOTIONS PRÉLIMINAIRES D'HISTOIRE NATURELLE

Pour servir d'introduction au *Cours élémentaire d'histoire naturelle*, rédigées conformément au programme officiel de l'enseignement dans les lycées (section des sciences). 5 vol. in-18 jésus, illustrés d'un grand nombre de figures intercalées dans le texte.

Zoologie, par M. MILNE EDWARDS. 3 fr. »

Botanique, par M. PAYER, professeur à la Faculté des sciences de Paris (*sous presse*).

Géologie, par M. E. B. DE CHANCOURTOIS 1 fr.

COURS ÉLÉMENTAIRE DE CHIMIE

Par M. V. REGNAULT, de l'Institut, directeur de la Manufacture impériale de Sèvres, professeur au Collège de France et à l'École polytechnique, 4 vol. in-18 jésus, ornés de 700 figures dans le texte. 5^mé edit. 20 fr.

PREMIERS ÉLÉMENTS DE CHIMIE

A l'usage des facultés, des établissements d'enseignement secondaire, des écoles normales et des écoles industrielles; par M. V. REGNAULT. In-18 jésus, illustré d'un grand nombre de figures dans le texte. . . 5 fr.

COURS ÉLÉMENTAIRE DE MÉCANIQUE

Théorique et appliquée, à l'usage des lycées, des écoles normales, des facultés, etc.; par M. DELAUNAY, de l'Institut, ingénieur des Mines, professeur à la Faculté des sciences de Paris et à l'École polytechnique, etc. 1 vol. in-18 jésus illustré de 540 figures dans le texte. 4^mé édition. 8 fr.

COURS ÉLÉMENTAIRE D'ASTRONOMIE

Concordant avec les articles du programme officiel pour l'enseignement de la cosmographie dans les lycées; par *le même*. 1 volume in-18 jésus, illustré de planches en taille-douce et d'un grand nombre de figures intercalées dans le texte, deuxième édition. . . . 7 fr. 50

ELEMENTS DE BOTANIQUE

PREMIÈRE PARTIE : Organographie, par M. PAYER, de l'Institut, professeur de botanique à la Faculté des sciences et à l'École normale supérieure. 1 volume grand in-18, avec 668 fig. intercalées dans le texte. . . fr.

SOUS PRESSE :

2^e PARTIE : **Anatomie, physiologie, organogénie, pathologie et tératologie végétales**

3^e PARTIE : **Les principaux groupes du règne végétal**, considérés au point de vue de leur classification naturelle (*Phytographie*); de leur application à la médecine et à l'industrie (*Botanique appliquée*), et de leur distribution à la surface du sol (*Géographie botanique*).

COURS ÉLÉMENTAIRE D'AGRICULTURE

Destiné aux élèves des écoles d'agriculture et des écoles normales primaires, aux propriétaires, cultivateurs; par MM. GIRARDIN, correspondant de l'Institut, professeur, et DUBREUIL, professeur d'agriculture et de sylviculture, chargé du cours d'arboriculture au Conservatoire impérial des arts et métiers. 2 forts volumes in-18 jésus, illustrés de 842 figures dans le texte 2^e édition. 15 fr.

COURS ÉLÉMENTAIRE THÉORIQUE ET PRATIQUE D'ARBORICULTURE.

Comprenant l'étude des pépinières d'arbres et d'arbrisseaux forestiers, fruitiers et d'ornement; celle des plantations d'alignement forestières et d'ornement; la culture spéciale des arbres à fruits à cidre, et de ceux à fruits de table. Précédé de quelques notions d'anatomie et de physiologie végétales; par M. A. DUBREUIL, professeur d'agriculture et de sylviculture. 4^e édition, considérablement augmentée. 1 très-fort vol. in-18 jésus, illustré de 811 figures dans le texte et de 5 planches gravées sur acier. Publié en deux parties. 12 fr.

Ouvrage approuvé par l'Université et couronné par les sociétés d'horticulture de Paris, de Rouen et de Versailles.

INSTRUCTION ÉLÉMENTAIRE POUR LA CONDUITE DES ARBRES FRUITIERS

Greffe, — Taille, — Restauration des arbres mal taillés ou épuisés par la
vieillesse, — Culture, récoltes et conservation des fruits; par *le même*.
Ouvrage destiné aux jardiniers, aux élèves des fermes écoles et des
écoles normales primaires. 1 volume in-18 jésus, illustré de figures dans
le texte. Deuxième édition. 2 fr. 50

OUVRAGES EN VOIE D'EXÉCUTION :

COURS ÉLÉMENTAIRE DE PHYSIQUE

par M. V. REGNAULT, de l'Institut, directeur de la manufacture impériale
de Sèvres, professeur au Collège de France et à l'École polytechnique.
2 volumes in-18 jésus, illustrés de figures dans le texte.

PREMIERS ÉLÉMENTS DE PHYSIQUE

Rédigés sur le nouveau programme; par *le même*. 1 volume grand in-18,
avec figures dans le texte.

EXPOSITION ET HISTOIRE DES PRINCIPALES DÉCOUVERTES SCIENTIFIQUES MODERNES

Par M. LOUIS FIGUIER, docteur ès sciences. Cinquième édition. 4 volumes
in-18 jésus. Brochés. 14 fr.

CES QUATRE VOLUMES CONTIENNENT :

- LE PREMIER : Machine à vapeur. — Bateaux à vapeur. — Chemins de fer.
- LE DEUXIÈME : Machine électrique. — Bouteille de Leyde. — Paratonnerre. —
Pile de Volta.
- LE TROISIÈME : Photographie. — Télégraphie aérienne et électrique. — Galva-
noplastie et dorure chimique. — Poudres de guerre et poudre-coton.
- LE QUATRIÈME : Aérostats. — Eclairage au gaz. — Ethérisation. — Planète
Leverrier.

APPLICATIONS NOUVELLES DE LA SCIENCE

A l'industrie et aux arts en 1855, par *le même*. In-18. 3 fr.

TRAITÉ DE MÉCANIQUE RATIONNELLE

Contenant les éléments de mécanique exigés pour l'admission à l'École
polytechnique et toute la partie théorique du cours de mécanique et
machines de cette école; par M. CH. DELAUNAY, de l'Institut, professeur
à l'École polytechnique et à la Faculté des sciences de Paris, deuxième
édition. 1 vol. in-8. 8 fr.

LEÇONS ÉLÉMENTAIRES DE BOTANIQUE

Fondées sur l'analyse de 50 plantes vulgaires et formant un traité com-
plet d'organographie et de physiologie végétales, à l'usage des étudiants
et des gens du monde; par M. EMM. LEMAOUT. Deuxième édition, 1 volume
grand in-8 raisin, illustré d'un atlas de 50 planches et de 700 figures
dans le texte. Avec atlas noir. 10 fr.
— Colorié. 16 fr.

ATLAS ÉLÉMENTAIRE DE BOTANIQUE

Avec le texte en regard, comprenant l'organographie, l'anatomie et l'i-
conographie des familles d'Europe, à l'usage des étudiants et des gens
du monde; par M. LEMAOUT. 1 volume in-4, contenant 2,340 figures des-
sinées par MM. STEINHEIL et J. DECAISNE. Br. 15 fr.

DES FUMIERS CONSIDÉRÉS COMME ENGRAIS

Par M. J. P. L. GIRARDIN, professeur de chimie à l'École municipale de Rouen et à l'École d'agriculture et d'économie rurale de la Seine-Inférieure, correspondant de l'Institut de France, de la Société centrale d'agriculture de Paris, etc. Cinquième édition, revue, corrigée et augmentée; avec 14 figures dans le texte. 1 fr. 25

Ouvrage adopté par le Conseil général de la Seine-Inférieure, par la Société centrale d'agriculture de Rouen, par l'Association normale, et couronné par la Société d'agriculture du Cher.

MANUEL DE GÉOLOGIE ÉLÉMENTAIRE

Ou changements anciens de la terre et de ses habitants, tels qu'ils sont démontrés par les monuments géologiques, par SIR CH. LYELL, membre de la Société royale de Londres. Traduit de l'anglais par M. HUGARD, aide de minéralogie au Muséum d'histoire naturelle. 2 forts volumes in-8, illustrés de 720 figures. 20 fr.

— Supplément au manuel de géologie. 1 fr. 25

PRINCIPES DE GÉOLOGIE

Ou illustrations de cette science empruntées aux changements modernes que la terre et ses habitants ont subis; par CH. LYELL, esq., ouvrage traduit de l'anglais sur la sixième édition, et sous les auspices de M. Arago, par madame TULLIA MEULIEN, traducteur des *ÉLÉMENTS DE GÉOLOGIE*, du même auteur. 4 forts vol. in-12, ornés de cartes coloriées, de vignettes sur acier et de grav. sur bois, cartonnés en toile anglaise. . . 30 fr.

GÉOLOGIE APPLIQUÉE

Ou Traité du gisement et de l'exploitation de minéraux utiles, par M. A. BURAT, ingénieur, professeur de géologie et d'exploitation des mines à l'École centrale des Arts et Manufactures. Quatrième édition, divisée en deux parties: — *Géologie*; — *Exploitation*. 2 forts vol. in-8, illustrés. 20 fr.

DE LA HOUILLE

Traité théorique et pratique des combustibles minéraux; par M. A. BURAT. 1 fort vol. in-8, orné de planches gravées sur acier et de nombreuses vignettes intercalées dans le texte. 12 fr.

L'étude des combustibles minéraux, et surtout du terrain houiller dans lequel ces combustibles sont presque tous concentrés, est une des branches les plus importantes de la géologie. Le terrain houiller forme un lien entre la science et l'industrie; car, si la découverte d'une mine est une conquête industrielle, elle ne fait pas moins d'honneur à la science, puisqu'on ne peut entreprendre aucune recherche utile sans prendre pour guide les travaux géologiques.

TRAITÉ D'HYDRAULIQUE

A l'usage des Ingénieurs, par *le même*. Deuxième édition, considérablement augmentée. In-8, avec planches gravées. 10 fr.

TRAITÉ ÉLÉMENTAIRE DES CHEMINS DE FER

Par M. A. PERDONNET, ancien élève de l'École polytechnique, professeur à l'École centrale des Arts et Manufactures, membre du comité de direction du chemin de fer de l'Est. 2^e édition. 2 très-forts vol. in-8 de 700 à 800 pages, illustrés de portraits et vues pittoresques gravés sur acier, de cartes géographiques, et d'un très-grand nombre de figures intercalées dans le texte. Broché. 30 fr.

BIOGRAPHIE UNIVERSELLE

BIOGRAPHIE PORTATIVE UNIVERSELLE, contenant 29,000 noms, suivie d'une table chronologique et alphabétique, où se trouvent répartis en cinquante-quatre classes différents les noms mentionnés dans l'ouvrage, par L. LALANNE, L. RENIER, TH. BERNARD, CH. LAUMIER, E. JANIN, A. DELLOYE, etc. 1 vol. de 1,000 pages, contenant la matière de 12 vol., 12 fr.; net. 9 fr.

UN MILLION DE FAITS

A de-mémoire universel des sciences, des arts et des lettres, par MM. J. AYCARD, DESPORTES, LÉON LALANNE, LUDOVIC LALANNE, GERVAIS, A. LE PILEUR, CH. MARTINS, CH. VERGÉ et JUNG.

MATIÈRES TRAITÉES DANS LE VOLUME :

Arithmétique. — Algèbre. — Géographie élémentaire, analytique et descriptive — Calcul infinitésimal. — Calcul des probabilités. — Mécanique. — Astronomie — Tables numériques et moyens divers pour abrégier les calculs. — Physique générale. — Météorologie et physique du globe. — Chimie. — Minéralogie et géologie. — Botanique. — Anatomie et physiologie de l'homme. — Hygiène. Zoologie. — Arithmétique sociale. — Technologie (arts et métiers). — Agriculture. — Commerce. — Législation. — Art militaire. — Statistique. — Philosophie. — Philologie. — Paléographie. — Littérature. — Beaux-Arts. — Histoire. — Géographie. — Ethnologie. — Chronologie. — Biographie. — Mythologie. — Education. Un fort vol. petit in-8, de 1,720 col., orné de grav., 12 fr.; net. . . 9 fr.

PATRIA

La France ancienne et moderne, morale et matérielle, ou collection encyclopédique et statistique de tous les faits relatifs à l'histoire physique et intellectuelle de la France et de ses colonies. 2 forts vol. petit in-8, de 3,200 col. de texte, y compris plus de 500 col. pour une table analytique des matières, une table des figures, un état des tableaux numériques, et un index alphabétique; ornés de 350 grav., de cartes et de planches col., et contenant la matière de 16 forts vol. in-8., 18 fr.; net. . . 9 fr.

NOMS DES PRINCIPAUX AUTEURS :

MM. J. AYCARD, prof. de physique à l'École polytechnique; A. DELLOYE, élève de l'École des Chartes; DENNE-ARON; DESPORTES; PAUL GERVAIS, docteur ès sciences; JUNG; LÉON LALANNE, ingénieur des ponts et chaussées; LUDOVIC LALANNE; LE CHATELIER, ing. des mines; A. LE PILEUR; CH. LOUANDRE; CH. MARTINS, docteur ès sciences, prof. à la Faculté de médecine de Paris; VICTOR RAULIN, prof.; P. RÉGNIER, de la Comédie-Française; LÉON VAUDORNE, architecte du gouvernement; CH. VERGÉ, avocat à la cour impériale de Paris.

DIVISION PRINCIPALE DE L'OUVRAGE :

Géographie physique et mathématique, physique du sol, météorologie, géologie, géographie botanique, zoologie, agriculture, industrie minérale, travaux publics, finances, commerce et industrie, administration intérieure, état maritime, législation, instruction publique, géographie médicale, population, ethnologie, géographie politique, paléographie et numismatique, chronologie et histoire, histoire des religions, langues anciennes et modernes, histoire littéraire, histoire de l'agriculture, histoire de la sculpture et des arts plastiques, histoire de la peinture et des arts du dessin; histoire de l'art musical; histoire du théâtre, colonies, etc.

Ces trois ouvrages réunis forment une véritable Encyclopédie portative. Le savoir est aujourd'hui tellement répandu, qu'il n'est plus permis de rien ignorer; mais, la mémoire la plus exercée ne pouvant que bien rarement retenir tous les détails de la science, ces ouvrages sont pour elle d'un secours précieux, et sont surtout devenus indispensables à tous ceux qui cultivent les sciences ou qui se livrent à l'instruction de la jeunesse.

PRIX DE LA RELIURE DE CES TROIS OUVRAGES :

Cartonnage à l'anglaise, en sus par vol. 1 fr.
Demi-rel., maroquin soigné, en sus par vol. 2 fr.

ENCYCLOPÉDIE THÉORIQUE ET PRATIQUE DES CONNAISSANCES UTILES

Composée de traités sur les connaissances les plus indispensables; ouvrage entièrement neuf, avec environ 1,500 gravures intercalées dans le texte, par MM. ALCAN, ALBERT-AUBERT, L. BAUDE, BELLANGER, BERTHELFT, AM. BURAT, CHENU, DEBOUTTEVILLE, DELAFOND, DEYEUX, DUBREUIL, FABRE D'OLIVET, FOUCAULT, H. FOURNIER, GÉNIN, GIGUET, GIRARDIN, LÉON LALANNE, LUDOVIC LALANNE, ELIZÉ LEFÈVRE, HENRI MARTIN, MARTINS, MATHIEU, MOLL, MOREAU DE JONNÈS, PÉCLET, PERSOZ, LOUIS REYBAUD, TRÉBUCHET, L. DE WAILLY, WO. LOWSKI, etc. 2 volumes grand in-8. 25 fr.
Reliure demi-chagrin, le volume. 5 fr.

ENSEIGNEMENT ÉLÉMENTAIRE UNIVERSEL

Ou Encyclopédie de la jeunesse. Ouvrage également utile aux jeunes gens, aux mères de famille, aux personnes qui s'occupent d'éducation et aux gens du monde; par MM. ANDRIEU DE BRIOUDE, docteur en médecine, et LOUIS BAUDE, professeur au collège Stanislas. 1 seul vol. grand in-8, contenant la matière de 6 vol., enrichi de 400 gravures servant d'explication au texte. Broché, 10 fr.; net. 6 fr.

L'ILLUSTRATION

34 vol. (1842-1859), ornés de plus de 6,900 gravures sur tous les sujets actuels. Evénements politiques, fêtes et cérémonies religieuses, portraits des personnages célèbres, inventions industrielles, vues pittoresques, cartes géographiques, compositions musicales, tableaux de mœurs, scènes de théâtre, monuments, costumes, décors, tableaux, statues, modes, caricatures, etc., etc. Le vol. broché 18 fr.

SÉRIE DE LA GUERRE DE CRIMÉE

Des Indes, de la Chine, de la Cochinchine et de l'Italie Six années. 12 volumes (tomes XXIII à XXXIV). Le vol. 16 fr.

Nos traités nous permettent d'offrir ces douze volumes à des conditions extrêmement favorables.

Ces douze volumes forment à eux seuls l'ensemble le plus complet de l'histoire des six dernières années. Nulle part on ne trouve un récit plus détaillé, une représentation plus complète et plus variée des faits de guerre accomplis en Crimée. Les événements de l'Inde, de la Chine et de l'Italie, etc., ont eu jusqu'aujourd'hui leur place dans ces derniers volumes.

Les éditeurs ont pris leurs mesures de telle sorte, que les tomes XXIII à XXXIV peuvent être fournis dès à présent.

Reliure en percaline, fers, et tranches dorées. 6 fr. par vol.

Comme il nous reste très-peu d'exemplaires complets de la collection de l'Illustration et que parmi les volumes dépareillés plusieurs sont épuisés, nous prions MM. les libraires de ne pas vendre de volumes sans s'être assurés s'ils pourront les remplacer.

TABLEAU DE PARIS

Par EDMOND TEXIER; ouvrage illustré de 1.500 gravures, d'après les dessins de BLANCHARD, CHAM. CHAMPIN, FOREST, FRANÇAIS, GAVARNI., etc., etc 2 vol. in-41. du format de l'Illustration. 50 fr.

Reliure riche, dor. sur tranche, mosaïque, avec les armoiries de la ville de Paris.
Le volume. 5 fr.

**TABLEAU HISTORIQUE, POLITIQUE ET PITTORESQUE
DE LA TURQUIE ET DE LA RUSSIE**

Par MM. JOUBERT et FÉLIX MORNAND. 1 vol. in-folio (format de l'*Illustration*), orné d'une carte et d'un gr. no. bre de vignettes, 7 fr. 50; net. 6 fr.
Reliure percaline anglaise, dor. sur tranche. 4 fr.

VOYAGE ILLUSTRE DANS LES CINQ PARTIES DU MONDE

De 1846 à 1849, par ADOLPHE JOANNE. 1 vol. in-folio (format de l'*Illustration*), illustré d'environ 700 gravures. 15 fr.
Relié toile, tranche dorée. 20 fr.

**GALERIE DE PORTRAITS POUR LES MÉMOIRES DU DUC
DE SAINT-SIMON**

S'adaptant à toutes les éditions. La Galerie de portraits de Saint-Simon se compose de 38 portraits représentant les personnages les plus célèbres du temps et gravés avec une exactitude remarquable, d'après les tableaux originaux du Musée de Versailles. La collection forme 10 livraisons. Prix de la livraison. 1 fr.

GALERIE DE PORTRAITS

Pour les Mémoires de TALLEMANT DES RÉAUX. La galerie se compose de 10 portraits représentant les personnages les plus célèbres du temps et gravés avec une exactitude remarquable, d'après les tableaux originaux du Musée de Versailles. La collection forme 3 livraisons. Prix de la livraison. 1 fr.

GALERIE DE FEMMES CÉLÈBRES

Tirée des Causeries du lundi, par M. SAINTE-BEUVE, de l'Académie française. 1 beau vol. gr. in-8 jésus, orné de 12 magnifiques portraits dessinés par STAAL et gravés sur acier par MASSARD, THIBAUT, GOUTTIÈRE, GEOFFROY, GERVAIS, OUTHWAITE, etc. 20 fr.

Un texte délicieux, chef-d'œuvre de grâce et de délicatesse, une typographie magnifique, rehaussée par toutes les splendeurs du dessin et de la gravure, se réunissent pour assigner à ce volume une place d'honneur et de prédilection dans la bibliothèque des dames et des demoiselles, et dans celle de tous les hommes de goût, de tous les amateurs de beaux livres.

LES ÉTOILES DU MONDE

Galerie historique des femmes les plus célèbres de tous les temps et de tous les pays, avec dix-sept magnifiques gravures anglaises et un frontispice, d'après les dessins de STAAL. Le texte, par MM. ALEXANDRE DUMAS DUFAY, D'ARAQUY, DE GENROPT, MISS CLARKE, etc., etc., offre une lecture des plus intéressantes et des plus variées. Ce livre, destiné à un succès de vogue, est un des plus beaux cadeaux qui puissent être offerts. 1 superbe vol. grand in-8 jésus. 20 fr.

Reliure des 2 vol. ci-dessus, toile mosaïque, fers spéciaux. 6 fr.

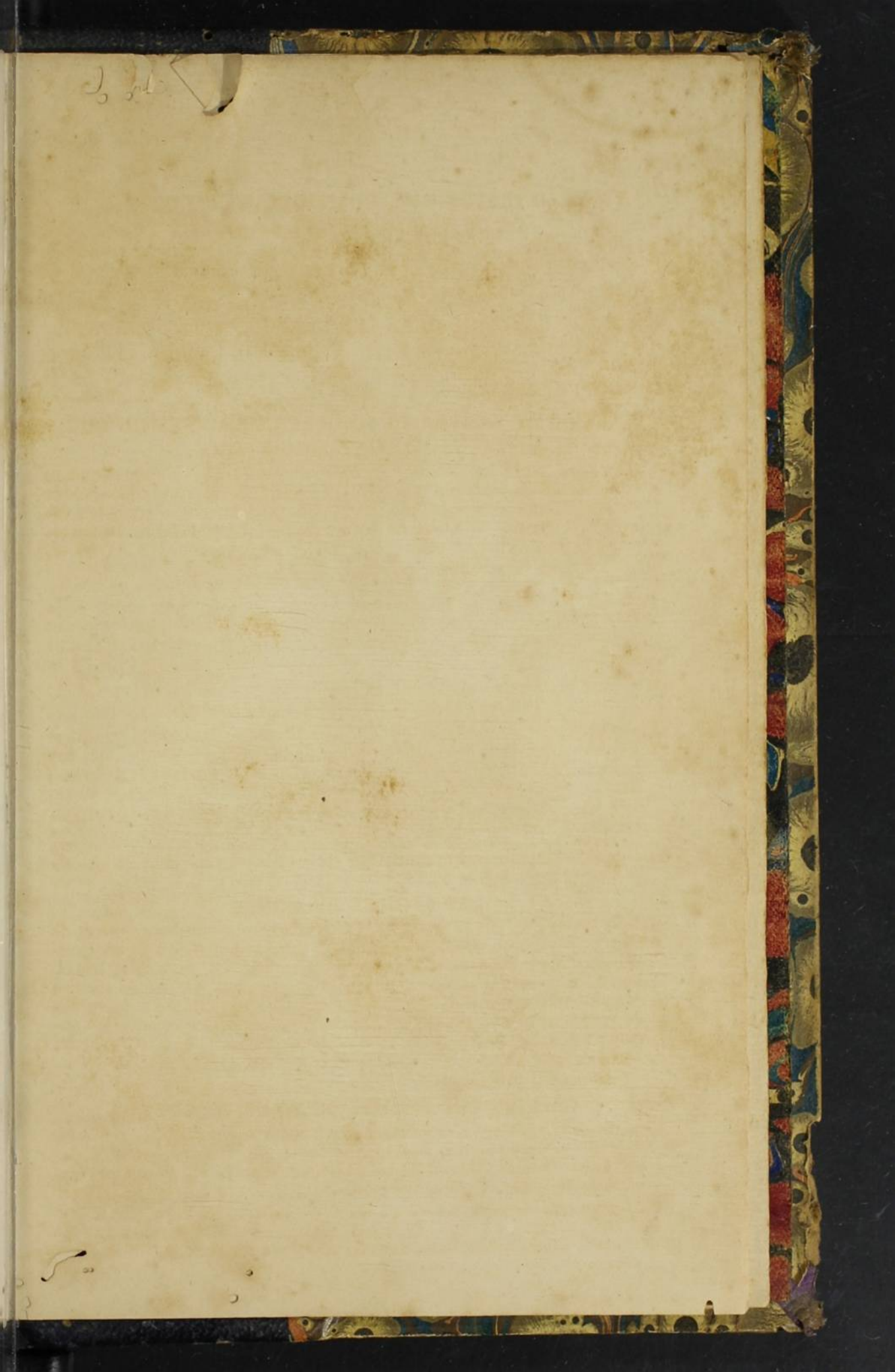
Demi-reliure, plats toile dorée. 6 fr.

GALERIE DES FEMMES DE WALTER SCOTT

Illustrée de 28 portraits gravés sur acier par les plus célèbres graveurs anglais; le texte par MM. DUMAS, EMILE SOUVESTRE, FRÉDÉRIC SOULIÉ, J. JANIN, LOUIS REYBAUD, MICHEL MASSON; mesdames A. TASTU, DESBORDES-VALMORE, ELISA VOÏART. 1 vol. grand in-8. 10 fr.

Reliure toile mosaïque, t. d. 5 fr.

23



18538

